

UNIVERSIDADE DE TAUBATÉ

André Rovegno

**MAYOMBE, MICROCOSMO DA NAÇÃO ANGOLANA:
FRAGMENTAÇÃO TRIBAL E UNIDADE REVOLUCIONÁRIA**

Taubaté - SP

2020

André Rovegno

**MAYOMBE, MICROCOSMO DA NAÇÃO ANGOLANA:
FRAGMENTAÇÃO TRIBAL E UNIDADE REVOLUCIONÁRIA**

Trabalho de Graduação apresentado
como requisito parcial para a conclusão do
Curso de Letras: Língua Portuguesa, Língua
Inglesa e respectivas Literaturas (Licenciatura)
da Universidade de Taubaté.

Orientadora: Profa. Me. Thais
Travassos

Taubaté - SP

2020

**Grupo Especial de Tratamento da Informação – GETI
Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBi
Universidade de Taubaté - UNITAU**

R873m Rovegno, André
Mayombe, microcosmo da nação angolana : fragmentação
tribal e unidade revolucionária / André Rovegno. -- 2020.
107 f.

Monografia (graduação) - Universidade de Taubaté,
Departamento de Ciências Sociais e Letras, 2020.
Orientação: Profa. Ma. Thais Travassos, Departamento de
Ciências Sociais e Letras.

1. Literatura angolana. 2. Pepetela, 1941 -. Mayombe.
3. Angola – história. I. Universidade de Taubaté. Departamento de
Ciências Sociais e Letras. Curso de Letras. II. Título.

CDD – 869.8991

André Rovegno

**MAYOMBE, MICROCOSMO DA NAÇÃO ANGOLANA: FRAGMENTAÇÃO
TRIBAL E UNIDADE REVOLUCIONÁRIA**

Trabalho de Graduação apresentado como
requisito parcial para a conclusão do Curso de Letras:
Língua Portuguesa, Língua Inglesa e respectivas
Literaturas (Licenciatura) da Universidade de
Taubaté.

Orientadora: Profa. Me. Thais Travassos

Data: ___/___/___

Resultado: _____

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. _____

Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Assinatura: _____

Dedico este estudo a todos aqueles, homens, mulheres, pirralhos e pirralhas, que, nestes tempos sombrios, com a mesma coragem e determinação dos guerrilheiros do MPLA, com o sacrifício de suas vidas até, não só em África, no Brasil, na América do Norte ou em Belarus, mas por todo o mundo, lutam sem armas contra a opressão, pela igualdade, pela fraternidade, pela solidariedade, pela paz e pela justiça. Àqueles que acreditam num mundo de entendimento, de respeito, de verdade e de luz. Num mundo de paz e amor, em que ainda existam florestas como o Mayombe, à sombra das quais se possa festejar a grandeza da Natureza.

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar à Professora Thais Travassos, não só por não ter desistido de mim ao longo das idas e vindas do meu (extenso) processo de gestação do trabalho, mas também por ter sido parte decisiva, ao longo do curso de graduação em Letras, de uma espécie de novo despertar que em mim se fez para a literatura. A ela agradeço pelo astral, pela disponibilidade, pela postura de mestra, guia e incentivadora, sem as quais talvez eu tivesse desistido desta empreita neste sinistro ano de 2020, em que o mundo se viu diante dos horrores da pandemia.

Agradeço também ao Professor Luzimar Goulart Gouvêa por ter sido não apenas parte do processo de despertar a que me referi, mas também um amigo e um modelo.

Estendo ainda meu agradecimento à bibliotecária Luciene Lopes da Costa Rêgo pela elaboração da impecável Ficha Catalográfica.

Aos Professores, demais funcionários e colegas do curso de Letras da UNITAU, que, inconscientemente, muito representaram na fase difícil da minha vida em que iniciei e desenvolvi esta graduação.

No que se refere aos colegas, não poderia deixar de mencionar, dentre tantos que valeram muito ter conhecido, especialmente Erick, Cauan, Fábio, Gabriel, Antonio, Gabriela e Mayla, que, com suas doces juventudes, me mostraram novamente os caminhos da alegria e da esperança. Em que pese a diferença de uma geração a nos separar, tenho certeza de que aprendi demais com cada um deles, não só sobre as Letras, mas sobre o mundo.

Por fim, agradeço à minha família, meus pais, irmãs (à Lu também pelo Abstract), sobrinhos, esposa e filhos, que, ao longo da minha vida tem sido uma base, uma referência, um modelo, onde sempre se renovam minhas esperanças na justiça, na correção, na honestidade, na honradez, na delicadeza, na fraternidade e no Amor.

RESUMO

O trabalho aqui apresentado pretendeu analisar o romance *Mayombe*, de Pepetela, buscando dele extrair seu conteúdo essencial, seu aspecto mais significativo, aquele que Fábio Akcelrud Durão chama de hipótese interpretativa. Dentro dessa perspectiva, identificamos o vetor estrutural do romance como sendo composto pelo antagonismo de forças entre a fragmentação tribal e a união em torno do ideal comum, ou seja, a expulsão do colonizador português e o consequente fim do sistema de espoliação caracterizador de toda empresa colonial. Além disso, com base nos posicionamentos pessoais do autor do romance, sustentamos que essa visão, isto é, o antagonismo de forças, transposto para a ficção, correspondia à sua forma de enxergar a nação angolana no período em que se passa a história, ou seja, o contexto em que se desenvolve a trama ficcional coincide com aquele contexto vislumbrado pelo autor na realidade angolana de então. A fim de demonstrar nossa hipótese interpretativa, buscaram-se no texto os elementos indicativos tanto da fragmentação tribal e de suas consequências nefastas para o movimento de libertação de Angola quanto os dados reveladores de que a busca da independência e a expulsão do explorador eram capazes de produzir uma força aglutinadora que fizesse frente à tensão étnica. Os dados mais significativos da fragmentação tribal e da tensão dela decorrente foram identificados na construção dos personagens e na forma de estruturação da voz narrativa, que é compartilhada entre um narrador principal e narradores secundários, personagens que recebem a voz do narrador titular. Também no enredo se identificaram elementos indicativos da fragilidade provocada no movimento revolucionário pela fragmentação tribal, embora, também no enredo estivessem presentes diversas passagens sinalizadoras da potência representada pelo ideal libertador comum. Finalmente, sustentou-se que a floresta do Mayombe, que dá nome ao romance, funciona como uma representação microcós mica da Angola da época, reunindo no seu seio os principais elementos étnicos que compõe a nação como um todo e reproduzindo, em escala reduzida, os conflitos e esperanças do país de então.

Palavras-chave: Angola. Mayombe. Personagens. Tribalismo. Revolução.

ABSTRACT

The work presented here aimed to analyse Pepetela's novel *Mayombe*, seeking to extract from it its essential content, its most significant aspect, that which Fabio Akcelrud Durão calls an interpretative hypothesis. Within this perspective, we identify the structural vector of the novel as being composed by the antagonism of forces between tribal fragmentation and the union around the common ideal, that is, the expulsion of the Portuguese colonizer and the consequent end of the spoliation system that characterizes all colonial enterprises. Furthermore, based on the personal positions of the author of the novel, we maintain that this vision, that is, the antagonism of forces, transposed to fiction, corresponded to his way of seeing the Angolan nation in the period in which the story takes place, that is, the context in which the fictional plot develops coincides with that context glimpsed by the author in the Angolan reality of the time. In order to demonstrate our interpretative hypothesis, elements indicating both tribal fragmentation and its harmful consequences for Angola's liberation movement and the evidence that the search for independence and the expulsion of the explorer were capable of producing a binding force to confront ethnic tension were sought in the text. The most significant data on tribal fragmentation and the resulting tension were identified in the construction of the characters and in the form of structuring of the narrative voice, which is shared between a lead narrator and secondary narrators, characters who receive the voice of the lead narrator. The plot also identified elements indicating the fragility caused in the revolutionary movement by tribal fragmentation, although the plot also contained several passages signaling the power represented by the common liberating ideal. Finally, it was argued that the *Mayombe* forest, which gives the novel its name, functions as a microcosmic representation of the Angola of the time, bringing together the main ethnic elements that make up the nation as a whole and reproducing, on a small scale, the conflicts and hopes of the country of the time.

Keywords: Angola. *Mayombe*. Characters. Tribalism. Revolution.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 A BUSCA PELA ESSÊNCIA DO TEXTO LITERÁRIO	14
1.1 Estudos literários e interpretação	17
2. A HIPÓTESE INTERPRETATIVA DE <i>MAYOMBE</i>	21
3 PEPETELA, COLONIALISMO E REVOLUÇÃO EM ANGOLA	26
3.1 Fragmentação tribal e tensão racial em Angola	26
3.2 Colonialismo em Angola	35
3.3 Revolução angolana	39
3.4 A intelectualidade angolana, Pepetela e sua trajetória pessoal	43
4 O ANTAGONISMO DE FORÇAS NO PROCESSO REVOLUCIONÁRIO ANGOLANO E SUA MANIFESTAÇÃO NO ROMANCE	49
4.1 As manifestações da força centrífuga	51
4.1.1 Construção dos personagens	52
4.1.1.1 Teoria, a questão do mulato	53
4.1.1.2 O Comissário Político, a consciência revolucionária	55
4.1.1.3 Mundo Novo, personagem inspirado em seu próprio criador?	60
4.1.1.4 Comandante Sem Medo, o Prometeu Africano?	62
4.1.1.5 Milagre, a visão tribal sectária e ressentida	68
4.1.1.6 Muatiânvua, o desenraizado	71
4.1.1.7 Lutamos, o isolado	72
4.1.1.8 Ekuikui, outro isolado	74
4.1.1.9 O Chefe de Operações, outro tribalista ressentido	75
4.1.2 O narrador	77
4.1.3 Manifestações no enredo	79
4.1.3.1 A captura de Muatiânvua	81
4.1.3.2 A apropriação do dinheiro dos prisioneiros cabindas	82
4.1.3.3 O uso do idioma português e os prisioneiros cabindas	84
4.1.3.4 A fome na base e a desestabilização do comando	86
4.1.3.5 A traição de Ondina e o desvio e conduta de André	88
4.1.3.6 A fuga de Ingratidão do Tuga	90
4.1.3.7 Outras manifestações da força centrífuga no enredo	91

4.2 As manifestações da força centrípeta	91
4.2.1 O “tuga”	97
4.3 A floresta do Mayombe como microcosmo do espaço angolano	98
CONCLUSÃO	100
REFERÊNCIAS	106

INTRODUÇÃO

No segundo semestre do ano de 2018, o Professor de Literatura Portuguesa da Universidade de Taubaté Luzimar Goulart Gouvêa propôs aos seus alunos que trabalhássemos sobre o tema “Literatura e Revolução”, devendo cada aluno produzir ao menos um artigo que se ajustasse a essa proposta.

Diante dos pedidos dos alunos, alguns ainda um pouco indecisos sobre a escolha do tema exato, ele mesmo sugeriu alguns autores e livros, ressaltando, contudo, a absoluta liberdade para que cada aluno procurasse aquilo que lhe falasse mais alto, desde que, obviamente, estivesse no universo temático proposto.

Dentre as suas sugestões, chamou-me a atenção a ideia de trabalhar com a literatura angolana – que eu desconhecia por completo até então – e o nome de Pepetela, pela simples e aleatória razão da sua sonoridade um tanto singular, me fez debruçar sobre *Mayombe*, um de seus romances mais importantes. Minha reação foi de deslumbramento.

Não pretendo aqui discorrer sobre as relações que se estabelecem entre texto e leitor, mas é certo que existem em *Mayombe* diversos elementos que me fascinam enquanto tal. Detecto de forma consciente dois deles: a questão das fragmentações populacionais, sejam elas por motivos religiosos, ideológicos ou raciais e a reação à opressão. Imagino que muitas outras razões existam que caem fundo na minha individualidade, tal foi minha identificação com esse texto. Mas as outras pertencem a regiões menos sondáveis do meu espírito.

Ao longo da primeira leitura do romance, destinada à produção do artigo, já se mostrou evidente que seria difícil não me valer desse livro para o trabalho de graduação. E essa certeza apenas aumentou com o avanço das reflexões que levaram à produção do artigo.

Havia, contudo, uma indagação profunda que me incomodava de forma permanente e para a qual até então eu não havia encontrado solução plenamente satisfatória, ainda que a procurasse de forma quase obstinada. Depois de passar cerca de trinta anos da minha vida, trabalhando com – e estudando – o Direito, era difícil para mim identificar com exatidão em que aspectos se centrava a validade e utilidade do estudo de um documento literário enquanto produto acadêmico, isto é, eu não enxergava claramente como proceder a uma análise de uma obra literária que pudesse ser rica e produtiva dentro do espaço universitário, onde se busca um conhecimento útil e socialmente aproveitável.

Foram muitas as buscas que empreendi nesse sentido, mas, para essa resposta a colaboração decisiva veio do contato com o ideário de Fábio Akcelrud Durão, exposto no seu

livro *Metodologia de pesquisa em literatura*, em que ele fala sobre a busca, pelo pesquisador, da extração do sumo significativo da obra, de seu conteúdo essencial, daquilo que, uma vez explicitado, lance luzes sobre a leitura do texto. Essa busca, ainda segundo Durão (2020) se faz através da identificação da hipótese interpretativa do texto, que, como o próprio Durão afirma, é algo de difícil conceituação. A identificação desse conteúdo essencial, contudo, poderia ser percebida quando alcançada, porque “grudaria” no texto de forma tão intensa que pareceria estranho aceitar que houve um momento anterior, quando essa ideia ainda não estava colocada.

Após a leitura desse trabalho de cunho metodológico, saltou diante de mim aquilo que eu já sentia, mas ainda não havia conseguido organizar mentalmente: minha hipótese interpretativa já existia e já se tinha a mim apresentado durante a leitura. E essa percepção era a de que a história se estruturava sobre um antagonismo de fatores que, na visão do próprio autor, perpassava o processo real de independência do país. Assim, Pepetela teria transposto para o universo ficcional a tensão de base que ele mesmo enxergava na sociedade angolana da época da luta pela independência: o choque entre a fragmentação tribal como fator de desunião e a comunhão de um ideal comum, a expulsão do invasor e a construção de um país livre para seu povo, como fator de aglutinação.

Essa análise, além de desempenhar a função típica dos estudos literários, ou seja, além de identificar aquilo que se mostrou como o conteúdo mais significativo do romance e que, nesses termos, seria capaz (assim espero) de lançar luzes para a sua compreensão, ainda teria o condão de, atuando no espaço de cruzamento entre literatura e História Política e Social, revelar algo sobre o processo de independência angolano, haja vista que o contexto do romance, a base sobre a qual o autor cria sua trama ficcional, parece ser a forma como o próprio Pepetela enxergava o processo revolucionário real em seu país.

Isso obviamente não significa negar o caráter fictício da obra, mas apenas afirmar o fato incontestável de que “o trajeto de certo romance passa, programaticamente, pelo percurso da história, enviando a uma leitura da história feita pela literatura” (SANTILLI, 2009, p. 102). Como se tem destacado, em especial nos países pobres, com instâncias de produção científica em estado de raquitismo, como é o caso de Angola, a literatura tem muito a contribuir na própria escritura do processo histórico. Portanto, além da contribuição estritamente literária, no sentido de que se acredita que a exposição e aprofundamento de nossa hipótese interpretativa possam auxiliar no processo de esclarecimento do texto, a pesquisa ora apresentada teria ainda a aptidão de extrair do texto uma visão do processo histórico angolano, no período pré-revolução, tal qual compreendido por um dos expoentes de sua intelectualidade.

O relato formal de parte desse percurso mental por mim experimentado ocupa os dois primeiros capítulos do presente estudo. No primeiro, expõe-se, basicamente, a forma com Durão (2020) enxerga a pesquisa em literatura, lançando-se ali as bases norteadoras de nossa reflexão.

No Capítulo 2, fazemos a exposição minuciosa de nossa hipótese interpretativa do romance, a que já fizemos referência nos parágrafos antecedentes.

No Capítulo 3, por seu turno, traçamos um estudo essencialmente extraliterário (ainda que com o olhar voltado para o romance, chamando a atenção para as ligações com ele estabelecidas), que nos parece indispensável para que o leitor possa compreender as razões que embasam nossa hipótese interpretativa de *Mayombe*. Assim, procedeu-se inicialmente a um breve traçado social da Angola do período em que se passa a história, tratando da sua inquietação étnica, da questão do branco metropolitano e do branco angolano, da população mestiça e, finalmente, dos nativos negros, que, longe de formarem um grupo homogêneo, dividiam-se em tribos rivais e frequentemente inimigas.

Ainda no Capítulo 3, dentro do mesmo espírito de exposição de dados históricos e sociais fundamentais para a compreensão da trama e de nossa hipótese interpretativa, fizemos referência ao processo colonial a que Angola foi submetida pela metrópole portuguesa, bem como traçamos as linhas gerais do processo de independência, com destaque para o conhecimento do MPLA, movimento ao qual pertencem os personagens de *Mayombe*.

A última seção do Capítulo 3 foi destinada a conhecer um pouco da intelectualidade da Angola de então, do sentimento de busca da identidade nacional que marcou aquele período (e que, em certa medida, se faz presente em *Mayombe*), da esperança e do comprometimento dos seus homens de letras e, ainda, de forma mais específica, do pensamento pessoal do indivíduo Pepetela.

Por fim, no Capítulo 4, debruçamo-nos diretamente sobre o texto, voltando-nos com detalhe para sua materialidade. Todo o romance foi esquadrihado, na busca da identificação de todos (ou, pelo menos, dos mais significativos) os indicativos dos elementos sobre os quais entendíamos que o texto estava estruturado, ou seja, a fragmentação tribal e a unidade revolucionária, em relação de permanente contrariedade, como forças que disputam entre si o domínio de um espaço.

Para tanto examinamos os principais personagens, o narrador e as passagens do enredo. Observamos a relativa simplicidade da trama e, ao contrário, a riqueza e complexidade dos personagens. Ressaltamos as diversas passagens do texto onde se mostra a tensão entre as

forças que mencionamos, de forma que, em nosso entender, foi possível comprovar a importância central desses elementos na essência do romance.

O trabalho revelou que existem outras dicotomias no texto em estudo que podem merecer apreciação no ambiente acadêmico, em especial o choque que se estabeleceu no seio do MPLA entre as bases camponesas e seus quadros, intelectualizados estes muitas vezes através de anos de estudo na Europa, mas vistos pelas primeiras como alienados da realidade palpável. À medida em que a leitura avançou, percebemos que esse também é um fator de relevo dentro da construção das tensões do texto.

A leitura também nos convidou a um mergulho mais profundo na personagem de Sem Medo, para o qual este trabalho e esta proposta não guardavam espaço. Revelou-se particularmente interessante o aprofundamento do significado do mito de Prometeu no romance, partindo da (nossa) hipótese de que é o Comandante Sem Medo a figura evocada quando, no preâmbulo (e em mais algumas passagens ao longo de *Mayombe*), o autor faz referência a Ogum, a quem chama de Prometeu africano. Parece-nos que seria bastante proveitoso um estudo que adentrasse as pesquisas sobre o mito em pauta de forma a buscar um paralelo minucioso com o texto, confirmando ou não (e no primeiro caso demonstrando) ser a referência ao Prometeu africano direcionada ao personagem Sem Medo.

Uma terceira linha de reflexão que penso seja aberta pela leitura de *Mayombe* é a do traçado de um paralelo com o romance *Geração da utopia*, do próprio Pepetela, no qual ele se debruça sobre a fase seguinte da História angolana, os anos que se seguiram à independência. Em *Mayombe* há muita esperança, mas há, também, algumas vozes, particularmente a de Sem Medo, que já se levantam ali para alertar que a revolução não produziria o sonho por muitos sonhado, mas que traria inúmeras outras dificuldades e frustrações.

Por fim, gostaria de deixar registrado o fato de que todo esse percurso me fez constatar que há um universo transbordante de possibilidades literárias aguardando os leitores de língua portuguesa no continente africano, sendo fundamental que nosso leitor comum (e não apenas o estudante ou estudioso das Letras) possa cada vez mais ser apresentado a esse riquíssimo manancial. No que se refere à literatura angolana em particular, me parece que há uma “alma” extremamente instigante para o leitor brasileiro.

1 A BUSCA PELA ESSÊNCIA DO TEXTO LITERÁRIO

Os estudos literários sofrem há muito tempo um certo estigma no sentido de que sua adequação à ideia de ciência é questionável. Assim, à literatura, arte que é – arte com o uso da palavra e da língua –, seria defeso dedicar um análise de cunho verdadeiramente acadêmico (tomando-se a academia como o local próprio para o estudo baseado no método típico das ciências da natureza)¹, sendo mais acertado enxergar, no seu estudo, o mero desenvolvimento de um olhar, o relato, por assim dizer, de uma fruição estética.

Inegável que o texto literário pode ser apreciado a partir de um olhar de deleite, mas, também é certo que pode e deve a academia dedicar-se a seu estudo². Fábio Akcelrud Durão (2016, p. 38-39) observa que a “literatura por definição não pode dizer o que é (de novo porque se o dissesse deixaria de ser arte e ficção)”, portanto, “precisa de uma escrita que a caracterize como tal, que a diga”, ao que acrescenta que é equívoco “postular alguma espécie de incompatibilidade entre literatura e pesquisa, como se imaginação e ciência fossem antitéticas” (2020, p. 24). Ainda, segundo o mesmo autor, há que se perceber que:

[...] a entrada da literatura na universidade não ocorre de graça, pois o preço a pagar consiste na transformação da literatura em veículo de obtenção de conhecimento. [...] Não interessa o que você sentiu ao ler determinada obra, se gosta ou não dela; o que se espera, ao invés, é um saber específico produzido em troca do investimento realizado. O veículo de tal produção é a pesquisa e o seu princípio de base é simples: a geração de um conhecimento novo e significativo (2020, p. 20).

É certo que a profundidade dessa exigência varia de acordo com o nível em que se encontra o pesquisador. De acordo com Souza (2016, p. 112), enquanto daquele que produz uma tese de doutorado se espera a proposição de uma perspectiva nova e original, no outro extremo, num trabalho de graduação ou especialização, terá o pesquisador atingido os objetivos que dele se esperam se for capaz de apresentar uma classificação, ainda que não exaustiva, de material crítico-teórico sobre determinado tema, “isto é, um novo ordenamento de dados, pois a classificação referida não se encontra disponível nas fontes consultadas”.

¹ Embora exista uma linha de pensamento bastante disseminada nesse sentido, existem pensadores de relevo que têm posto em dúvida a neutralidade e centralidade do que normalmente se entende como método científico. A esse respeito sempre vale remeter o leitor às reflexões de Boaventura de Souza Santos (2018), que, tratando da crise daquilo que chama “paradigma emergente” entende estarmos diante de um momento de centralidade das ciências sociais antipositivistas.

² Como salienta Durão (2020, p. 24), as obras literárias “que valem a pena prestam-se ao raciocínio e a análise”.

Segundo Durão (2020, p. 22), a literatura, assim como ocorre com outros objetos de estudo no campo das humanidades, propicia um “alargamento da visão cientificista em ao menos dois aspectos da concepção de objetividade. O primeiro é a reprodutibilidade: algo só pode ser considerado objetivo caso se mantenha constante sob as mesmas condições”. O outro aspecto é o da temporalidade. Ao contrário das ciências da natureza, na quais o conhecimento antigo, quando superado, perde a importância, nos estudos literários, “o tempo passado é significativo e o antigo só é velho quando é irrelevante, quando não leva a nada de produtivo” (Durão, 2020, p. 22).

Para o referido autor, nos estudos literários, assim como em outros campos na área das humanidades, o convincente substitui o verificável. São possíveis leituras divergentes, análises contrastantes do mesmo objeto, sendo que “será a mais verdadeira aquela que for mais persuasiva, pois seus argumentos parecem ‘grudar’ mais no texto, conceder-lhe uma inteligibilidade mais reveladora” (DURÃO, 2020, p. 22). Não se deve perder de vista, por outro lado, que o passar do tempo, as mudanças socioculturais, econômicas e políticas podem fazer com que surjam novas leituras e renovados vieses interpretativos a respeito de determinado texto literário, muitos provavelmente nem mesmo imaginados pelo autor quando produziu sua obra. Daí afirmar Terry Eagleton que “um clássico da literatura, para alguns críticos, é não tanto uma obra de valor imutável, e sim uma obra capaz de gerar novos significados ao longo do tempo” (2019, p. 187), motivo pelo qual “pode-se escolher interpretar um texto de maneiras que ele não previa ou nem podia prever” (2019, p. 139). Por outro lado:

[...] quando a crítica não consegue mais apontar para algo de verdadeiramente novo e interessante em determinado autor, não importa o quão famoso ele seja, ele morre como objeto literário digno de nota. Em outras palavras, uma obra não é simplesmente grande. É preciso que a crítica mostre que ela ainda é capaz de falar ao nosso presente e que pode gerar surpresas (DURÃO, 2016, p. 16).

Como se pode perceber, os estudos de literatura permitem uma margem de liberdade ausente das pesquisas no campo das ciências da natureza. A busca do convincente é tarefa diferente da procura do verificável, envolvendo, em alguma medida, a sensibilidade e a argúcia perceptiva do pesquisador. Com o risco da imprecisão e sem a pretensão da definitividade da ideia, podemos sustentar que há, no estudo de um texto literário, uma busca pela sua essência (ou, talvez, pelos conteúdos essenciais), por aquilo que de mais significativo existe no seu âmago e que pode aclarar e enriquecer a forma como se enxerga referido texto. Nas palavras de Durão (2016, p. 20), o intérprete atua diante da obra na busca de “desvendar o

que há de fascinante nela”. Daí a importância da tarefa de *interpretar* (o texto literário no nosso caso), ausente em outros campos do conhecimento humano.

Mas é preciso cuidado, sob pena de desnaturar-se a própria razão de ser da pesquisa acadêmica. Como nos alerta Durão (2020, p. 23), a literatura aproxima-se da ciência e “tem sua objetividade intensificada, não mais permitindo arroubos pessoais ou cooptações ideológicas óbvias”. Em outras palavras, poderíamos dizer que aquela margem de liberdade nos estudos literários acima referida não pode permitir desvios que amesquinhem a própria noção de conhecimento acadêmico. Mais do que isso: a contribuição que se espera da sensibilidade do pesquisador é uma contribuição regrada de uma sensibilidade que não extrapole a materialidade do texto.

Essas reflexões nos levam a perceber que “na relação com obras de arte [...], a construção da objetividade necessita de um componente subjetivo forte; em outras palavras, sujeito e objeto não são tão nitidamente separáveis como nas ciências exatas” (DURÃO, 2020, p. 23). Assim, se por um lado, no campo dos estudos literários, o pesquisador goza de uma certa margem de liberdade, conforme assinalamos, seu correlato é também um aumento da sua responsabilidade, na medida em que o papel do sujeito é mais destacado do que no campo das ciências exatas. De certa forma, nessa seara, substituindo-se o pesquisador por outro de igual competência, o resultado será o mesmo; nos estudos literários, ao contrário, essa regra não vale. Como salienta Eagleton (2019, p. 187), “toda interpretação de uma obra literária vem tingida, mesmo que inconscientemente, por nossos pressupostos e valores culturais”.

Essa asserção de Eagleton poderia nos levar a repensar a ideia sustentada acima de que o estudo de um objeto literário seria a busca de sua (única) essência. Ora, uma vez que estamos a afirmar o papel relevante do leitor na vida do texto literário, de tal forma que ele só vive e se completa quando fruído, talvez não devêssemos falar categoricamente numa busca pela essência do texto literário, mas, quem sabe, cogitar da extração de algum de seus conteúdos essenciais. Diferentes leitores, nesses termos, poderiam afirmar diferentes conteúdos essenciais, todos eles aceitáveis, já que produzidos pela combinação texto/leitor. De qualquer forma, avançar além deste ponto seria enveredar por outras reflexões e sacrificar o foco aqui proposto. Fiquemos aqui com a ideia de que a busca, no estudo de uma obra literária, é a busca pelo essencial. E esse essencial estará espelhado naquela que se chama hipótese interpretativa.

A pesquisa em literatura apresenta, portanto, uma sutileza aflitiva, uma vez que aquele que a ela se dedica deve buscar um delicado equilíbrio entre sensibilidade e imaginação de um lado e objetividade e retidão analítica de outro. Os riscos são vários. A sensibilidade livre de todas as amarras pode levar ao delírio. A imaginação, por outro lado, como salientou

Eagleton (2019, p. 84), é “uma das mais nobres faculdades humanas, mas ela também guarda uma desalentadora afinidade com a fantasia, que geralmente é classificada entre as mais baixas”.

Voltemos, porém, a um ponto ao qual já nos referimos: a pesquisa em literatura não é a busca da regra verificável, mas da ideia convincente e persuasiva. Essa busca, no entanto, não é aleatória e não admite divagações delirantes. Ela deve se embasar no arsenal teórico da teoria da literatura, da crítica e da história literárias, bem como, quando necessário, no subsídio de campos afins do conhecimento, como a história, a filosofia, a sociologia e a antropologia, dado que raramente essa sensibilidade do pesquisador opera no vácuo, isto é, ela está amparada no seu ferramental teórico. Diríamos até que é essa bagagem de conhecimento que o habilitará a direcionar adequadamente sua sensibilidade, produzindo estudos literários válidos e úteis.

Daí a natural dificuldade daquele que inicia suas atividades no campo dos estudos literários. O encontro desse ponto exato, em que sensibilidade e objetividade, imaginação e conhecimento, interpretação e fato se equilibram produtivamente torna mais complexa a tarefa daquele que dá seus primeiros passos, se comparado ao estudante das ciências exatas. Mais do que isso, pode ser preocupante dimensionar em que medida determinado conhecimento pode ser útil socialmente e ter valor acadêmico ou, ao contrário, pode ser apenas fruto de uma percepção deslocada e gratuita do pesquisador.

1.1 Estudos literários e interpretação

O objeto literário, ao contrário do objeto natural, só se completa com uma ação humana. Não há literatura sem leitor, de forma que não há o objeto da pesquisa, nos estudos literários, sem o pesquisador. A tarefa que ele desempenha é chamada de *interpretação*, que pode ser definida como a ação de:

[...] acrescentar algo à literalidade de um objeto de forma que, ao final, aquilo que foi adicionado pareça pertencer à própria coisa. Tanto mais forte será a interpretação quanto mais o elemento proposto pelo pesquisador aderir ao texto em questão (DURÃO, 2020, p. 28).

Para Durão (2020, p. 28-29) a mera busca de material teórico escrito sobre determinado texto ou autor não é trabalho próprio de pesquisa, tomada a sua ideia de forma estrita. A verdadeira pesquisa em literatura surge apenas quando o pesquisador acrescenta ao

conhecimento já existente a respeito do tema um aspecto reflexivo próprio, produto de seu ato interpretativo. Por isso, ele afirma categoricamente que “*não há pesquisa em literatura sem um momento de intervenção do sujeito*, quando algo é postulado por parte do pesquisador, algo que vai além da mera coleta” (2020, p.29; grifado no original).³

Isso se deve ao fato de que o texto literário apresenta uma característica que Durão (2016, p. 28) chama de “enigmaticidade”, que pode ser resultante “tanto da dificuldade ou hermetismo de determinado artefato, quanto do distanciamento promovido pelo passar do tempo”. A rigor, as possibilidades interpretativas são incalculáveis: “uma obra literária não é como um texto com sentido fixo, mas como matriz capaz de gerar todo um leque de significados possíveis”, de modo que, “mais do que conter significados a obra os produz” (EAGLETON, 2019, p. 149). No limite, cada leitor pode apresentar sua hipótese interpretativa. Essa é uma característica do texto literário, que o afasta radicalmente de outros objetos de análise, que buscam avidamente a objetividade. Essa pluralidade de possibilidades interpretativas, segundo Eagleton (2019), está diretamente ligada ao caráter ficcional das obras literárias, que:

[...] tendem a ser mais ambíguas do que as não literárias. Como não têm contextos práticos, dispomos de menos pistas para determinar o que significam, de modo que os personagens, os acontecimentos e as frases podem se prestar a diversas leituras (EAGLETON, 2019, p. 128).

Assim, partindo dessas premissas, tem-se que o momento culminante, o auge da pesquisa em literatura é a construção da chamada *hipótese interpretativa*, que, segundo Durão (2020, p. 31), pode ser demonstrada através da fórmula “o objeto ‘x’ significa ‘y’”, sendo que “‘x’ corresponde ao recorte do objeto”. “Y”, por outro lado:

[...] é simultaneamente o que há de mais precioso na interpretação e o que é mais difícil de descrever. Ele representa o momento de construção subjetiva, da invenção e da criatividade, quando o pesquisador propõe um elemento adicional, que não está no texto, mas que, depois de fornecido, parece sempre

³ Em outro momento, o mesmo autor volta a tratar da questão, reforçando seu entendimento, bem como elencando as possibilidades válidas de trabalho com um texto literário: “Assim, como a interpretação em seu sentido enfático, a boa crítica não é meramente descritiva. Ela não se confunde com a paráfrase do enredo ou com a listagem dos atributos da obra [...] Você pode destrinchar o enredo, analisar os personagens, organizar a linha temporal, mapear o espaço, decalcar os símbolos, investigar etimologias de palavras-chave, separar as partes da obra e encontrar suas oposições internas fundamentais, observar seus traços recorrentes, identificar peculiaridades de estilo, compará-la com outras obras do mesmo autor, do mesmo período, ou de outro, julgar as adaptações existentes para o cinema ou para a televisão...etc. etc.[...] Aqui entra em cena sua imaginação: ao formular hipóteses baseando-se estritamente naquilo que o texto fornece, o crítico aponta para algo inusitado, até então despercebido. Uma crítica realmente forte cola no objeto; ela reconfigura a obra de tal maneira que o seu significado passa a ser aquilo que foi enunciado e torna-se difícil imaginar qual era o seu sentido anterior à crítica” (DURÃO, 2016, p. 19-20).

ter estado lá. O que existe de frustrante em um livro como este é que o *y* não pode ser rigorosamente ensinado – no entanto, é justamente isso que faz com que a interpretação seja tão emocionante e capaz de mobilizar tanto as pessoas (DURÃO, 2020, p. 33-34).

Insistimos aqui num ponto a que já havíamos feito menção no tópico anterior: a particular dificuldade da pesquisa em literatura, se comparada com a pesquisa nas ciências exatas, em especial para o iniciante (graduando ou especializando), bem como a responsabilidade aumentada do pesquisador. Tem ele de trazer uma contribuição do seu espírito e isso, de certa forma, coloca em xeque a ideia geral dos objetivos dos trabalhos de graduação e especialização nos estudos literários. Se, em outras áreas, o graduando ou especializando atinge seus objetivos se produz um rearranjo ou uma nova classificação, mesmo que não exaustiva, de material pré-existente, nos estudos literários, mesmo no nível de graduação ou especialização, espera-se do iniciante uma contribuição, um acréscimo. Portanto, “não há diferença entre a iniciação científica e o doutorado no que se refere à *postura* do pesquisador, mas sim quanto à profundidade e sofisticação, à maturidade, enfim, da hipótese de leitura” (DURÃO, 2020, p. 37).

Se a essência do trabalho de pesquisa no campo dos estudos literários está na busca do tal “*y*”, como salientado acima, grande parte do corpo do trabalho e, mais do que isso, a própria validade de “*y*” estarão na dependência da argumentação desenvolvida pelo pesquisador. Deverá ele demonstrar, com argumentos sólidos, porque é possível extrair “*y*” de “*x*”, evitando que se possa imputar a essa conexão a pecha de aleatoriedade. A esse respeito, são incisivas as palavras de Durão (2020, p. 35-36):

Se bem sucedida, essa forma de predicação gera um curioso efeito performativo: depois de enunciado, é como se *y* pertencesse desde sempre a *x*. Assim, “significar” perde algo de sua transitividade para progressivamente assemelhar-se a um verbo de ligação. [...] Nos casos mais veementes, o efeito performativo é tão forte que não se consegue vislumbrar o objeto de outra maneira senão coincidindo com determinada interpretação.

Por fim, uma última observação antes de avançarmos. Pode ser que para alguns pareça estranha a inserção de uma seção como essa, com que ora iniciamos nosso trabalho. Acreditamos, contudo, que, como a questão metodológica é mais complexa e polêmica nos estudos literários do que em outras áreas e como, mesmo entre estudiosos experientes, existe alguma divergência a respeito, pareceu-nos que seria importante consignar o enfoque que se nos apresenta mais coerente sobre o método nos estudos de literatura. Portanto, é a partir dessas

reflexões que procuraremos estruturar nossa exposição a qual, em última instância, buscará demonstrar sua hipótese interpretativa do romance *Mayombe* de Pepetela.

2 A HIPÓTESE INTERPRETATIVA DE *MAYOMBE*

Partindo daquilo que foi dito no capítulo 1, entendemos conveniente, desde já, explicitar qual é nossa hipótese interpretativa de *Mayombe*, deixando, para a sequência, a tarefa de demonstrar as bases dessa leitura, ou, para usar a terminologia assinalada previamente, para explicitar os motivos que fazem com que nosso “x” (recorte escolhido) signifique “y” (nossa hipótese interpretativa).

Desenvolveremos esse aspecto com mais vagar adiante, mas é preciso consignar aqui, desde já, que o processo revolucionário angolano, assim como aquele de diversos outros países, foi marcado por dois fenômenos. De um lado, o fenômeno aglutinador: a busca pela liberdade em face da exploração promovida pela nação colonizadora (Portugal, no caso angolano), como passo inicial para a construção de uma nação e como requisito para a superação da miséria econômica; de outro, o fenômeno desagregador: a fragmentação tribal. Para Parada, Meihy e Mattos (2013, p. 153), o principal vetor de análise da história angolana passa por três aspectos: riqueza natural, diversidade de povos e domínio colonial. Podemos afirmar que o primeiro deles se relaciona intimamente com o terceiro. Assim, reduzindo a equação dos três autores referidos, poderíamos chegar à nossa fórmula: colonialismo (como fator paradoxal de agregação de povos diversos) e fragmentação tribal (como fator de desagregação), como vetores de explicação da história angolana, em especial na sua fase revolucionária.

Como veremos adiante, a África foi dividida pelas nações colonialistas europeias⁴ de forma absolutamente artificial, com olhos voltados exclusivamente para os seus interesses econômicos, ignorando, por completo, qualquer elemento de identidade étnica dos povos nativos. Um dado simples mas eloquente a esse respeito é a abundância de linhas retas nas divisões territoriais dos países africanos, fenômeno praticamente inexistente em divisões territoriais nacionais que se deram de forma natural.⁵ Povos inimigos foram, frequentemente, ao longo das tratativas das potências coloniais europeias, unidos dentro de um mesmo país, enquanto, em outros momentos, uma mesma tribo foi segmentada, ficando parte dela num país e parte em outro (VISENTINI, 2012, p. 34).

⁴ As bases dessa divisão foram estabelecidas unilateralmente pelos europeus, sem que fosse ouvida qualquer nação ou representante africano, numa conferência realizada em Berlim, no ano de 1885. De acordo com Parada, Meihy e Mattos (2013, p. 28) a principal motivação por trás da realização da conferência foi estabelecer normas para a partilha harmônica do continente africano entre as nações europeias, a partir de regras reconhecidas e respeitadas por todas elas, evitando-se um conflito intraeuropeu. Ao lado dessa razão central, existiram outras com reflexo humanitário, como o controle do tráfico escravista.

⁵ Basta observar rapidamente o mapa africano para perceber a abundância de linhas retas na divisão dos países, denotando a artificialidade no traçado: a fronteira do Egito com o Sudão, da Mauritânia com o Mali, toda a fronteira leste da Namíbia e, para ficar na região que mais nos interessa, a fronteira de Angola com a Zâmbia.

Angola, como veremos adiante, surgiu de um conglomerado de tribos com pouco em comum a uni-las e, muitas vezes, com muito de hostilidade a afastá-las. Talvez o único fator capaz de agrupar esses povos tão estranhos entre si fosse a existência de um objetivo comum: expulsar o invasor e instalar um país livre, capaz de reverter para seu povo suas riquezas, que, até então, eram avassaladoramente surrupiadas pelos colonizadores. Em outras palavras, as rivalidades tribais geravam uma repulsa que só não era maior do que aquela alimentada em face do invasor europeu. Tratando do papel dos intelectuais angolanos na luta anticolonial, Souza (2016, p. 12) salienta que “ante tanta diversidade étnica e racial, os intelectuais portavam um ideal de nação, que unisse a todos frente a um inimigo comum, o colonizador, possibilitando a concretização de um novo Estado ‘nacional’”. A respeito, salienta Carvalho Filho (2016, p. 233):

A história nem sempre foi tão compartilhada assim: em Angola, as etnias não possuíam, a maior parte das vezes, um passado comum. Alguns textos, como *Nzinga Mbandi* de Pacavira, tornavam a rainha Nzinga heroína de todos os angolanos, quando na verdade, ela é apenas dos ambundos. **Se havia algo compartilhado entre esses povos seria o suportar a opressão do colonizador**, sofrendo, às vezes, a influência constante da cultura portuguesa ao longo de cinco séculos (grifo nosso).

O processo de construção da nação angolana é, assim, fruto de um jogo de forças antagônicas: a centrífuga, representada pela fragmentação tribal, e a centrípeta, caracterizada pela busca de um ideal comum, a expulsão do invasor e a consequente independência nacional. Para que a construção do país fosse possível, a força centrípeta, responsável pela manutenção de um corpo (as diferentes tribos, mas também brancos e mestiços) junto ao centro (a nação angolana) teria de ser, no mínimo, igual à força centrífuga. Se esta prevalecesse, isto é, se as diferenças étnicas fossem mais fortes do que as razões para sua união, a nação angolana não teria sido possível.

Assim, de uma certa forma, o abominável domínio colonial talvez tenha sido o fator paradoxal (talvez o único com robustez suficiente) apto a permitir o surgimento de uma nação. Daí a contradição inerente ao nascimento do país: a força da união surgindo justamente do martírio dos povos nativos.

Isto posto, devemos registrar que é esse jogo de forças que compõe a essência do romance em estudo. O fascínio do texto está justamente em demonstrar, por meio da ficção, essa contradição e esse choque de forças. *Mayombe* é, por assim dizer, o microcosmo da nação angolana, a reprodução, em escala reduzida, do processo de formação da nação.

Amzalak (2018, p. 34) também destaca essas questões como um dos fatores de destaque no romance de Pepetela, embora não as enxergue como o ponto central do texto:

Outro aspecto interessante é que o grupo formado pelos guerrilheiros não possui coesão étnica, cultural, social ou mesmo formação política semelhante, mantendo como ideal comum apenas a necessidade de libertar Angola do opressor português, chamado na obra de “tuga”, abreviatura de “portuga”. Essa luta anticolonial é o ponto central dos ideais das personagens, ainda que suas diferenças étnicas ou tribais ameçassem afastá-los do sonho de unificação em torno do ideal socialista.

A visão do antagonismo de forças centrífuga/centrípeta como essencial em *Mayombe*, veremos também na sequência, está em parte, segundo nos parece, sedimentada na própria maneira de enxergar as coisas de Pepetela, um escritor e intelectual extremamente identificado com seu país, quase um herói de um processo revolucionário sangrento, fratricida e tristemente duradouro. Está, por outro lado, calcada no balanço que o próprio texto exerce entre essas duas circunstâncias. Ao longo do romance o escritor vai alterando aspectos centrífugos, nascidos das diferenças e rivalidades tribais, com dados centrípetos, construídos no interior do MPLA (Movimento Popular de Libertação de Angola), do qual Pepetela inclusive fez parte, tendo combatido o “tuga”⁶ ombro a ombro com seus irmãos angolanos.

Como se sabe, fato que já foi revelado pelo próprio Pepetela, o livro foi escrito na frente de batalha.⁷ Assim, essa circunstância, aliada à temática (independência, formação da nacionalidade, solidariedade socialista) cara ao autor, sedimenta a ideia de que muito da visão externada no livro está embasada na própria visão que ele desenvolveu do processo histórico-político angolano. Para Abadala Junior e Silva (2015, p. 10) Pepetela é um dos “ficcionistas [angolanos] cujas produções literárias enfatizam as tensões sociais, a partir de temporalidades por eles vividas, em que memória e experiência empírica acabam por marcar inevitavelmente as linhas de articulação de seus textos”. Podemos assim perceber que a produção de Pepetela se insere numa linha de produção literária em que história e literatura dialogam inextrincavelmente, produzindo a segunda uma visão enriquecida e subjetivada da primeira, ou, nas palavras de Santilli (2009, p. 102), “uma visão da história, feita pela literatura”.

No caso específico do MPLA parece-nos que, ao lado do ideal libertador, a doutrina marxista exerceu forte função de união. O texto traz diversas referências, nas conversas entre

⁶ O texto faz uso modo coloquial pelo qual os nativos de Angola se referiam ao invasor português: os tugas.

⁷ Ver: CHAVES; MACÊDO, 2009, p. 33.

os guerrilheiros, à importância da doutrina marxista como fator de união no seio do grupo revolucionário. A esse respeito, afirma Carvalho Filho (2016, p. 241):

O movimento guerrilheiro do MPLA pretendia criar uma solidariedade entre os vários grupos étnicos e culturais que compunham Angola, bem expressa pelo tratamento “camarada”, de origem socialista e no fato que um cabinda podia morrer para salvar um quimbundo e um kikongo, para socorrer um quimbundo. Eis a lição que a guerrilha desejava ensinar: o amalgamar nacional. Um guerrilheiro, em *Mayombe*, confidenciou: “eu não preciso de me apoiar numa tribo para sentir a minha força. A minha força vem da terra”.

O leitor consegue sentir essa tensão união-separação ao longo de toda a obra e o jogo de forças marca o texto do início ao fim. O enredo, verificado com detalhe, é relativamente simples, embora contribua para a criação dessa tensão que caracteriza a essência do romance. Os aspectos estruturais mais importantes para a criação dessa tensão são, segundo nos parece, a criação das personagens e a polifonia, caracterizada pela divisão da voz do narrador, aspectos que visitaremos nos capítulos seguintes.

Por ora, basta referir que, ao lado de um narrador principal, o texto vai cedendo a voz narrativa aos diversos personagens, que são como que narradores associados e coadjuvantes. Personagens e repartição da voz narrativa são, assim, os recursos básicos para a criação da tensão de forças que marca o romance.

Assim, de forma sucinta, afirmamos que nossa hipótese interpretativa a respeito de *Mayombe* é a de que o romance retrata, nas aventuras e desencontros de um grupo de guerrilheiros, a dinâmica que marcou o processo revolucionário e de formação de uma nação em Angola, sendo, portanto, um microcosmo do processo sociopolítico real. E, mais ainda, entendemos que essa visão está muito próxima da forma pessoal de Pepetela enxergar o processo, ou seja, a de que a nação angolana se formou nesse jogo de forças antagônicas: fragmentação tribal de um lado, unidade revolucionária de outro. Portanto, o que poderia parecer apenas uma estratégia interna do texto para criação de uma tensão literária (confronto centrífugo – fragmentação tribal – e centrípeto – unidade revolucionária) é, na verdade, a reprodução da tônica do que foi o processo sociopolítico e histórico de formação do país.

É importante deixar consignado que nos países subdesenvolvidos, que viveram sob exploração colonial, as obras literárias compõem uma importante fonte documental de conhecimento dos fatos e da história política e cultural, em razão, principalmente, do raquitismo da produção científica no âmbito das ciências sociais. *Mayombe* é um típico exemplo desse tipo

de literatura, podendo-se, de alguma forma, afirmar que toda produção literária de Pepetela está, em alguma medida, embebida dos temas da formação da nação angolana.

Sobre o papel da produção literária para o conhecimento da história, afirma Carvalho Filho:

A literatura possui várias dimensões, uma delas, a gnosiológica. Um literato pode trazer informações sobre a nação imaginada de valor semelhante à (sic) de um jornalista ou de um historiador: o seu talento permite-lhe descrever o imaginário que permeia um acontecimento, uma época. A informação e a formação podem não ser os objetivos essenciais da literatura, mas constituem duas de suas importantes funções. Assim, analisamos a obra literária como uma forma específica de conhecimento da realidade, utilizando-a como material para escrever uma história social das ideias.

O texto literário, nosso documento de primeira ordem, constitui um fato ao mesmo tempo sociológico e estético (2016, p. 27).

E, mais adiante:

O estudo do processo de luta pela independência, a partir dos documentos, fontes jornalísticas, livros de ciências sociais, torna-se mais completo se levarmos em conta a produção literária. Não havendo, naquele momento, com em vários países subdesenvolvidos, um grande avanço das Ciências Sociais foram os escritores que, ao retratarem o imaginário coletivo, se tornaram quase os únicos elaboradores de reflexões sobre a sociedade, apresentadas em outros países por cientistas sociais. Em Angola, a maior parte dos intelectuais, mais que teóricos ou ensaístas, eram poetas ou romancistas. Em sua literatura, encontramos o projeto nacional sendo exposto, assim como os elementos que permitem a sua elaboração (2016, p. 59).

Nos capítulos seguintes desenvolveremos duas tarefas que nos parecem fundamentais para demonstrar a correção dessa hipótese interpretativa: o estudo dos aspectos básicos da estrutura étnica angolana e do seu processo revolucionário, bem como das posições políticas e literárias de Pepetela e a análise dos elementos estruturais do texto que permitem a criação da tensão entre as forças de dispersão e aglutinação.

3 PEPETELA, COLONIALISMO E REVOLUÇÃO EM ANGOLA

Neste tópico, nos propomos a realizar uma abordagem preliminar àquela que se concentrará diretamente no texto do romance. Buscaremos aqui dados e informes extraliterários que entendemos fundamentais para que, na sequência, possamos apreciar o texto literário como *corpus* de análise direta. Nesse sentido, pensamos ser indispensável coletar e arrolar algumas informações históricas, sociais, culturais e etnográficas sobre a realidade angolana, sem as quais as reflexões a serem realizadas no capítulo 4 ficarão prejudicadas. Isso porque o romance, ainda que se trate de obra de ficção, nos parece firmemente pautado em dados da realidade, em especial daquela realidade experimentada pelo próprio Pepetela durante o período em que esteve nas fileiras do MPLA, participando diretamente da revolução.

3.1 Fragmentação tribal e tensão racial em Angola

Ao contrário do que às vezes se acredita, a África não é um continente uniforme, muito ao contrário, fato que vai muito além da profunda cisão existente entre as duas faces do deserto do Saara (África Setentrional ou Magreb e África Meridional ou África Negra). Apesar de alguns fatores de identificação, há no continente mais de mil línguas diferentes e cerca de oitocentos grupos étnicos, cada qual com sua própria cultura (VISENTINI; RIBEIRO; PEREIRA, 2014, p. 19-20).

A questão racial é particularmente delicada em Angola, acarretando inúmeros focos de tensão que conspiraram contra uma nação livre, socialmente coesa e harmônica. A efervescência vinha de todos os lados, por duas razões principais: uma, de ordem econômica, decorrente do regime colonial, com repercussões socioculturais; outra, de ordem tribal.

No que se refere à questão da dominação econômica, havia aguda divisão da sociedade entre brancos, negros e mulatos. Os primeiros, colonos europeus, formavam a classe economicamente dominante e, como regra, via os negros como massa trabalhadora a ser explorada em favor de seus projetos de acumulação capitalista. Estes, por seu turno, sentiam profundamente as injustiças e a dominação, que, normalmente, iam muito além da simples exploração de sua força de trabalho, própria do sistema capitalista, manifestando-se na preterição no ambiente escolar, no serviço público e mesmo nas tarefas urbanas de alguma

complexidade, nas quais, mesmo que conseguissem se encaixar, os negros recebiam salários menores e tinham reduzidas possibilidades de ascensão (CARVALHO FILHO, 2017).

Os mulatos sofriam discriminação semelhante àquela enfrentada pelos negros, ainda que geralmente em menor escala. Pode-se afirmar mesmo que em Angola havia uma estrutura montada em cima da gradação de cor: a condição e a aceitação sociais balizavam-se pela escala cromática que ia do branco ao negro, com variações diversas nas situações intermédias (CARVALHO FILHO, 2017, p. 140). Assim, as oportunidades e a respeitabilidade social eram maiores para um branco do que para um mulato claro; o mesmo ocorria no que se refere a esse e a um mulato de pele mais escura e, por fim, a discriminação e a falta quase absoluta de oportunidades eram completas entre os negros.

A situação dos mulatos era singular e essa condição é bem retratada no livro de Pepetela na figura do guerrilheiro Teoria, com seus dramas e até uma sensação de inferioridade, por não se sentir nem negro nem branco. Assim, o mulato estava num entrelugar na sociedade angolana, que, frequentemente, era melhor do que aquela reservada ao negro, mas, em alguns momentos, poderia gerar dificuldades ainda maiores. De acordo com Carvalho Filho (2017, p. 143), “sofrendo desconfianças dos dois lados, ora sendo identificado a um, ora a outro, o mestiço construiu a sua identidade pessoal, racial e nacional de forma bastante conflituosa”. O mesmo Carvalho Filho (2017, p. 142) acrescenta que:

A questão não era ter “cor” mulata, mas “cultura de mulato”. A UPA pretendia eliminar, em sua área de influência, pelo início da década de 1960, todos aqueles que fossem mulatos, já que esses “trabalhavam para os pais brancos que escravizavam o povo”, podendo escapar apenas “os mulatos filhos de mulatos [...] que fossem iguais aos pretos nos seus hábitos”.⁸

As estruturas de dominação econômica geravam repercussões socioculturais, de maneira que a dominação da população branca se transmudava em discriminação social e cultural. Com o tempo, formou-se uma sociedade abertamente racista (ainda que o discurso oficial negasse esse viés), com níveis significativos de ódio e conflito entre brancos e negros. Os negros frequentemente passaram a alimentar um profundo ressentimento e uma revolta em relação aos brancos, vistos como aqueles que os exploravam e impediam que uma vida melhor lhes sorrisse.

⁸ A UPA (União das Populações de Angola) foi uma organização social angolana que desaguou num dos principais movimentos populares de independência, a FNLA, adiante referida.

Curiosamente, como salientado no parágrafo anterior, Portugal pretendeu enfaticamente se utilizar do discurso do não racismo e de uma suposta aptidão do povo português para a convivência amistosa entre as raças, ao contrário do que ocorreria com outros povos europeus.⁹ De acordo com Oliveira (2017, p. 34), o governo português pretendia:

[...] afirmar para a comunidade internacional que não se trata de uma metrópole com colônias, mas de um único país espalhado por vários continentes. Para essa reivindicação de unidade, concorria a disseminação pelo regime salazarista da doutrina que ficou conhecida como “lusotropicalismo” – baseada em grande medida em uma vulgata das ideias do sociólogo brasileiro Gilberto Freyre, esta corroborada pelo próprio –, segundo o qual o colonialismo português diferiria de suas contrapartes francesa, inglesa e belga na medida em que se basearia no convívio harmônico das raças e no pendor natural do português para a miscigenação e tolerância.

Ainda segundo Oliveira (2017), o principal argumento em favor dessa tese era o da possibilidade de um homem nativo (essa possibilidade não se estendia às mulheres) adquirir a cidadania portuguesa, o que o livraria, em especial, do risco da submissão ao trabalho forçado. A possibilidade, contudo, era muito mais retórica do que prática, já que havia um extenso rol de exigências, sem contar que a decisão poderia ser revertida. O fato é que a prática portuguesa nas suas colônias sempre foi muito distante de qualquer ideal de respeito e tolerância. Basta pensarmos na escravidão, no próprio trabalho forçado e na violência sexual contra a mulher negra. Esse discurso foi utilizado como estratégia de argumentação, num momento em que a comunidade internacional passou a pressionar fortemente Portugal em razão da sua tardia adesão à descolonização formal na África. Era, portanto, uma tentativa de fazer a comunidade internacional aderir a uma narrativa distorcida.

A segunda fonte de tensão étnica em Angola tem origem que precede a chegada do colonizador português e se assenta na profunda fragmentação tribal existente no país. Sendo

⁹ As duas passagens seguintes, escritas por um autor angolano de cor branca, dão bem a dimensão de como esse discurso negacionista do racismo e da exploração (e da grandiosidade da ação supostamente civilizatória dos portugueses em Angola) se disseminou e encontrou eco: 1. “É incontestavelmente um dever da maior justiça reverenciar, nesta tão singela publicação, a saga valorosa de milhares de emigrantes desbravadores, que, nas regiões mais inóspitas e insalubres das selváticas terras africanas, rasgaram estradas e construíram belas e prósperas cidades em regiões antes povoadas de aborígenes rústicos e iletrados” (ABRANTES, 2007, p. 7). 2. “O esforço, determinação e coragem para manter as possessões ultramarinas da África e Brasil foram verdadeiramente heróicos. [...] Felizmente, ao contrário de outros povos, a tendência da colonização portuguesa foi bem mais humana (não quer dizer que não houve atos injustos), se comparada às colonizações espanhola e inglesa, caracterizadas pela segregação racial e emprego da força armada com uma política e administração sem respeito aos interesses da população autóctone. Nas províncias ultramarinas, não existia o *no white*, nem o *no black*. Constituíamos uma comunidade pacífica, ordeira e multirracial” (ABRANTES, 2007, p. 50). Note-se o uso da palavra “ordeiro”, própria dos discursos reacionários, de acordo com os quais tudo que se contraponha à ordem estabelecida (normalmente carregada de injustiças) é abominável.

um território de extensão significativa, a colônia reunia diversas tribos, muitas delas divididas em subgrupos e as divergências e hostilidades eram significativas. Tudo isso criava um cenário altamente desafiador para aqueles que se propunham a enfrentar o dominador colonialista e que ousavam sonhar com um país livre e igual. Os líderes mais esclarecidos dos movimentos nacionalistas, particularmente os do MPLA, que tinha uma conformação menos estruturada sobre bases étnicas se comparado com a UNITA e com a FNLA, compreendiam claramente que a nação não seria construída sem que fosse possível superar em larga escala as animosidades dessa natureza.

Há diversas passagens no romance que mostram quão enraizada estava a questão tribal e quão profundamente ela podia contaminar não só a nação em construção, mas até mesmo as tentativas de ação concertada dos povos nativos com vistas à expulsão do inimigo comum, o colonizador metropolitano. Tomemos, aqui, apenas uma dessas passagens, certamente das mais significativas, já que adiante, no Capítulo 4, trataremos das manifestações de tribalismo no texto com mais profundidade. Na passagem que se segue, o guerrilheiro kimbundo Milagre mostra sua incompreensão com a ação firme do comando diante de um ato de apropriação de pertences de prisioneiros praticados por um dos guerrilheiros. Os prisioneiros eram cabindas e o guerrilheiro a quem se imputava o ato era também kimbundo. Milagre se mostra incapaz de compreender a preocupação do seu comando com ações aparentemente pequenas, mas que pudessem produzir desconfiança nos nativos cabindas em face do MPLA. O enclave de Cabinda era uma região onde o MPLA não estava tão consolidado como em outras partes do país e os líderes tinham especial cuidado para que a ação do MPLA ali fosse sempre exemplar, de forma a reverberar e produzir maior aceitação do movimento na região. Mas para Milagre, o que estava a falar mais alto ali era a questão étnica. O Comandante Sem Medo era kikongo, etnia que, conforme a passagem, era aparentada dos cabindas (na passagem referidos como “fiotes”). Já o guerrilheiro autor da apropriação era também kimbundo e esse fato fazia Milagre acreditar que toda a postura firme do comando era apenas consequência de simpatias e antipatias tribais. Segue a passagem em que Milagre analisa o episódio com suas lentes eminentemente tribais:

O Comandante é kikongo; embora ele tenha ido pequeno para Luanda, o certo é que a sua família veio do Uíje. Ora, o fiote e o kikongo são parentes, é no fundo o mesmo povo. Por isso ele estava tão furioso por se ter roubado um dos seus primos. Por isso ele protege Lutamos, outro traidor. E viram a raiva com que ele agarrou o Ingratidão? Por quê? Ingratidão é kimbundo, está tudo explicado (PEPETELA, 2013, p, 47).

Além de se dar no interior da fatia populacional negra, as rivalidades e conflitos também ocorriam no seio dos grupos mestiços e entre os brancos. Com relação aos primeiros, além das questões já referidas ligadas à posição no espectro que vai do branco ao preto, os mulatos se diferenciavam no que se refere à sua postura em face do dominador branco. Assim, havia aqueles que buscavam se inserir na estrutura social vigente, procurando até mesmo reduzir ao máximo suas distinções físicas em relação aos brancos¹⁰, chamados *assimilados*, e, por outro lado, aqueles que não aceitavam esse comportamento, irmanando-se com os negros na condição de explorados.

Já entre os brancos, havia a elite considerada de “primeira categoria” e os indivíduos vistos como de “segunda categoria”, normalmente brancos já nascidos em Angola e de condição econômica inferior. Esses muitas vezes se identificavam mais como angolanos, percebendo-se explorados e excluídos e adotaram, em geral, uma postura nacionalista quando o conflito colonial se exacerbou, o que permite afirmar com segurança que “a angolanidade era concebida como um fato mais cultural que racial” (CARVALHO FILHO, 2016, p. 159). Os primeiros, ao contrário, em especial a fatia deles de pensamento mais reacionário, viam com grande apreensão e até alguma dose de terror o avanço do nacionalismo angolano¹¹, parecendo-lhes que um regime da maioria negra que viesse a se instalar com a independência poderia não apenas extinguir completamente seus privilégios econômicos, mas, inclusive, persegui-los e até eliminá-los. Alguns personagens literários, como um colono em *Yaka*, de Pepetela, retratavam esse sentimento de desespero e medo que era uma constante na vida dos colonos, que sustentavam que enquanto houvesse negros, eles viveriam com medo. Esse medo, muitas vezes experimentado como completo pavor, fazia com que regras fossem estabelecidas visando prevenir uma possível revolta negra, como a proibição de venda de pólvora aos nativos (CARVALHO FILHO, 2016, p. 200-201). Como se pode ver, o preço pago pelo explorador branco também era bastante alto: ninguém vivia em paz em Angola e essa explosividade iria gerar uma ruptura institucional, mais cedo ou mais tarde.

Sobre a dificuldade profunda de empatia entre brancos metropolitanos e negros africanos, Carvalho Filho (2016, p. 170) afirmou:

¹⁰ Carvalho Filho (2017, p. 139) fala no uso de “artifícios miméticos” para “embranquecer”, o que deixa claro um autorracismo.

¹¹ Suas narrativas construídas a respeito procuravam desqualificar e deslegitimar os movimentos de libertação nacional. Os defensores do sistema, como salientam Parada, Meihy e Mattos (2013, p. 39) “recusavam-se a considerar as rebeliões fenômenos organizados. Referiam-se a elas como reações ‘primitivas e irracionais’, sem admitir de modo algum que se tratava de guerras justas de libertação”.

[...]o colonizador era apresentado com aquele que não conseguia traduzir os valores africanos, estabelecendo-se a impossibilidade da decodificação na medida em que o que se valorizava na sociedade tradicional angolana não possuía significado para a mentalidade branca. Assim, um colono, personagem de *Pepetela*, não entenderia os *cuvales*, sub-etnia do sul de Angola, que sacrificavam bois aos *manes*, durante um funeral, jogando, posteriormente, a carne no mato, porque não consumiriam o alimento dedicado ao culto. Isso era considerado por um branco um “desperdício”, no texto de *Yaka*.¹² [...] Eis a razão de tanto desafeto. O metropolitano, ao não decodificar, não compreendia; não compreendendo, desconceituava e, desconceituando, repudiava.

Essa condição permitiu a Carvalho Filho (2016) afirmar que as estruturas econômicas e não o racismo eram as grandes responsáveis pela espoliação e pela miséria, fato que logo foi percebido pelo MPLA, e explicava em grande parte a postura não racista desse movimento. Certamente, essa sensibilidade foi decisiva para o sucesso do processo revolucionário da forma como se deu, integrando ao movimento nacionalista diversas etnias nativas, brancos e mestiços. Relevante salientar que essa percepção não foi forte o suficiente a ponto de evitar que o processo revolucionário fosse acompanhado de uma guerra civil, finalmente vencida pelo MPLA, que, no entanto, teve de enfrentar grupos étnicos que poderiam, desde o início da luta anticolonial, ter se integrado unificadamente ao processo nacionalista.

Sobre a perspectiva nacionalista e interétnica reinante no MPLA, Carvalho Filho (2016, p. 327) afirma que:

Os nacionalistas do MPLA desejavam criar uma solidariedade nacional entre o indivíduo, a comunidade e as instituições, tornando as etnias teoricamente iguais, superpondo o “nacional” à etnicidade, tentando superar as suas rivalidades. O “tribalismo” era percebido pelo Estado e pela intelectualidade ligada ao MPLA como um fator de desintegração, um inimigo do projeto nacional socialista, muitas vezes financiado por potências capitalistas, tais como os Estados Unidos da América do Norte e a África do Sul.

A despeito da marcante fragmentação tribal, os nativos aparentemente teriam vivido em relativa harmonia não fosse a desestabilização territorial provocada pela empresa colonial. Cada etnia localizava-se predominantemente em uma área específica do território e não fosse a expropriação das terras mais férteis pelos colonos, os deslocamentos forçados e a desorganização étnico-territorial, possivelmente os conflitos não teriam sido tão intensos, em particular a guerra civil que acompanhou e seguiu a independência. Os principais grupos étnicos angolanos agrupavam-se em áreas relativamente delimitadas e não teriam tido motivo para choques mais agudos com seus pares, mas “o colonialismo português, ao promover as guerras

¹² *Yaka* é um romance de *Pepetela* que trata de forma especial do processo de formação da nação angolana, demonstrando como essa temática sempre calou fundo no universo literário de *Pepetela*.

escravagistas, gerou formas patológicas de conflito interétnico” (CARVALHO FILHO, 2006, p. 321)¹³. Assim, grosso modo, os ovimbundos estavam no planalto centro-sul, os ambundos na região de Luanda e os bakongos ao norte e assim teriam continuado não fosse a intervenção portuguesa.¹⁴

Ao lado, porém, da desestabilização e desarmonia provocadas naturalmente pelas intervenções coloniais, havia o fato de que, tendo os portugueses se apercebido de que a fragmentação tribal era uma aliada de seu domínio no enfraquecimento da reação nacionalista, passaram a alimentar artificialmente esse sentimento de rivalidade intergrupar (Carvalho Filho, 2016).

Com relação aos principais grupos étnicos angolanos, sempre lembrando que cada um deles comportava subdivisões, importa mencionar os ovimbundos, os ambundos e os bakongos. Os primeiros são também chamados de umbundos, sendo que, rigorosamente, a primeira expressão designa o povo e a segunda seu idioma. São povos bantos e ocupavam preferencialmente o sudoeste de Angola, apresentando diversos subgrupos, entre eles os bailundos, biés, seles, sumbes, dombes e cacondos (LOPES; MACEDO, 2017, p. 237). Em *Mayombe*, Pepetela usa a palavra umbundo para se referir a esse povo, ao qual pertence um único personagem do grupo guerrilheiro: Ekuikui. Outro guerrilheiro, Muatiânvua, é filho de pai umbundo e mãe quimbundo, sendo tratado, no entanto, como um dos destribalizados do bando. Os destribalizados eram aqueles que, por razões diversas, haviam perdido a conexão e a identificação étnica e, assim, não atuavam seguindo paixões parciais. Dessa forma, como o romance dá a entender, eram indivíduos que contribuíam para a estabilidade do grupo guerrilheiro (ou que, pelo menos, não geravam divisões) e, considerando a ideia de que essa pequena patrulha guerrilheira pode ser vista como um microcosmo de Angola, eram membros mais preparados para a construção da nação livre de paixões segregadoras. Sobre o processo de destribalização retratado no romance, afirma Carvalho Filho (2016, p. 235):

Em *Mayombe*, o processo de urbanização, alimentado por um fenômeno de êxodo rural provindo de regiões de diferentes etnias, transformava a cidade num cadinho étnico, ou seja, num ambiente de destribalização, mesmo que a ritmo lento. Na urbe, o destribalizado instituíam outras relações diferentes das étnicas que carregava consigo. Não falava mais a sua língua nativa, utilizando apenas o idioma do colonizador. Para ele restava somente a identidade nacionalizadora: ele não era kikongo, nem quimbundo, mas sim, angolano. Apontavam-se, também, os estudos e a permanência no exterior, em especial na Europa, como solventes das raízes étnicas.

¹³ Tania Maria Seggiaro Chagastelles (2008, p. 106) também fala da “na agudização de antigos antagonismos étnicos e regionais”, provocada pelo colonialismo.

¹⁴ Obviamente, a questão étnica não se resume aos três grandes troncos raciais angolanos, citados nesta passagem, mas, de uma forma geral, as subetnias integravam-se ao seu tronco maior.

Assim, se por um lado um processo de perda de raízes é sempre um trajeto que carrega em si alguma melancolia, por outro, no caso angolano, pode ser entendido como um importante fator de construção de uma nova identidade coletiva e geral e de superação de uma forma terrível de dominação por um povo invasor. A destribalização foi muito mais acentuada nas cidades grandes (em especial Luanda, Benguela e Huambo) e médias do que no campo. Em Luanda, particularmente, formou-se aquilo que passou a ser chamado de cultura *crioula*, que atingiu predominantemente as camadas populacionais mestiças, tratando-se de uma forma de superação das fissuras étnicas em favor de um modo de ser e de viver que combinava elementos de várias origens.

Os ambundos, por seu turno, são por vezes tratados sob a denominação genérica de kimbundos¹⁵ (que seria originalmente a designação de um idioma falado por um conjunto de tribos), expressão que Lopes e Macedo (2017, p. 246) apontam como possivelmente arbitrária e que reúne, além dos ambundos, diversos outros povos aparentados, como os angolas, bangalas, bondos, dembos, luandos, quibalas e songos. São naturais do centro-norte de Angola, mas espalharam-se por algumas outras regiões do país (LOPES; MACEDO, 2017, p. 30). São a etnia predominante na região de Luanda, embora na cidade também exista forte presença dos bakongos (CARVALHO FILHO, 2016, p. 30). Em *Mayombe*, a mais importante fatia do grupo de guerrilheiros é formada por essa etnia, inclusive o Comissário Político, personagem central do romance ao lado do Comandante Sem Medo.

Em certa passagem, analisando como se comportavam os integrantes do grupo guerrilheiro por ele comandado, no que se refere às animosidades e simpatias tribais, Sem Medo observa que havia dois grupos (PEPETELA, 2013): o dos kimbundos (numericamente maior), reunidos em torno do Chefe de Operações (terceiro na linha de comando) e os demais, reunindo as outras etnias e os destribalizados. Fica evidente que a supremacia numérica kimbundo faz com que, por exclusão e por imperativo de fortalecimento, todos os demais se unam, possivelmente a única forma de fazer frente a um possível domínio dos kimbundos no grupo.

Essa divisão mostra como o fator tribal permanece vivo mesmo quando os indivíduos se unem para enfrentar um inimigo comum poderoso. Percebe-se que, mesmo entre guerrilheiros – em tese indivíduos conscientizados politicamente – não é possível superar completamente as fissuras étnicas, ainda que se esteja diante de um inimigo que reúne todos no ódio.

¹⁵ Em *Mayombe*, Pepetela grafa a palavra com “k”; Lopes e Macedo (2017, p. 246) escrevem “quimbundo”, embora refiram a grafia *kimbundu*.

Por fim, os bakongos (ou bacongos) são uma etnia originalmente instalada na fronteira norte de Angola, no enclave de Cabinda e nas províncias de Zaire e Uige (as mais setentrionais), e na bacia do rio Congo, o qual tem apenas uma parte menor de seu curso em território angolano, seguindo para a República Democrática do Congo. São também chamados de quicongos ou kikongos (que, rigorosamente falando, seria a língua usada pelo grupo) (LOPES; MACEDO, 2017), sendo esta última a designação usada no texto por Pepetela. Pertencem a essa etnia dois dos guerrilheiros, o novato Vewê e o enfermeiro Pangu-A-Kitina, além do Comandante Sem Medo.

A população angolana em 2012 era de aproximadamente 20 milhões de pessoas, na sua imensa maioria negros – segundo Carvalho Filho (2016, p. 143), 98,36% entre os anos de 1929 e 1930 –, sendo cerca de dois terços deles pertencentes às três principais etnias referidas: umbundos, kimbundos e bakongos. Dentre esses, os primeiros tinham o maior contingente, seguidos dos quimbundos, sendo os bakongos os menos numerosos dentre os três grupos predominantes (CARVALHO FILHO, 2016, p. 319-320). Essa população era significativamente maior no campo do que nas cidades. Em 1980, cinco anos após a independência, 80% dos angolanos ainda vivia no campo (VISENTINI, 2012, p. 65).

De acordo com Carvalho Filho (2017, p. 132), os mestiços e os ambundos (ou kimbundos, na expressão usada por Pepetela) eram as etnias predominantes nos escalões superiores do MPLA, muito embora o grupo não apresentasse, como já se ressaltou, qualquer lógica racista na sua estruturação, sendo a única agremiação revolucionária nacionalista realmente livre desse viés. Os oviumbundos (ou umbundos), povos do sul, reuniram-se notadamente junto à UNITA, muito embora, como em *Mayombe*, estivessem presentes também no MPLA. Os bakongos (ou kikongos), por seu turno, reuniram-se preferencialmente junto ao FNLA, merecendo destaque que, em *Mayombe*, o comandante do grupo guerrilheiro e certamente o personagem mais complexo da narrativa é dessa etnia.

A guerra civil que envolveu basicamente esses três grupos num confronto fratricida, após a independência, dá bem a dimensão da profundidade da fissura étnica que acabou tomando conta de Angola. Imagine-se a complexidade da situação de guerrilheiros umbundos ou bakongos, alistados no MPLA, quando tivessem que enfrentar, respectivamente, UNITA ou o FNLA, organizações que reuniam majoritariamente seus próprios povos. No limite, todos eles reuniram elementos de variadas etnias, mas foi certamente o MPLA que levou mais a fundo a lógica da democracia étnica e da completa pluralidade racial em suas fileiras, sempre acusando seus rivais, UNITA e FNLA, de um viés racista.

3.2 Colonialismo em Angola

A África foi certamente uma das regiões que mais sofreu com o desenvolvimento do imperialismo colonialista das potências europeias, política que foi claramente desenvolvida como suporte para práticas capitalistas em processo de rápida ascensão. Ainda que escamoteado sob um discurso artificialmente construído que explicava a política colonial quase que como uma necessidade diante de alegadas “infantilização” e “incapacidade” dos povos locais, o domínio buscado tinha por meta obter o máximo de vantagens para a metrópole com o mínimo de custos (PARADA; MEIHY; MATTOS, 2013).

A atuação colonial da metrópole portuguesa em Angola foi desastrosa sob o ponto de vista humano. A lógica pragmática da busca de capitais e dividendos a qualquer custo provocou um verdadeiro desastre humanitário na colônia, o que, como vimos, certamente alimentou o ódio racial que tantos obstáculos ofereceu à construção da nação. Cerca de um milhão de angolanos emigrou para países vizinhos como a Rodésia, o Congo e a África do Sul a procura de trabalho. No campo, milhões foram deslocados de seus ambientes de origem, quando as terras eram férteis e interessavam aos colonos brancos, e submetidos a trabalho forçado em terras desconhecidas. Nas grandes cidades, o horizonte para os povos nativos não foi além do subemprego e do desemprego (CARVALHO FILHO, 2016, p. 65). As tradicionais estruturas produtivas do país foram completamente desnaturadas, resultando em injustiça, revolta e ressentimento, fatores que serviram de combustível para as insurgências nacionalistas e anticoloniais. A prosperidade dos brancos aumentava a percepção da miséria da quase totalidade dos negros, fato que se verificava em todo o país, inclusive em Luanda e em regiões particularmente prósperas, como a de Dembos, na província de Bengo, adjacente a Luanda, onde a cafeicultura produziu excelentes resultados.

Um dos trechos de *Mayombe* mais eloquentes na denúncia da exploração do negro nativo pelo branco invasor está num momento em que o guerrilheiro Muatiânvua assume a narração e, contando sobre seu passado, afirma:

O meu pai morreu tuberculoso com o trabalho das minas, um ano depois de eu nascer. Nasci na Lunda, no centro do diamante. O meu pai cavou com a picareta a terra virgem, carregou vagões de terra, que ia ser separada para dela se libertarem os diamantes. Morreu num hospital da Companhia, tuberculoso. O meu pai pegou com as mãos rudes milhares de escudos de diamantes. A nós não deixou um só, nem sequer o salário de um mês. O diamante entrou-lhe no peito, chupou-lhe a força, chupou, até que ele morreu. O brilho do diamante são as lágrimas dos trabalhadores da Companhia. A dureza do diamante é

ilusão: não é mais que gotas de suor esmagadas pelas toneladas de terra que o cobrem.

(...)

Onde eu nasci, havia homens de todas as línguas vivendo nas casas comuns e miseráveis da Companhia. Onde eu cresci, no Bairro Benfica, em Benguela, havia homens de todas as línguas, sofrendo as mesmas amarguras (PEPETELA, 2013, p. 119-120).

Há algumas passagens no texto do romance em que são feitas referências às atrocidades cometidas pelo colonizador português em Angola. Numa delas, quando a voz narrativa é concedida ao guerrilheiro Milagre, ele conta sobre ações de extrema crueldade levadas a efeito pelos portugueses, uma delas em particular que resultou na morte de seu pai e que o fez desenvolver ódio até mesmo do tipo de trator utilizado no ato que resultou na morte referida:

Mas lembro-me ainda das cenas de crianças atiradas contra as árvores, de homens enterrados até o pescoço, cabeça de fora, e o trator passando, cortando as cabeças com a lâmina feita para abrir terra, para dar riqueza aos homens. Com que prazer destruí há bocado o buldózer! Era parecido com aquele que arrancou a cabeça do meu pai. O buldózer não tem culpa, depende de quem o guia, é como a arma que se empunha. Mas eu não posso deixar de odiar os tratores, desculpem-me (PEPETELA, 2013, p. 34).

Para além das mortes, torturas e outras formas deliberadas de hostilidade contra os povos nativos, um dos mais odiosos instrumentos da atuação portuguesa na colônia foi o sistema do trabalho forçado, que vigorou de 1878 até 1961 e que se caracterizava como uma espécie de semiescravidão, amparada em uma legislação metropolitana que permitia arregimentar compulsoriamente para o trabalho no campo os nativos que estivessem sem ocupação.

A dominação colonial foi acompanhada de todos os ingredientes de que são capazes a covardia, a sordidez e a maldade humanas quando existem estruturas desiguais de poder e um ser humano ou um grupo está à mercê de outro: torturas, humilhações, violência sexual, deslocamentos forçados e assassinatos¹⁶. A condição da mulher angolana durante o domínio colonial foi um capítulo particularmente ignóbil. A hipocrisia da sociedade colonial admitia, à sorrelfa, que o homem branco saciasse sua libido com as negras e mestiças, mas censurava-o fortemente se pretendesse assumir uma relação oficial com uma não branca. Amasiamentos eram frequentes, ainda que vistos com reserva, mas o casamento interracial era intolerável para

¹⁶ Deve-se observar que talvez esse cenário possa ser parcialmente explicado pela natureza dos emigrados portugueses que vieram para Angola, em especial no primeiro quartel do século XX. De acordo com Carvalho Filho (2016, p. 99), “até 1932, a colonização foi feita, primordialmente, com deportados. Desses, entre 1902 e 1917, 57% tinham cometido crimes contra a pessoa, ou seja, assassinatos, ferimentos e estupros. Dessa forma, o marginal na metrópole tornava-se senhor na colônia e, constantemente, pervertia a parte mais sadia do segmento colonizador”.

a sociedade branca de Angola. A farta literatura que retrata o período e a condição da mulher relatou largamente os estupros, os assédios e a exploração de toda ordem, e até a prática de forçar o dedo médio no meio das nádegas das negras, por sobre as roupas com a naturalidade de quem acaricia um animal doméstico (CARVALHO FILHO, 2016). A violência sexual contra a mulher negra era tão arraigada na estrutura colonial que era praticada por autoridades administrativas e policiais e militares, e não poupava nem mesmo as mulheres casadas. A mulher negra era vista como dada aos prazeres da carne e a postura de menosprezo e objetificação estava à mostra até mesmo no modo popular de se referir à mulher negra e a sua genitália: “gado rachado” (CARVALHO FILHO, 2016, p. 101).

A metrópole sempre pretendeu abafar e, tanto quanto possível, aniquilar a cultura e as tradições locais, como forma de fazer mais forte a identificação da terra angolana com Portugal. Havia aí não apenas um desejo de uniformidade cultural com base em valores portugueses, mas um profundo desprezo pelas tradições das populações locais. O colonialismo era mais do que um processo econômico e, portanto, mais perverso do que um simples regime que quisesse espoliar. O colonialismo português pretendia arrasar, fazer desaparecer qualquer traço que pudesse ser chamado de angolanidade. Sobre essa faceta da ideologia colonial, Chaves (2009, p. 132) afirma:

É preciso não esquecer que, no mesmo compasso em que recusa a igualdade, o sistema colonial tem como um dos seus postulados a negação do direito à diferença. Recusa-se a ver a diferença como fator cultural e recusa-se a reconhecer as diferenças que o território ocupado acolhe. Na linguagem uniformizante daquele poder, são todos iguais em seu atraso, na sua incultura, na sua selvageria, ou até na sua humilde docilidade.

Uma das facetas mais visíveis dessa empreitada era a pressão para o abandono das línguas da terra, processo que acabou sendo relativamente bem sucedido nas maiores cidades, particularmente em Luanda, onde se situava a maior parte da burocracia administrativa da metrópole. Em muitas famílias, as línguas locais, particularmente o kimbundo, foram sendo abandonadas e era comum que muitos núcleos familiares já não fossem mais bilingues, falando apenas o português. Nas periferias, em especial nos musseques de Luanda, surgiu um linguajar que misturava o português com falares kimbundos, tendo sido chamado muitas vezes de “pretuguês”. Esse falar, contudo, também era discriminado e as elites e camadas médias da colônia preocupavam-se em não permitir a entrada desse sotaque em suas famílias (CARVALHO FILHO, 2016, p. 228-229).

A partir da Segunda Guerra Mundial a tensão racial se exacerbou em Angola em razão da vinda de grande contingente de novos brancos portugueses que buscavam ganhar dinheiro

na colônia¹⁷. As relações interraciais perversas, mas de alguma forma já acomodadas, foram reviradas pelos novos portugueses recém chegados, criando ainda mais dificuldades para uma camada de negros e mestiços que tinha conseguido algum nível de comodidade (CARVALHO FILHO, 2016, p. 84). Essa fase que antecedeu a eclosão da luta de independência foi marcada por uma coerção particularmente cruel das autoridades coloniais, em especial nas áreas urbanas. Até a PIDE, a temida polícia política da ditadura metropolitana, com seus métodos indignos e completo desrespeito à autonomia individual, foi utilizada em solo angolano, a partir de 1957, contra os povos nativos. Infiltrou-se nos movimentos de oposição política, inclusive no MPLA, vigiou atentamente a produção literária e, a partir de 1959, com a deterioração da situação política, tornou-se o verdadeiro centro de poder político na colônia, gozando da possibilidade de prender pessoas sem acusações formais (CARVALHO FILHO, 2016, p. 117). Obviamente, esse estado de coisas não poderia durar indefinidamente e acelerou a eclosão do conflito.

O ocaso da dominação colonial em Angola foi parte de um processo global de repúdio a essa forma de exploração. Já no final da década de 1950, iniciadas as independências das colônias europeias na África (como a de Gana, em 1958), o sistema colonial passou a ser objeto de fortes críticas internacionais e de pressões constantes, inclusive na ONU. Foi nesse contexto que se formou na literatura angolana o combate ao sistema colonial.

Acrescente-se, ainda, que a Igreja Católica, aliada histórica do governo português, foi parte atuante desse processo de dominação e espólio, ainda que, muitas vezes, buscasse explicações supostamente legitimadoras desse estado de coisas e evitasse mostrar-se abertamente favorável ao *status quo*. O clero era português na sua quase totalidade e até o ingresso de mestiços e negros era obstado em suas fileiras. O governo português e a Igreja agiram como aliados em Angola, demonizando nacionalistas, o MPLA e “seus amigos da Internacional [Comunista]”¹⁸. Carvalho Filho (2016, p. 108) chama a atenção para a:

[...] hipocrisia da prática católica dos soldados portugueses: aqueles que fuzilavam em massa os prisioneiros de guerra e os sepultavam, com auxílio

¹⁷ De acordo com Visentini (2012, p. 47-48), “em 1900, estimava-se que 10 mil colonos estavam em Angola, número que ascendeu a 80 mil em 1950 e, em 1974 ampliou-se para 350 mil”. Os números apresentados por Carvalho Filho (2016, p. 167) são semelhantes. Segundo ele, eram 78.000 em 1950. De acordo com José (2008, p. 154-155) entre 1940 e 1950, enquanto a população geral de Angola cresceu 11%, o número de brancos aumentou cerca de 80%.

¹⁸ Afirma Carvalho Filho (2016, p. 109-110) que “a propaganda salazarista, tentando salvar o colonialismo e o próprio regime, colocava Portugal como o país guardião dos valores da ‘civilização ocidental e defensor da fé contra a ameaça do Anticristo Comunista’”. Interessante notar como tem antigo assento histórico a prática ainda hoje vigente das elites capitalistas dominantes de usar a simpatia à causa socialista de alguns setores da população, e mais especificamente a expressão “comunismo”, como formas de assustar e cooptar apoio junto às massas despolitizadas, explorando, inclusive, sua fé religiosa.

de trator, em grandes valas comuns, eram os mesmos que comungavam todos os domingos.

Os protestantes norte-americanos, ao contrário, foram muitas vezes apontados como importante foco incitador da rebeldia negra contra o domínio português, muito embora a posição oficial daquele país fosse de uma crítica mais retórica do que prática à continuidade do regime colonial, já que gozava de favores do governo português, como a manutenção de uma base militar na ilha dos Açores (CARVALHO FILHO, 2016, p. 167).

3.3 Revolução angolana

A revolução angolana foi a mais importante do mundo colonial português. Essa importância se deveu, em primeiro lugar, ao fato de que Angola era, certamente, dentre as colônias portuguesas, aquela que apresentava maior perspectiva de sucesso econômico, em especial por sua extensão territorial, suas terras férteis e sua riqueza mineral, particularmente petróleo e diamantes. Além disso, foi o processo revolucionário mais longo e complexo, envolvendo vários anos de uma guerra civil que se seguiu à independência.

Deve-se observar desde já – e esse aspecto vem sendo vincado ao longo do texto – que a revolução angolana não é apenas um processo político de ruptura com estruturas políticas de dominação, mas também é o processo de construção de uma nação, já que o sentimento de uma identidade angolana única era pouco mais do que um sonho daqueles que participaram do processo de luta anticolonial.

Os processos de independência na África portuguesa, ao contrário do que aconteceu com várias colônias africanas de outros países europeus, teve de dar-se de forma violenta, tendo em vista que a metrópole foi incapaz de perceber e aceitar o irreversível amadurecimento do desejo de libertação em seus territórios de ultramar. A via conflituosa foi então o único caminho possível. Visentini (2012, p. 39) explica que “o longo e imobilista regime salazarista se negava a conceder independência ou, mesmo, autonomia aos povos coloniais africanos, inclusive reprimindo com brutalidade as manifestações políticas”. Em outras localidades, metrópoles que se mostraram mais sensíveis ao caráter irreversível do desejo de liberdade em suas colônias elaboraram projetos pacíficos de transição do poder político, ainda que normalmente sob o controle das elites locais. Nesses casos, a vantagem do não derramamento de sangue certamente superava o inconveniente de que os processos de independência não rompiam com as estruturas de dominação e exploração econômicas nas colônias. Em Angola, ao contrário, o processo

traumático de independência, em especial em razão da longa guerra civil de que se fez acompanhar, acabou rompendo todas as estruturas de poder¹⁹ e criando um cenário em que foi possível ao MPLA introduzir princípios socializantes.²⁰

A compreensão da revolução angolana passa pela identificação e caracterização dos três grupos pró-independência que atuaram ao longo do processo. O MPLA (Movimento Popular de Libertação de Angola) foi certamente o mais importantes deles, logrando, ao final do processo, declarar a independência de Angola em 1975, tendo enfrentado, contudo, violenta oposição dos outros dois movimentos similares: a FNLA (Frente Nacional de Libertação de Angola) e a UNITA (União Nacional para a Independência Total de Angola). O MPLA teve origem marcadamente urbana, progressista e antirracista (CARVALHO FILHO, 2016), embora em sua composição tivessem nítido destaque mestiços e kimbundos. A partir de 1960, passou a incorporar uma tendência marxista, muito embora o compromisso com essa ideologia política só tenha sido incorporado ao seu programa após a independência, mais precisamente no ano de 1976, fato que influenciou, inclusive, o nome da nação nascente: República Popular de Angola (CARVALHO FILHO, 2016). Esse alinhamento político viabilizou importante apoio soviético (armas) e cubano (voluntários que lutaram e trabalharam durante longo tempo em solo angolano)²¹, sem os quais muito provavelmente o desenvolvimento do processo revolucionário teria sido outro. Como salientado, foi o MPLA a força capaz de reunir à sua volta a quase totalidade da intelectualidade angolana que sonhava com uma nação livre e unida. Sobre o MPLA, afirma Carvalho Filho (2016, p. 246):

O MPLA era exaltado, em textos literários das páginas dos jornais, como o grande e único motor da luta de libertação, apresentando-o como uma espécie de intelectual coletivo, cuja tarefa primordial consistia em dirigir e organizar a nova hegemonia que pretendia implantar. Repetindo slogans e chavões já utilizados pelo próprio movimento, comumente identificava o povo angolano com o MPLA, tornando-o a “vanguarda revolucionária”, o único “guia”,

¹⁹ A elite branca fugiu em massa para a Rodésia e para a África do Sul, levando muitas vezes todo o maquinário e ferramentas que puderam carregar e, não raro, destruindo aquilo que ficou para trás. Esse foi um dos fatores que agravaram a dificuldade do processo de reconstrução das estruturas produtivas na Angola recém liberta (VISENTINI, 2012, p. 58).

²⁰ Os acontecimentos que se seguiram aos primeiros anos do pós-independência acabaram apontando outros caminhos para Angola, afastando-a do ideal socialista, produzindo, inclusive, certo grau de decepção em Pepetela, para quem, algumas décadas depois da independência, as riquezas naturais de Angola só estariam beneficiando um punhado de pessoas e os estrangeiros (CHAVES; MACÊDO, 2009, p. 50).

²¹ É curioso verificar que, em plena ditadura militar, o governo Geisel colocou-se ao lado do MPLA e, em seguida, do reconhecimento da independência de Angola, sob domínio desse movimento (JOSÉ, 2008, p. 157). Prevaleram os interesses de uma política externa pragmática que não se vexou de, mesmo representando uma ditadura golpista de direita, apoiar um movimento político com marcado viés de esquerda. Como se verifica, em pleno regime militar brasileiro, a nossa diplomacia agia de forma independente, não alinhada com os Estados Unidos (que sempre repudiaram o MPLA, apoiando seus rivais), ao contrário do que acontece atualmente, numa fase em que o país vive normalidade democrático-eleitoral e o governo eleito age com alinhamento cego à política externa dos Estados Unidos de Donald Trump, amesquinhando o papel brasileiro – que já foi relevante – no concerto das nações.

educador e representante da nação. [...] Identificava-se de tal forma a nação a esse movimento, que era possível afirmar: “quando o ‘Eme’ recua, Angola vai acabar”. Essa organização era vista como um movimento-nação, depois como um partido-nação, no sentido que atribuía a si uma semente da nacionalidade, favorecendo o surgimento de um partido único, controlador de toda a vida social. Com isso, implicitamente, desqualificava a autenticidade dos outros movimentos angolanos pela independência, justificando o combate a eles, pois eram delineados, pelo texto de José de Freitas, como não verdadeiramente nacionais, empregadores de “estrangeiros pagos / para nos matarem”.

Os outros dois movimentos de independência, a UNITA (União para a Independência Total de Angola) e a FNLA (Frente Nacional de Libertação de Angola) tinham origens menos ligadas ao cenário urbano, e vinculações étnicas parciais mais demarcadas. Por essa razão, quase não foram capazes de conseguir a adesão de representantes da intelectualidade angolana, que muito cedo se apercebeu de que, sem a superação da fragmentação racial, a independência e a construção de uma nação seriam inviáveis (CARVALHO FILHO, 2016). Ambas tinham uma liderança personalista muito marcante (Holden Roberto na FNLA e Jonas Savimbi na UNITA, ambos protestantes), ao contrário do MPLA que, ao longo do tempo, desenvolveu sofisticada estrutura orgânica, que impedia o excessivo personalismo das lideranças e garantia voz às bases do movimento.

A UNITA estava baseada no sul de Angola e era predominantemente composta pela etnia umbundo, predominante nessa faixa do território. Era um grupo moderado, pró-ocidental e contou durante todo o tempo em que se manteve vivo com forte apoio do regime racista da África do Sul, incomodada, como potência regional, com o surgimento de uma potência socialista no centro-sul do continente.

Para Oliveira (2017), ao contrário do que aqui se vem afirmando com base em outros autores, é impreciso sustentar que o MPLA tinha uma postura e uma atuação mais agregadoras do que a UNITA, superando-a no quesito multirracismo e força de união geral das diferentes etnias angolanas. O que teria existido foram simplesmente estratégias e enfoque diferentes. Apesar dessa visão, o fato é que a intelectualidade angolana enxergou no projeto do MPLA aquele com maior perspectiva de agregação e de formação de um verdadeiro espírito nacional. Para Oliveira (2017, p. 21):

Em Angola a UNITA parece ter se beneficiado especialmente desse recurso, ...expresso em seu discurso “pan-africanista” e “tradicionalista”, oposto ao inimigo crioulo, suposto continuador do colonialismo; já o MPLA retratava a ênfase nas identidades étnicas como “fetichismo” e “obscurantismo”, sendo estas vistas como obstáculos ao progresso e à integração nacional – duas formas opostas de universalização e de propor a soberania do estado por meio de distintos agenciamentos das diferenças, mas igualmente direcionadas à construção de uma identidade nacional.

A FNLA era dominada pela etnia bakongo, do norte de Angola, região onde a frente combateu de forma mais ativa. Tinha forte apoio dos Estados Unidos e do Zaire e, assim como a UNITA, era um movimento moderado simpático aos valores ocidentais. Dizia-se anticomunista e afirmava-se contra brancos e portugueses (VISENTINI, 2012).

Militarmente falando, o MPLA sempre esteve à frente de seus rivais, inclusive possuindo centros de formação militar e estando organizado em zonas administrativas que alcançavam todo o seu território. Suas lideranças militares quase sempre eram formadas no exterior, nas nações amigas, URSS e Cuba.

As movimentações pró-independência, sob coordenação do MPLA, iniciaram-se no ano de 1959. No ano seguinte, houve a prisão de Agostinho Neto, liderança emblemática do grupo e, em 1961, ocorreu a insurreição de Luanda, violentamente reprimida por portugueses, inclusive com a morte de vários membros do movimento, tendo os remanescentes sido obrigados a fugir da capital e a refugiarem-se nas matas. Em 1962, o MPLA já tinha duas regiões Político-Militares formalmente instaladas, com frentes de guerrilha atuantes, no norte de Luanda e no enclave de Cabinda. Em 1964 começou a chegar a ajuda militar soviética, mesmo ano em que desembarcaram em África os primeiros combatentes cubanos, ambos fatos que foram decisivos na trajetória bem sucedida do MPLA. Em 1966, a UNITA iniciou sua participação militar em favor da independência, atuando contra os portugueses no leste do país. Finalmente, em 1969, o MPLA já tinha cinco regiões Político-Militares instaladas e sua guerrilha atuava em todas as cinco frentes (VISENTINI, 2012, p. 52).

Em 1974 ocorreu na metrópole um fato que se mostrou decisivo para o destino de Angola e das demais colônias portuguesas: a derrubada da longa ditadura de Salazar pela Revolução dos Cravos. Logo o novo poder político sinalizou sua simpatia pela causa da independência das colônias e, na sequência, chamou os três movimentos (MPLA, FNLA e UNITA) para integrar um governo de transição, ideia que não avançou devido à intensidade das divergências ideológicas e a consequente malquerença entre os grupos.

Já em fevereiro de 1974 a luta armada aberta (não mais pontual, sob típico formato de guerrilha) irrompera: o MPLA atacou as forças portuguesas e a FNLA e o exército do Zaire invadiram o país pelo norte, rumando para Luanda. Dois meses depois, soldados sul-africanos ultrapassaram a fronteira da Namíbia ao sul, invadindo o território angolano em confronto com o MPLA. No mês seguinte, a UNITA também atacou o MPLA no sul de Angola.

O avanço da FNLA pelo norte foi relativamente bem sucedido e em setembro suas forças já haviam tomado a cidade de Caxito, no Bengo, província vizinha de Luanda. O avanço da

UNITA e dos soldados sul-africanos pelo sul também já ameaçava Luanda a essa altura. Foi então que a ajuda externa chegou (cerca de dez mil soldados cubanos e farto material bélico soviético) e provocou uma reviravolta nos rumos do processo. Finalmente, em 1975, no mês de novembro, o MPLA proclamou a República Popular de Angola, num momento em que, além das forças metropolitanas, ainda se embatia com o FNLA no norte e com a UNITA no sul, conforme referido acima. Em ambas as frentes foi decisiva a participação de soldados cubanos ao lado dos guerrilheiros angolanos do MPLA. Seguiram-se cerca de quinze anos de uma guerra civil que devastou o país, contrapondo fundamentalmente o MPLA e a UNITA (VISENTINI, 2012).

3.4 A intelectualidade angolana, Pepetela e sua trajetória pessoal

A literatura e os escritores em Angola têm uma trajetória intimamente ligada aos processos sócio-históricos de luta (compreendida a palavra em seu sentido mais amplo) anticolonial e “a formação da identidade nacional é na realidade uma das linhas de força da consecução desse sistema literário” (CHAVES, 1999, p. 218). Os escritores e suas obras foram possivelmente a fonte mais importante para o desenvolvimento de um projeto de nação, sendo que, no pós-independência, em especial nos primeiros momentos, muitos cargos políticos, de segundo e mesmo de primeiro escalão, foram ocupados por escritores, em especial por serem indivíduos com preparo intelectual e em razão da ausência de quadros qualificados (CARVALHO FILHO, 2016, p. 44). Para Mônica Lima e Souza (2016, p. 10) não há mesmo “como pensar a história de Angola recente e, sobretudo, temas relacionados à formação do Estado e da identidade angolana, sem referir-se à sua literatura”. Sobre os marcantes vínculos entre história e literatura, não só em Angola, mas na África de língua portuguesa de forma geral, Rosangela Sarteschi (2008, p. 8-9) afirmou:

Assim o entrecruzamento entre ficção e história será bastante profícuo na história das literaturas africanas de língua portuguesa, especialmente Angola, Moçambique e Cabo Verde. Uma característica importante nos textos produzidos por escritores desses países é que, a despeito do reduzido número de leitores, a literatura na história desses países definiu-se como um instrumento relevante de transformação social. A existência de uma prolongada política de intensificação das diferenças entre os variados grupos etnolingüísticos faz com que escritores acabem por cultivar sua possibilidade de costurar uma unidade ainda que tênue, reconhecendo-lhe a função de aglutinar os fragmentos gerados pela história construída numa sequência de cisões. Em todos os territórios africanos colonizados por Portugal, a produção literária chamada nacional nasce sob o signo da reivindicação, trazendo para si a função de participar no esforço de construir um espaço de discussão sobre a condição colonial. Com vínculos fortes com a História, a literatura funciona

como um espelho dinâmico das convulsões vividas por esses povos, como afirma Rita Chaves. Nesse sentido, nota-se também uma crescente tendência, particularmente entre romancistas, de re-escrever o passado pré-colonial e colonial.

Com o desenvolvimento do processo revolucionário, esses escritores, sua militância e seu projeto de nação acabaram reverenciados largamente pelo povo angolano. David Mestre (1985, *apud* CARVALHO FILHO, 2016, p. 46) chegou a afirmar que “à frente da história seguem os heróis, os santos e os poetas”, o que demonstra o caráter profético com que foram vistos os escritores angolanos daquele período que se dedicavam à questão nacional em seus escritos. Para Carvalho Filho (2016, p. 61), em Angola ocorreu o contrário do que se poderia normalmente esperar: a cultura e a identidade nacionais, como fator de unidade, não foram simplesmente retratadas por esses artistas das letras, elas foram quase sempre resultado dessa produção literária.

Pepetela se coloca como parte desse cenário, aduzindo Chaves (1999, p. 219) que “talvez mais do que em qualquer outra produção estejam visivelmente assinalados na sua as representações, os impasses e as contradições da história recente do país”, devendo-se salientar que sua participação no processo de luta anticolonial não foi apenas retórica: ele pegou em armas e juntou-se às fileiras do MPLA²², fato que se verificou também com vários outros escritores angolanos daquele período, mesmo alguns brancos, como ele. A Angola sonhada por Pepetela e pela intelectualidade angolana em geral era plurirracial e não racista (CARVALHO FILHO, 2016).²³

Essa efervescência no seio da intelectualidade angolana não foi, contudo, um fenômeno isolado. Por todo o continente, em maior ou menor escala vicejava um pensamento alvissareiro:

O período em torno de meados do século XX foi um momento de importantes transformações para o pensamento africano, marcado por grande otimismo e autoconfiança. As escolas de pensamento ligadas aos poetas da negritude e aos militantes do Pan-Africanismo independentista e do socialismo africano

²² Sobre sua vivência na guerrilha Pepetela afirmou a Roberto Castro, em entrevista do ano de 1997: “Foi o melhor período da minha vida. Era o período em que estava absolutamente tranquilo com a minha consciência. Fazia aquilo que deveria fazer” (CHAVES; MACÊDO, 2009, p. 33).

²³ Numa entrevista concedida no ano de 1991, Pepetela ressaltou sua experiência pessoal com a questão racial. Percebe-se como a descoberta da discriminação foi espontânea (o tema certamente não lhe era trazido no ambiente familiar) e como o incomodou: “...eu tinha oito, nove anos e para mim, era absolutamente normal ter amigos de todas as cores [...] E na escola – a escola era relativamente liberal -, também havia crianças que vinham da sanzala, da cidade branca ...Portanto, aí, do ponto de vista humano, houve sempre uma disposição para não ver as cores das pessoas...Até que, em certo momento – doze anos, treze anos – comecei a aperceber-me de que os meus amigos que moravam de um lado tinham mais facilidades do que os meus amigos que moravam do outro lado [...] E eu comecei-me a aperceber de que havia diferenças e, sobretudo, os meus amigos brancos tinham comportamentos estranhos – para mim – em relação aos meus amigos negros ou mestiços. E não sei porquê, isso sempre me perturbou...” (CHAVES; MACÊDO, 2009, p. 31).

exerciam, nesse momento, um forte impacto no continente, com grande repercussão mundial (PARADA; MEIHY, MATTOS, 2013, p. 55).

Entretanto, não bastava a existência de um inimigo comum para garantir o sucesso da empreitada de construção nacional. Até porque, vencido o inimigo, os partícipes da luta podiam então se desgrudar, implodindo, já de início, o sonho nacional. Os intelectuais tiveram um papel decisivo nesse processo, porque, como salienta SOUZA (2016, p. 14), mesmo respeitando e enaltecendo cada cultura em particular, subordinaram-nas ao projeto nacional. Assim, “qualquer ameaça das primeiras [culturas étnicas] seria logo classificada, tanto no mundo político como no literário de ‘tribalismo’, com todo o sentido pejorativo que a palavra pode carregar” (SOUZA, 2016, p. 14). Em *Mayombe*, um exemplo marcante disso é a postura do Comandante Sem Medo, que salienta a conveniência do uso da língua portuguesa, que “é de todos”, em lugar dos dialetos tribais (PEPETELA, 2013, p. 69).

Esse repúdio ao exacerbado apego étnico, alimentando hostilidades em face de grupos raciais diferentes tem papel destacado em *Mayombe*. Em várias passagens, não apenas o narrador principal, mas os próprios personagens, tanto em seus diálogos como nos momentos em que recebem a voz narrativa, fazem referência ao tribalismo como um mal, um sentimento destrutivo e fragmentador. Entretanto, a obra espelha de forma clara a força desse sentimento e toda a dificuldade, inclusive no seio do MPLA, de combater essa cultura divisionista em prol de uma união direcionada à construção da nação.

Os escritores angolanos eram majoritariamente brancos, embora houvesse importante contingente de negros e mestiços. Tinham uma condição social média superior à da população em geral, normalmente tendo tido acesso ao ensino formal, frequentemente na metrópole ou em outros países europeus. Eram majoritariamente naturais de Luanda (em seguida, havia um grupo da litorânea Benguela, do qual fazia parte Pepetela), frequentemente de famílias que mantinham ainda algum vínculo afetivo com a metrópole, muito embora tenham tido uma posição radicalmente nacionalista, engajada e militante ao longo de todo o processo de luta anticolonial e de independência. Sobre a participação dos escritores angolanos nesse processo, afirma Carvalho Filho:

Como a intelectualidade das demais colônias africanas portuguesas, os escritores, em geral, participaram na luta de libertação, seja na guerrilha, nas prisões e campos de concentração ou, indiretamente, por meio da práxis literária, sofrendo censura ou impedimento para publicar suas obras. Ao longo da história angolana, forjaram-se vários projetos nacionais. Quase a totalidade dos escritores reconheceu-se num deles, o do MPLA, de cuja construção compartilharam, na tentativa de transformar a realidade colonial em uma nação socialista. Tiveram intensa participação dentro desse movimento, formando parte dos seus quadros mais influentes, exercendo o papel de

trabalhadores especializados de comunicação nacionalista. Até aqueles não diretamente engajados na guerrilha deram apoio indireto a essa organização, estabelecendo com ela, pelo menos, uma ligação afetiva. Portanto, o escritor típico dessa fase da história angolana emergiu como militante político (2016, p. 42)

A produção literária de Pepetela está profundamente enraizada na experiência histórica angolana e, em particular, em sua vivência pessoal nesse contexto, tratando de diferentes períodos, desde a ingênua esperança geral da fase colonial até o desalento da frustração pelos caminhos desviados no pós-independência. Ele próprio, em entrevista concedida a Denise Mota no ano de 2006, falando sobre a ligação entre sua participação pessoal nos processos políticos angolanos e sua obra afirmou que “uma participação tão prolongada no processo de libertação e de constituição de uma nação deixa marcas e influencia minha literatura, sobretudo em termos dos temas que escolho” (CHAVES; MACEDO, 2009, p. 37). Para ele, sua obra sempre teve um “denominador comum”: a formação da nação angolana (CHAVES; MACÊDO, 2009, p. 34)

Mayombe, por exemplo, cobre a fase da luta revolucionária e, como já salientado, até mesmo pelo fato de ter sido escrito na frente de batalha²⁴, certamente foi profundamente influenciado pelas experiências concretas vividas pelo escritor, ilustrando muito do que ele mesmo pensava sobre o conflito. Para ele, “há situações em que fazer uma guerra é justo, por exemplo quando um povo quer a independência e uma potência pretende manter um regime colonial a todo preço” (CHAVES; MACÊDO, 2009, p. 33)

Pepetela, muito embora fosse um simpatizante da ideologia socialista, sempre foi um crítico da reverência cega ao marxismo esquematizado, desligado na realidade e ligado exclusivamente a preceitos teóricos d’ *O Capital*. O escritor sempre exaltou a acurada aptidão do marxismo como forma de explicação da realidade e como vetor de engajamento político e luta (CARVALHO FILHO, 2016), contudo, a sua visão crítica sobre a adoção obtusa do marxismo como forma única, quase sagrada, de compreensão do mundo e de estabelecimento de estratégias de ação tem espaço em *Mayombe*, nos confrontos de ideias entre os personagens Comissário Político (jovem idealista e inexperiente, adepto de uma visão teórica dogmatizada de ação) e Sem Medo, o comandante do grupo guerrilheiro, fortemente marcado por uma visão

²⁴ A Aguinaldo Cristóvão, Pepetela afirmou em entrevista que foi escrevendo o livro ao longo de sua participação como guerrilheiro do MPLA, sem a pretensão de publicar, mais como reflexões sobre o que ele ia vivenciando, de tal forma que poderia ter optado até mesmo pela forma de um diário. Uma das partes do texto foi escrita durante às noites, nas bases do enclave de Cabinda, enquanto os companheiros dormiam. A despeito disso, ele afirmou que o livro “tem muitas referências verídicas, embora as personagens não correspondam a pessoas reais” (CHAVES; MACÊDO, 2009, p. 40). Curiosamente, no grupo guerrilheiro retratado no romance não há nenhum personagem branco.

pragmática e algo pessimista da realidade e das possibilidades da ação humana (CARVALHO FILHO, 2016).

Como temos salientado, são vários os indícios, na vida e na obra de Pepetela, de que seus livros, sob o formato de ficção, retratam muito do que ele mesmo pensava sobre seu país. Também nessa questão do marxismo no seio do MPLA, nas polêmicas entre os personagens, é possível detectar as perplexidades que ele mesmo possivelmente experimentava, já que em certa ocasião ele afirmou:

A minha ideologia não mudou. Eu continuo a ser uma pessoa que pensa primeiro no povo, e depois no resto. Eu me definiria talvez como um socialista utópico. Talvez. Eu não gosto de pôr rótulo nas coisas. É difícil. O socialismo deve ser a base, sem dúvida nenhuma, mas um socialismo mais para o utópico. Aquilo que ainda não se conseguiu construir (CHAVES; MACÊDO, 2009, p. 46).

Noutro momento, Pepetela fala sobre o papel da luta pela independência como fator de unificação da nação, revelando que acreditava pessoalmente na essencialidade do enfrentamento do colonizador como fator de unificação da nação angolana, indicando sua crença pessoal no segundo elemento da equação que acima referimos como compondo o vetor estrutural do romance, ou seja, o conflito entre fragmentação tribal e unidade revolucionária

:

A luta pela independência teve essa capacidade de unir as vontades, embora de formas separadas, como se pode constatar pela existência de diferentes Movimentos de Libertação. Mas a ideia de independência era comum, como um mito renovador. O que tenho dito é que nos está faltando esse novo mito que una a Nação para um projecto comum. E deveria ser um projecto criado, inventado, por nós, não copiado do exterior, que é o que não paramos de fazer (CHAVES; MACÊDO, 2009, p. 49).

Como branco nascido em Angola, de família já instalada na África há algumas gerações, Pepetela foi capaz de experimentar na sua própria experiência de vida a cisão e discriminação que separavam os colonos ibéricos e os brancos naturais da África, ou seja, mais do que a cor da pele, havia uma cisão cultural e espiritual, como mencionamos acima. Sobre a condição pessoal de Pepetela e sua forma de encarar a situação racial, Carvalho Filho (2016, p. 137-138) informa que:

Pepetela reagiu contra a discriminação que o português realizava em relação ao branco nascido em Angola, porquanto considerava-se “branco de primeira” enquanto o branco angolano era tido como “branco de segunda”, distinção essa inscrita até no bilhete de identidade. Pepetela, António Jacinto, Luandino Vieira e António Cardoso sentiam-se exilados no seu próprio país como cidadãos de segunda classe, pois eram discriminados no acesso a determinados cargos públicos e ao exército. [...] Pepetela detectava uma raiz

do nacionalismo no desafeto dos brancos nascidos em Angola para com os metropolitanos.

Pepetela exerceu vários cargos no MPLA e no partido em que ele se transformou após a independência. Foi seu representante oficial em Argel, membro do Conselho Escolar da 2ª. Região Militar (Cabinda) e depois da 3ª. Região, Secretário Permanente do Departamento de Educação e Cultura, diretor do Departamento de Orientação Política e Membro do Estado Maior da Frente Centro do MPLA (CARVALHO FILHO, 2016, p. 43).

Logo após a independência angolana a produção literária de Pepetela se difundiu rapidamente, em especial nos países de seu grupo linguístico e nas nações socialistas do leste europeu que compunham a antiga URSS. Onze livros dele foram traduzidos somente entre 1977 e 1984, cerca de três quartos desses para a Europa do Leste. A primeira edição de *Mayombe*, em 1980, com seis mil exemplares, se esgotou em uma semana em Luanda, sendo republicada novamente no ano seguinte, dessa vez com dez mil exemplares (CARVALHO FILHO, 2016).

Esse capítulo nos permitiu conhecer, ainda que de forma sucinta, de um lado a postura e a ação da intelectualidade angolana nos processos de formação da nacionalidade e de independência e, de outro, a posição pessoal de Pepetela nesse contexto. Esses elementos autorizam a conclusão de que as ideias e posições retratadas em *Mayombe*, como ficção, são bastante coerentes com o próprio diagnóstico da realidade feito por ele. Ou seja, a afirmação de que há no romance um vetor interpretativo composto pela dualidade fragmentação tribal e unidade revolucionária se mostra perfeitamente compatível com o ideário do escritor.

4 O ANTAGONISMO DE FORÇAS NO PROCESSO REVOLUCIONÁRIO ANGOLANO E SUA MANIFESTAÇÃO NO ROMANCE

Vimos no Capítulo 2 a hipótese interpretativa do romance *Mayombe* que nos parece a mais significativa. No Capítulo 3, fizemos uma pequena incursão por questões étnicas, históricas e políticas da nação angolana, com especial atenção para a fragmentação tribal e para o processo revolucionário de independência, que uniu (embora não completamente) povos distintos na luta pela libertação em face do inimigo comum, o colonizador português. Esse capítulo foi destinado a uma análise essencialmente extraliterária (ainda que com referências ao texto do romance), vez que as informações ali reunidas nos parecem fundamentais para que possamos compreender em que medida o romance pode estampar um microcosmo da nação angolana, reproduzindo, numa obra de ficção, a atmosfera de tensão entre forças antagônicas reais.

Neste capítulo, buscaremos verificar e apontar de que forma esse antagonismo de forças – que, de fato, como visto, se fez presente como fenômeno histórico e político – foi retratado no romance, compondo, como propusemos, um vetor de estruturação do texto. Em outras palavras, veremos de que maneira o autor incorporou esses fatos à sua ficção.

Vimos ainda, no tópico 3.4, alguns aspectos da trajetória pessoal e artística de Pepetela, que permitem verificar a importância que a construção de uma Angola livre sempre teve na vida do escritor, de forma a sugerir que o romance pode estampar uma representação, em escala reduzida, de sua própria percepção do processo revolucionário do país como um jogo de forças antagônicas que, a despeito de todas as suas agruras, foi capaz de construir (ainda que não completamente) o país sonhado.

Cada personagem do romance, mais do que um indivíduo, representa um povo, uma tribo, suas crenças e sua forma de enxergar a dominação colonial e a colaboração revolucionária. Como veremos, os personagens têm origens étnicas variadas e manifestam visões conflitantes, sugerindo que corporificam o pensamento de uma etnia, mais do que de um indivíduo.

Reforçando a eloquência da caracterização dos personagens como recurso para transmitir ao leitor a intrincada fragmentação tribal e a rivalidade dela decorrente, o texto confere a narração a vários dos guerrilheiros, que assumem a voz em algumas passagens, maximizando a veemência de suas dores, suas crenças, suas expectativas e suas dúvidas.

Os diálogos exercem também importante papel na construção do vetor estrutural do texto, permitindo caudaloso fluxo de ideias que ora se contrapõem, ora se reforçam. O romance

é exuberante nesse aspecto. Por meio dos debates viabilizados pelos diálogos o texto vai permitindo que o leitor nele se integre. Muitas vezes os diálogos parecem construídos para chamar o leitor a pensar e se posicionar. Destacando a força dos diálogos, Chaves (2019, p. 221) registra que se pode “perceber também a importância da palavra como processo de organização das consciências e meio usado de forma exaustiva para assegurar a comunicabilidade entre homens, histórias e projetos”, contribuindo decisivamente para a construção dos personagens.

Tão copiosa a presença dos diálogos e tão forte a sua costura, que o texto poderia ser facilmente adaptado para uma peça teatral, não fossem algumas poucas cenas de combate, cuja transposição para o palco seria delicada. Mais fácil seria sua conversão em roteiro de cinema, devendo-se referir que o próprio autor chegou a relatar, em entrevista que concedeu, ter vislumbrado essa possibilidade desde o início dos escritos que resultaram no romance (CHAVES, 1999, p. 222).

Assim, é relevante observar, acima de tudo, que, como vetor de estruturação do romance, o contraponto entre fenômenos que manifestam as forças opostas (união x desagregação) é permanente no texto, algumas vezes situando-se em passagens adjacentes. Veja-se por exemplo o trecho adiante:

– Bom. Vamos avançar então os três, para dormirmos ao lado do caminho – disse o Comissário.

– Vocês os três ficam aqui, Comandante.

– Sim, chefe! – disse Sem Medo. Fez sinal ao Comissário para se aproximar e segredou-lhe ao ouvido: – **O Das Operações repetiu-me mil vezes para desconfiar do Lutamos.**

– Acreditas nisso?

– Eu não. Mas devia dizer-te.

– Se tivesses partido, como eu propus, a esta hora estavas a fumar os cigarros que quisesses na Base. Assim, vais sofrer durante mais uma noite e um dia...

– É preciso saber retardar o prazer... Depois sabe melhor.

Os guerrilheiros abraçaram-se, como quando enfrentavam um perigo qualquer. Depois, o Comissário, Lutamos e Mundo Novo partiram, cautelosamente, para junto do caminho. Demoraram uma hora a chegar lá, com a preocupação de escutarem os ruídos e evitarem partir os paus secos. Anoitecia, quando se sentaram a dez metros do caminho, invisível pelas ramagens e pelo crepúsculo. Abraçaram-se às lianas, cobriram-se com as folhas que dos seus braços nasciam, e prepararam-se para ali passar a noite. (PEPETELA, 2013, p. 56-57, grifos nossos)

Nesse trecho do romance, os guerrilheiros estão na iminência de se separar por algum tempo para uma diligência que será realizada pelo Comissário Político, por Mundo Novo e por Lutamos, este último alvo de desconfiança de parte do grupo guerrilheiro por ser natural da região de Cabinda, onde eles se encontram nesse momento, tendo despertado em alguns a suspeita de que pretendia avisar locais de diligência do MPLA, por solidariedade racial. Como se percebe do primeiro trecho grifado, o Comandante Sem Medo, mesmo não acreditando em eventual risco de traição por parte de Lutamos, sente-se na obrigação de alertar o Comissário Político de que o Chefe das Operações levantara insistentemente dúvidas sobre o referido guerrilheiro. Em outras palavras, mesmo não acreditando na hipótese, ele não a descarta de forma absoluta. Como se vê, a desconfiança tribal paira sorrateira a consumir os espíritos, trazendo um componente adicional de adversidade a guerrilheiros envolvidos numa situação de tensão, com embate iminente.²⁵

Entretanto, no momento seguinte, quando se separam para a diligência a ser realizada por parte do grupo, os guerrilheiros se abraçaram, “como quando enfrentavam um perigo qualquer”. Neste momento, logo em seguida a uma manifestação de tensão racial, ocorre um momento de fraternidade, motivada pelo objetivo comum: a luta libertária. Assim se dá em outras passagens do texto, com situações indicativas da presença das forças antagônicas colocadas lado a lado.

4.1 As manifestações da força centrífuga

Estabelecido que entendemos, como já salientamos anteriormente, que *Mayombe* está estruturado sobre a tensão permanente entre a fragmentação tribal e seus preconceitos de base absolutamente aleatória (uma vez que a origem étnica não é fator razoável a dividir e afastar seres humanos) de um lado e a união provocada por um desejo comum aos diferentes povos angolanos de outro, iniciemos nossa aproximação mais direta das manifestações dessa tensão no texto do romance verificando de que forma ele externou a presença de elementos indicativos de uma força de desagregação, ou seja, uma força que leva as partes de um todo a se afastarem.

²⁵ Antunes (2009, p. 63) sintetiza *Mayombe* como sendo “o relato da vida diárias dos guerrilheiros do MPLA que não só lutavam contra os soldados do exército colonial, como contra a chuva, o frio, a fome e a sede, **como lutavam entre si; era a desconfiança provocada pela cor da pele** e pelos títulos acadêmicos” (grifos nossos). Há um outro foco de tensão entre os guerrilheiros, referido na passagem acima: a tensão entre as bases e os acadêmicos. Parece-nos que esse aspecto faz parte do romance como inúmeros outros, como a crítica àqueles que utilizavam os recursos do movimento para fins particulares, mas não identificamos nele potência semelhante aos conflitos de raiz étnica. Esses sim se mostram marcantes o suficiente para caracterizar um vetor estrutural do texto.

Chamamos essa força de desagregação presente no texto de força centrífuga²⁶, emprestando assim um conceito da Física, já que essa parte do conhecimento humano estuda mecanismos de força que atuam sobre os corpos.

Veremos, então, na sequência, com mais cuidado, como se manifestam os elementos indicativos dessa força de desagregação, deixando consignado desde já que nos parece razoável dividi-los, para melhor organização do pensamento, em três grandes grupos: os fatores ligados à construção dos personagens, os fatores ligados à conformação do narrador do texto e, por fim, aqueles relacionados a passagens do enredo.

4.1.1 Construção dos personagens

Personagens, na visão de Lodge (2017, p. 76) são os elementos mais importantes do romance. São aqueles que agem numa narrativa, ideia que pode ser explicada até mesmo etimologicamente, haja vista a combinação de *persona* (máscara usada pelo ator nas peças teatrais) com o sufixo *age*, proveniente do verbo *agere*, que significa exatamente “agir”, podendo ser “humanoides, entidades extraterrestres, animais, divindades, seres fantásticos, objetos inanimados” (FLACH; GONÇALVES, 2018, p. 122).

A trama de uma história de ficção normalmente é tecida a partir dos acontecimentos do enredo, protagonizados pelos personagens. Espaço e tempo, além do narrador, são normalmente apontados pela Teoria Literária como os elementos estruturais de um texto literário, ao lado dos personagens e do enredo. Em *Mayombe*, no que concerne à criação da atmosfera de tensão entre as forças antagônicas da fragmentação tribal (a separar) e da união no ideal comum (a agregar), enxergamos na caracterização dos personagens e na manifestação do narrador a essência dos recursos movimentados pelo autor para conseguir o efeito pretendido. O enredo, de certa forma, funciona apenas como mecanismo para desencadear, fazer visível em máxima escala os caracteres específicos dos personagens que o autor quer destacar. A importância do enredo se situa muito mais em reforçar os personagens do que propriamente em criar eventos e acontecimentos especialmente fascinantes por si sós. De certa forma, ainda que imaginariamente, se tirássemos do texto os acontecimentos do enredo e deixássemos os personagens e alguns de seus diálogos apenas (compondo algo como um painel), teríamos grande parte do vigoroso efeito centrífugo antes referido. Não se ignora que parte da construção

²⁶ De acordo com o *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*, centrífugo é aquilo “que se afasta ou procura afastar-se do centro” (1986, p. 381). Assim, no nosso caso, as manifestações da força centrífuga são aquelas que afastam os elementos, as partes, do espaço de união (o centro).

dos personagens venha do enredo, de forma que esse processo mental de dissecação proposto, cindindo personagens e enredo, deve ser tomado com natural reserva, valendo apenas por sua força expressiva.

Contudo, a ideia de romances “sem história” não é estranha aos estudos literários. Como diz Brasil (2019, p. 30), “uma história interessante ajuda, mas não é indispensável” e “prova disso é que existem narrativas sem reviravoltas ou eventos espantosos e que, no entanto, se consagram”. Em *Mayombe* até existem episódios que poderiam ser tratados como “espantosos” (as batalhas, em particular), mas a sensação é de que eles não têm maior valor por si sós.

Explico. Não parece que o evento batalha seja algo especialmente fascinante e nem que tenha sido ali colocado para o ser. Esse elemento aventureiro, que numa outra espécie de narrativa literária poderia ser grandioso e fascinante, ocupando uma posição central, parece ter papel e força secundários no romance de Pepetela. Eles estão ali apenas para reforçar as tensões já referidas que entendemos compor a estrutura basilar do texto.

Por esse motivo, parece-nos que *Mayombe* se encaixa confortavelmente nessa categoria que Brasil (2019, p. 30 e sgts.) chamou de romances “sem história”, nos quais “mais do que as reviravoltas do enredo, o que deixa marcas duradouras no leitor é o acesso à vida do personagem, às suas debilidades e carências”. De fato, é lícito imaginar que criar uma aventura incrível não tenha sido aqui o propósito de Pepetela, verificando-se que “a estória pode mesmo parecer banal” (CHAVES, 2009, p. 125), até porque, como sabemos, ele estava profundamente envolvido e marcado pela luta anticolonial de seu povo e pelo processo de criação de uma nação. Sua literatura tinha esse foco e esse era um grande interesse seu, muito mais do que uma literatura de aventura.

Daí a importância de analisarmos os principais personagens para buscar neles as evidências desse antagonismo, particularmente dos fenômenos centrífugos.

4.1.1.1 Teoria, a questão do mulato

Teoria representa um grupo muito relevante na sociedade angolana, ainda que não numericamente falando, conforme já destacamos ao tratar da questão étnico-racial em Angola: o mestiço. A condição do mestiço na sociedade angolana era bastante curiosa. Se por um lado, em razão da ascendência branca, tinha, entre as elites, uma visão mais condescendente do que aquela que era destinada ao negro, por outro lado, entre as camadas populares era frequentemente visto com desconfiança, como alguém que não é completamente leal a sua condição de desfavorecido e que guarda sempre, em algum lugar, uma nota de lealdade com o

branco espoliador. Como diz o próprio Teoria, espelhando esse sentimento bastante difundido fora dos círculos da elite, “como poderei fazer, eu que trago em mim o pecado original do pai-branco?” (PEPETELA, 2013, p. 22).

Teoria encarna a visão dolorosa dessa condição. Nunca lhe ocorre avaliar sua situação como de privilégio em face do negro, como acontecia a uma parcela dos mulatos. Não se sente nem branco nem negro e, assim, ressentido de falta de identidade. Percebe-se discriminado lá e cá. Sente-se um pária e sofre incessantemente com essa condição:

Criança ainda, queria ser branco, para que os brancos me não chamassem negro. Homem, queria ser negro, para que os negros não me odiassem. Onde estou eu, então? (...) a minha vida é o esforço de mostrar a uns e a outros que há sempre lugar para o talvez (PEPETELA, 2013, p. 18).

Na primeira vez em que Teoria assume o papel de narrador, logo no início do romance, encontramos uma reflexão que parece resumir todo o drama de um ser desencontrado no mundo, que parece vagar em meio a um ambiente quase sempre hostil:

Nasci na Gabela, na terra do café. Da terra recebi a cor escura de café, vinda da mãe, misturada ao branco defunto do meu pai, comerciante português. Trago em mim o inconciliável e é este o meu motor. Num Universo de sim ou não, branco ou negro, eu represento o talvez. Talvez é não para quem quer ouvir sim e significa sim para quem espera ouvir não. A culpa será minha se os homens exigem a pureza e recusam as combinações? Sou eu que devo tornar-me em sim ou em não? Ou são os homens que devem aceitar o talvez? Face a este problema capital, as pessoas dividem-se aos meus olhos em dois grupos: os maniqueístas e os outros. É bom esclarecer que raros são os outros, o Mundo é geralmente maniqueísta (PEPETELA, 2013, p. 14).

Apesar da percepção do personagem Teoria de que sua condição racial era uma cruz da qual ele nunca se livraria, em condição alguma, e que lhe marcaria indefectivelmente a existência, não é isso que, conclusivamente, o texto sinaliza. Para o narrador, e em particular para a sensibilidade e a argúcia de Sem Medo, Teoria conquistara o respeito de todos e não era mais visto a partir de sua cor.

Se existe aí uma sinalização positiva, no sentido de que Teoria fora admitido como igual e que, portanto, a raça não era um limite intransponível na sociabilidade angolana, por outro lado, esse mesma sinalização implica na aceitação de que existe na base uma visão racista de mundo, amplamente disseminada na sociedade angolana e no nosso grupo guerrilheiro em particular: tudo começa pela raça. Ela pode ser uma questão superável, mas, só o será depois

que se passar por sua análise. Em outras palavras, a sinalização ao final positiva traz em si a assinatura da visão do mundo calcada no etnocentrismo.

Com referência à aceitação de Teoria no interior do grupo guerrilheiro, é Sem Medo que o percebe e o afirma categoricamente: “Teoria era mestiço e hoje já ninguém parecia reparar nisso. Era o seu segredo” (PEPETELA, 2013, p. 17). Como o próprio Comandante diz, alguns não percebiam o problema (como o Comissário), outros, ainda que dele cientes, por ele não se interessavam (como o Chefe de Operações).

Mais adiante no texto, existe um momento em que o Comandante Sem Medo conversa abertamente com Teoria e diz a ele o que pensa sobre a sua angústia e sobre sua condição no grupo. Após o subordinado confessar-lhe que sente sempre medo e que tem de controlar-se para superá-lo, só o fazendo porque sabe que os outros estão ali e que um mestiço jamais poderia deixar que os outros percebessem seu medo (perceba-se o patente sentimento de inferioridade), o comandante afirma que o comandado dá “demasiada importância ao que os outros pensam” dele e que “seu problema principal é o complexo racial. Esse é que condiciona o outro” (PEPETELA, 2013, p. 44-45). Noutra passagem, afirma Sem Medo:

Hoje, tu já não tens cor, pelo menos no nosso grupo de guerrilha estás aceite, completamente aceite. Não é dum dia para o outro que te vais libertar desse complexo de cor, não. Talvez sejas o único que tem as simpatias e o respeito de todos os guerrilheiros, isso já o notei várias vezes (PEPETELA, 2013, p. 44)

Com relação ao personagem Teoria, percebe-se que ele mesmo não é um agente provocador de visões ou tensões raciais no seio do grupo, contudo, por meio de seu drama pessoal, o romance desvela mais uma das várias facetas do potencial desagregador da questão étnica na sociedade angolana.

4.1.1.2 O Comissário Político, a consciência revolucionária

Possivelmente o Comissário Político é o personagem que de forma mais completa e eloquente personifica a força centrípeta, a união pelo ideal compartilhado: a busca da liberdade e o ódio ao inimigo comum. O Comissário é profundamente politizado, culto, idealista, embora se possa dizer que também seja exageradamente ingênuo, de uma pureza d’alma que suplanta o esperável num guerrilheiro. Mas é jovem, o que certamente ajuda a explicar seu idealismo imaculado. Está sempre preocupado com as repercussões políticas dos atos, com a imagem do MPLA e com as ações de conscientização do povo. Aliás, na condição de comissário político do grupo, cabem mesmo a ele essas tarefas e preocupações.

Há uma das passagens do Comissário Político, quando ele fala aos prisioneiros cabindas que trabalham na derrubada de árvores para os portugueses, que é um momento de impressionante simplicidade para explicar toda a complexa teia de arranjos e práticas que fazem com que o trabalhador negro seja apenas uma engrenagem substituível num sistema que opera para enriquecer o invasor que não trabalha e que espolia a riqueza da colônia, mantendo o nativo indefinidamente preso à condição de miséria e subserviência. Certamente, são lições impactantes, capazes de operar em profundidade nas mentes dos prisioneiros. São essas as palavras do Comissário:

– Vocês ganham vinte escudos por dia, para abaterem as árvores a machado, marcharem, marcharem, carregarem pesos. O motorista ganha cinquenta escudos por dia, por trabalhar com a serra. Mas quantas árvores abate por dia a vossa equipa? Umas trinta. E quanto ganha o patrão por cada árvore? Um dinheirão. O que é que o patrão faz para ganhar esse dinheiro? Nada, nada. Mas é ele que ganha. E o machado com que vocês trabalham nem sequer é dele. É vosso, que o compram na cantina por setenta escudos. E a catana é dele? Não, vocês compram-na por cinquenta escudos. Quer dizer, nem os instrumentos com que vocês trabalham pertencem ao patrão. Vocês são obrigados a comprá-los, são descontados do vosso salário no fim do mês. As árvores são do patrão? Não. São vossas, são nossas, porque estão na terra angolana. Os machados e as catanas são do patrão? Não, são vossos. O suor do trabalho é do patrão? Não, é vosso, pois são vocês que trabalham. Então, como é que ele ganha muitos contos por dia e a vocês dá vinte escudos? Com que direito? Isso é exploração colonialista. O que trabalha está a arranjar riqueza para o estrangeiro, que não trabalha. O patrão tem a força do lado dele, tem o exército, a polícia, a administração. É com essa força que ele vos obriga a trabalhar, para ele enriquecer. Fizemos bem ou não em destruir o buldózer? (PEPETELA, 2013, p. 35)

O Comissário Político também tem clara consciência da gravidade do fator tribal e do risco que ele representa à unidade do movimento. Embora seja um kimbundo, grupo mais numeroso e de ação mais marcada pelo tribalismo do seio do núcleo guerrilheiro retratado no romance, ele mostra ter superado essa forma de enxergar o mundo, possivelmente resultado de sua formação na Europa. É, portanto, um dos académicos do grupo e enfrenta alguma resistência por essa razão. Na passagem adiante, dirigindo-se a Sem Medo e ao Chefe de Operações, ele manifesta com veemência sua visão sobre o tribalismo e sobre o risco que ele implica:

Os erros anteriores não justificam um erro presente. E só pode haver um castigo. Somos nós que permitimos estes erros que estragam as nossas relações com o povo. Somos nós, com a nossa fraqueza, o nosso tribalismo, que impedimos a aplicação da disciplina. Assim nunca se mudará nada (PEPETELA, 2013, p. 61).

Nessa passagem fica ainda patente outra característica do Comissário: a inflexibilidade. Ele defende com firmeza a aplicação da pena de morte a Ingratidão do Tuga, acusado de subtrair dinheiro de prisioneiros, enquanto o Comandante Sem Medo e o Chefe das Operações convocam-no a uma reflexão mais profunda, invocando outros episódios em que o movimento não aplicou à risca e com absoluta severidade as penalidades teoricamente cabíveis. Assim, na visão dos dois últimos, a pena de morte seria um exagero e mesmo uma injustiça diante da práxis dentro do MPLA.

Sua inflexibilidade e a retidão de sua postura ficam evidentes em outras passagens, que mostram, inclusive, que elas não se destinam apenas ao que se poderia entender como “uso externo”. Nas situações particulares, quando ele está sozinho com sua consciência, ainda assim ele não abre mão dessa forma severa e leal de pensar e agir. Exemplo significativo desse modo de ser está no episódio em que, sabedor de que decepcionará profundamente sua noiva, Ondina, por não destinar a ela um pouco mais de seu tempo e pretender voltar rapidamente para a Base, onde estão os companheiros de luta, ainda assim ele não privilegia seus próprios interesses e opta por tomar a decisão que entende como a de maior retidão. Desagrada a noiva, coloca em risco seu relacionamento, mas se mantém reto. Refletindo sobre a situação, sobre a possibilidade de mandar o guerrilheiro Verdade que o acompanhara – e que, tanto quanto ele, deveria querer ficar um pouco mais na cidade – de volta à Base, ele conclui:

Com que direito fico eu aqui mais uns dias e mando o Verdade para a Base? Mando-o, porque lá há pouco efetivo, porque veio para uma missão que já cumpriu. Por isso, não tem razão de ficar. E eu? Por que fico eu? Esta noite posso perfeitamente combinar com o André o que fazer sobre o Ingratidão. Não tenho outra razão senão Ondina. Que direito tenho de mandar o Verdade para a Base, se, pela mesma razão, eu não vou? (PEPETELA, 2013, p. 84)

Além disso, é marcante no Comissário, talvez mesmo como uma faceta de alguma insegurança que carrega – possivelmente fruto da sua juventude²⁷, ou, quem sabe, das duas coisas – sua admiração pelo Comandante Sem Medo. Note-se que essa admiração ultrapassa qualquer barreira tribal, fato, aliás, que não deve causar maior surpresa, já que ambos são bastante esclarecidos sobre a ilogicidade de qualquer dissensão fundada em questões puramente raciais.

Em certa passagem, insatisfeito com as atitudes do burocrata André, que parece aproveitar-se dos recursos do movimento e dificulta o fornecimento de mantimentos aos

²⁷ O texto informa que o Comissário Político tem vinte e cinco anos, enquanto o Comandante tem trinta e cinco (PEPETELA, 2013).

guerrilheiros na Base, o Comissário sente vontade de pressioná-lo, demonstrando sua indignação com uma postura que reputa desleal. Contudo, intimidado por André, que é mais velho e tem uma posição de maior destaque dentro do movimento, acaba por não fazê-lo e logo vem-lhe à mente a ideia de que “dizer as quatro verdades a André, era o que faria Sem Medo” (PEPETELA, 2013, p. 83). Essa ideia o assalta juntamente com a de que, se essa seria a atitude de Sem Medo, era a coisa certa a ser feita.

Mais adiante, ainda no contexto de suas decepções com o burocrata André, ao saber que sua ordem havia sido desautorizada por este, que permitiria ao guerrilheiro Verdade permanecer na cidade (Dolisie, no Congo, onde o MPLA tinha um centro de operações, referido no texto como o *bureau*) quando sua ordem era retornar à Base na sua companhia, o Comissário é tomado de profunda revolta. Ele mesmo abrija mão de ficar uns dias com a noiva para não dar mau exemplo e André autorizava a permanência de Verdade contra suas ordens. Segue em silenciosa revolta para a Base, sem a companhia de Verdade, “violado, jurando vingança, procurando a companhia e a segurança de Sem Medo, que já se não desiludia de nada, porque com nada se iludia” (PEPETELA, 2013, p. 89). Veja-se se não é a atitude de um filho jovem, que procura no pai o conforto da experiência e da segurança?

São diversas as indicações da admiração e do respeito do Comissário em face de Sem Medo. Quando, mais tarde, transtornado pela notícia da traição de Ondina é procurado pelo Comandante, que o procura dissuadir da ideia de dirigir-se à noite para Dolisie, começam a conversar sobre os acontecimentos, sobre o movimento, sobre a traição acontecida e, após dizer de forma impensada que não confiava mais no MPLA (afinal fora traído por alguém na sua linha de comando), acaba por confessar-se convicto no movimento, chegando a declarar, quando inquirido por Sem Medo sobre “fazer confiança” ou não no MPLA: “– Como não hei de fazer, Comandante? Que seria eu sem o Movimento? Um órfão. Se o Movimento ainda tem tipos como tu, então como não hei de fazer confiança?” É uma declaração emocionante, que se faz a muito poucas pessoas, talvez pouquíssimas além de um pai ou de um irmão mais velho. Em especial partindo de alguém como o Comissário, que tem uma postura ética e reta e não usaria de bajulação para qualquer finalidade que fosse.

Essa admiração, quase que de filho em relação a um pai, vai de encontro a um sentimento algo paternal do Comandante em face do Comissário. Mais de uma vez ele dá conselhos ao Comissário sobre sua relação afetiva com sua noiva, Ondina. A afeição do Comandante pelo Comissário também não passa despercebida da própria Ondina, que, a certa altura, diz ao noivo que bastava ouvir como Sem Medo falava dele para perceber o sentimento quase paternal que nutria. Essa visão, de algum modo, talvez pela própria Ondina, chega ao

conhecimento do membro da Direção que vai a Dolisie resolver o problema da relação entre André e Ondina, noiva do Comissário. A certa altura, conversando a respeito com o Comandante Sem Medo, são estas as colocações:

— Tanto melhor! É um moço que pode ir longe.

— Sim, pode ir longe – disse Sem Medo.

— É preciso que não faça asneiras.

— Não fará.

— Tu velas por ele, não é?

— Faço o que posso.

— Ouvi dizer que eras um pai para ele.

Sem Medo sorriu. Puxou uma baforada.

— Se há coisa que nunca tive foram instintos paternais. Mas enfim, pode ser uma maneira como outra qualquer de rotular a minha atitude (PEPETELA, 2013, p. 157).

Ao fim da conversa com o dirigente vindo de Brazzaville, Sem Medo brinca com as colocações do interlocutor, que assemelham seu agir em face do Comissário ao de um pai:

— Vou até à escola – disse Sem Medo. – Tenho de vigiar o Comissário, velar por ele, como dizes. Olha, aí está quem me pode substituir.

— Também tinha pensado nele. Mas talvez seja demasiado jovem.

— Que medo é esse dos jovens? Fazes-me lembrar os velhos funcionários que temem a concorrência das novas gerações. Bem, vejo-te logo. **Agora vou cumprir as minhas funções paternas** (PEPETELA, 2013, p. 162).

A escolha das procedências tribais dos dois amigos demonstra existir aqui a clara indicação do texto de que a superação do tribalismo se faz com esclarecimento (político e humanista), lealdade e caráter, qualidades presentes em ambos. A uni-los, não nos esqueçamos, o ideal de libertar Angola das mãos do explorador português. No microcosmo de Angola, a floresta do Mayombe, kimbundos e kikongos podem superar diferenças tribais viver como irmãos, ligados pelo ideal comum. É isso que indica a amizade entre Sem Medo e o Comissário.

Como salientamos, é a caracterização dos personagens um dos fatores mais relevantes de construção da força centrífuga no romance. Curiosamente, no que se refere ao Comissário, seu personagem e, mais acentuadamente ainda, suas posturas e ações são claros componentes da força centrípeta no texto. Ele, possivelmente mais do que ninguém, representa a Angola sonhada, unida, forte²⁸.

²⁸ É interessante notar que, a despeito disso, sua retidão e sua falta de flexibilidade, sua postura homogênea e idealista, sempre reverente ao que entende como certo, a partir da teoria marxista, sem concessões, acaba, de certa forma, produzindo alguma insatisfação no seio do grupo. Assim, aquele que talvez seja o maior símbolo do

Uma última observação sobre o Comissário Político é a de que sua trajetória no romance é mais um dos veios promissores de análise do texto²⁹. Essa perspectiva se mostra apenas a partir da segunda metade do romance: trata-se do processo de amadurecimento do Comissário como homem, deixando de ser um jovem idealista para se tornar um homem, consciente, calejado, preparado para enfrentar as adversidades. E, principalmente, como queria Sem Medo, um homem preparado para ser um comandante.

4.1.1.3 Mundo Novo, personagem inspirado em seu próprio criador?

Um personagem de importância secundária no enredo, mas que corporifica claramente um tipo de guerrilheiro, aquele formado na Europa, intelectualizado, comprometido com Angola livre acima de tudo é Mundo Novo. O texto não o afirma e nem mesmo o sugere, mas não nos parece despropositado imaginar que é um personagem inspirado no próprio Pepetela.

De caráter reto e sem ambições pessoais, capaz de agir sem interesses, apenas por um ideal, como o próprio Pepetela sempre demonstrou ser, em certa passagem, conversando com um dos companheiros, ele diz que não quer “ser muita coisa”, o que, em alguma medida, poderia contrastar com toda sua sólida formação.

Em outro momento, ele discute acidamente com Sem Medo, sustentando acreditar que os homens podem agir desinteressadamente, hipótese com a qual o comandante não concorda, ou, pelo menos, como supõe Mundo Novo, apenas afirma não concordar. Ele acredita que, ao contrário do que afirma sobre si o próprio Comandante Sem Medo, ele está entre aqueles que agem sem interesse e, em conversa com os guerrilheiros novatos, apresenta suas evidências para essa conclusão, afirmando, entre outras coisas, que “a terceira camisa que tinha [refere-se a Sem Medo] ofereceu-a ao guia, que acabou por fugir com ela, entregando-se aos tugas” (PEPETELA, 2013, p. 78).

Mundo Novo tem plena consciência de que age desinteressadamente, pelo ideal da Angola livre do colonizador-explorador, pois “se fosse egoísta, agora estaria na Europa, como

desapego tribal produzido por decisão intelectual e da nação livre e unida acaba angariando antipatias e resistências de todos os lados. Essa resistência, no nível das relações interpessoais, talvez simbolize a resistência dos povos angolanos à decisão de repúdio ao tribalismo, com adesão livre de reticências ao projeto nacional.

²⁹ Como já salientamos, entendemos que, a despeito de se nos apresentar, como vetor estrutural do romance, a dicotomia desagregação (pela fragmentação tribal)/união (pelo ideal comum), há no romance outras linhas de análise muito promissoras e que poderiam valer novos estudos. Uma delas, a que já fizemos referência, é o conflito entre bases e intelectuais no interior do MPLA. Outra é a do amadurecimento do Comissário, já que, de alguma forma, o romance não deixa de ser também o relato do processo de crescimento pessoal de um jovem que se faz homem e que se mostra pronto a assumir uma posição de comando – um rito de passagem.

tantos outros, trabalhando e ganhando bem” (PEPETELA, 2013, p. 78), mas está em África, enterrado no Mayombe, passando fome, frio e medo por esse ideal.

Pepetela, como vimos anteriormente, se define como um “socialista utópico”³⁰, o que, em certo sentido, poderia aproximá-lo da forma de pensar de Mundo Novo:

Por que vim lutar? Porque sou desinteressado. Os operários e os camponeses são desinteressados, são a vanguarda do povo, vanguarda pura, que não transporta com ela o pecado original da burguesia de que os intelectuais só muito dificilmente se podem libertar. Eu libertei-me, graças ao marxismo (PEPETELA, 2013, p. 78).

Atentemos para o acento que o homem Pepetela, falando de si e da luta anticolonial como dado da realidade, coloca no agir desinteressado e verifique-se que é o mesmo destaque que existe na argumentação e no pensamento de Mundo Novo. Ou seja, homem real e personagem são marcados por uma maneira muito peculiar de pensar a participação na guerrilha, autorizando, como dito acima, que se cogite a possibilidade de o personagem ter sido influenciado pela criatura humana.

Assim como o Comissário, Mundo Novo compõe a exceção à regra apontada, ou seja, foge ao padrão de personagens que se posicionam de forma fragmentária e tribal. Ao contrário disso, Mundo Novo estrutura seus pensamentos e conclusões no marxismo. Confia que “a Revolução é feita pelas massas populares, única entidade com capacidade para a dirigir, não por indivíduos como Sem Medo” (PEPETELA, 2013, p. 102).

Como se percebe, a partir de um certo momento, ele passa a mostrar restrições às atitudes de Sem Medo, identificando nelas um certo autoritarismo e um grau acentuado de subjetivismo, em descompasso com a ideia de que as massas devem conduzir a revolução de forma soberana. Há aí alguma mudança de posicionamento sobre o comandante, já que, no início do texto, Mundo Novo não parecia carregar em si qualquer restrição a respeito do chefe, vendo-o, inclusive, como um desinteressado. Essa mudança se deve a alguns acontecimentos, mas em especial a uma reação agressiva de Sem Medo em face de um dos seus comandados, fato que, para surpresa de todos, provocou até a intervenção do Comissário Político, tido por todos como pupilo e fiel seguidor do comandante. Chama a atenção que toda a construção da análise de Mundo Novo é feita sem qualquer menção a elementos de natureza étnica, reforçando sua posição de intelectual que superou o sectarismo tribal.

³⁰ Ver seção 3.4.

Há um dado curioso sobre o personagem Mundo Novo que somente se revela na segunda metade do romance. A despeito de certa divergência com o Comandante e mesmo com o Comissário, fruto de posição pessoal e ideológica e não de desvios ou vaidades, dele ou dos outros dois, Mundo Novo naturalmente começa a assumir posicionamentos relevantes, aproximando-se dos comandantes e mostrando-se preparado para funções mais importantes dentro do MPLA. Ao final, com o afastamento de André da chefia do *bureau* de Dolisie, ele é designado para ocupar a importante posição.

4.1.1.4 Comandante Sem Medo, o Prometeu Africano?

Rita Chaves (2009, p. 136) enxerga nas reflexões e posicionamentos do Comandante Sem Medo as preocupações do próprio Pepetela. É muito provável que ela esteja certa. As ponderações de Sem Medo demonstram um espírito maduro, sereno, reflexivo e realista. Ele se despe de idealismos e expõe pensamentos que são frustrantes para aqueles, como o Comissário, que estão no auge da empolgação com o movimento e com as perspectivas para o futuro.

São reflexões de certo nível de sofisticação, que dificilmente seriam criadas por alguém por puro exercício de ficção no ato da escritura literária. Parecem muito mais reflexões que jaziam de há muito como sombras pesadas no espírito de quem as escreveu. Essa é nossa hipótese e ela vai ao encontro da visão de Chaves (2009) sobre Sem Medo funcionar como verbalizador das angústias do próprio Pepetela.

Há particularmente uma longa conversa entre o Comandante Sem Medo e o Comissário Político no Capítulo II (p. 108-114), na qual o primeiro explica detalhadamente as razões de sua desesperança e da sua crença no risco de que o movimento, pós-independência, caminhe de forma tortuosa. De fato, isso aconteceu em Angola, ainda que não se tenha aqui a pretensão de avaliar se esse descaminho se deu nos termos então profetizados por Sem Medo. O fato é que, nessa conversa, o Comissário faz o papel do crente, do entusiasta, daquele que está cheio de esperanças. Esperanças depositadas nos homens, o que é certamente uma postura idealista ao extremo. Sem Medo, por outro lado, se posiciona de forma pessimista, prevendo um futuro confuso (talvez sombrio) para o MPLA e para o país como um todo no pós-independência.

Esse é um manancial rico e sedutor, mas para o qual, infelizmente, não poderemos nos desviar por mais tempo, sob pena de abandonarmos nossa hipótese interpretativa e sua linha de construção. Portanto, vejamos apenas mais algumas breves considerações sobre o comandante, antes de, efetivamente, verificarmos um pouco mais detidamente sua posição no intrincado

tabuleiro étnico do romance. O certo é que esse contraste esperança/idealismo x descrença/pessimismo é um outro foco muito promissor de análise do romance.

Sem Medo é, efetivamente, um personagem fascinante e acentuadamente complexo. É uma personalidade única e esse aspecto é, certamente, um dos pontos que contribuem para a incrível força do personagem. Como afiança Brasil, de forma corriqueira, nos romances ditos “sem história” em razão da simplicidade de seu enredo, “seus personagens dominantes, entretanto, marcam-nos de modo indelével” (2019, P. 33). Parece-nos claramente a situação do personagem Sem Medo. Um homem ao mesmo tempo pragmático e sonhador, seco e afetuoso, duro e amável, mas, acima de tudo, honesto, leal e amigo. Sobre a força desses personagens, acresce ainda Brasil:

Se você leu um ótimo romance há dez anos, logo recordará, com força e vivacidade, do personagem central e do conflito, mas irá amaldiçoar a própria memória, pois não consegue se lembrar da sequência dos eventos. Deixe a memória em paz e agradeça-lhe, porque ela gravou o que de fato interessa.

(...)

Mais do que as reviravoltas do enredo, o que deixa marcas duradouras no leitor é o acesso à vida do personagem, às suas debilidades e carências (2019, p. 33-34).

Mas o que faz com que um personagem seja marcante? Ainda segundo Brasil, são a profundidade e, mais ainda, a consistência. Analisando a passagem a seguir, vemos que Sem Medo parece encaixar-se perfeitamente na ideia indicada:

se profundidade significa a medida que vai da superfície ao fundo, consistência espraia-se também no sentido horizontal, englobando uma tridimensionalidade nas relações do personagem com o mundo criado pela história. Dizer que um personagem é consistente significa que não apenas vemos lógica *externa* em tudo que ele faz, mas também detectamos que ocorre sua plena fusão com a história. Entre história e personagem deve haver uma tal simbiose que faça pensar que ambos nasceram *juntos e por si mesmos* (2019, p. 38)

Contudo, aquela que nos parece a força mais significativa do personagem Sem Medo ainda não se apresenta totalmente explicada. Para Brasil (2019), muito do que faz um personagem ser consistente é seu caráter *único*. Essa expressão parece criada para explicar o fascínio de Sem Medo. Não me recordo de ter conhecido ninguém que se assemelhasse, nem mesmo de forma leve, a Sem Medo, o que – é importante dizer – não compromete em nada sua coerência pessoal. Sem Medo é um personagem único e absolutamente coerente.

Ele é profundamente detalhista e analista, características que combinam com uma personalidade orgulhosamente solitária. Procura observar e conhecer a fundo cada um de seus

comandados. Nada lhe escapa: comportamentos, palavras, reações, hábitos. Talvez o faça por dever de ofício, tendo em vista a necessidade de bem conhecer seus comandados para manter a posição hierárquica forte e respeitada. O fato é que ele tem um escaninho mental onde guarda informações de cada um e, inclusive das cisões internas do grupo. Na passagem a seguir reproduzida ele refere esse último aspecto, merecendo destaque que é o fator étnico, uma vez mais, o vetor de fratura no interior do grupo guerrilheiro:

Sem Medo escutava, mas estava também atento aos comentários do resto dos guerrilheiros. Estes dividiam-se grosso modo em dois grupos: os kimbundos, à volta do Chefe de Operações, e o grupo dos outros, os que não eram kimbundos, os kikongos, umbundos e destribalizados como o Muatiânvua, filho de pai umbundo e mãe kimbundo, nascido na Lunda. Mundo Novo era de Luanda, de origem kimbundo, mas os estudos ou talvez a permanência na Europa tinham-no libertado do tribalismo. Mantinha-se isolado, limpando a arma à luz da fogueira (PEPETELA, 2013, p. 36).

Como já mencionamos rapidamente em passagem anterior, Sem Medo e o Comissário são personagens que superaram o tribalismo. No Capítulo III (PEPETELA, 2013), após a chegada de Sem Medo a Dolisie, na companhia do Comissário, em razão do escândalo gerado pela traição de Ondina, o membro da Direção que viera à cidade para tratar do assunto de André, coautor da infâmia, tem uma longa conversa com Sem Medo, na qual tratam dos problemas do tribalismo. O tema vem à tona quando o membro da Direção relata a Sem Medo que na véspera houvera uma reunião de militantes para tratar do assunto de André, oportunidade em que surgiram diversas outras acusações contra ele, desde corrupção até tribalismo. Sem Medo observa que eram todas verdadeiras e que estavam represadas em razão da posição de destaque até então ocupada por André, sendo que, apenas com a sua queda, os militantes tiveram coragem de externá-las à direção do Movimento. Mas alerta o dirigente para que não se iluda com eventual enfraquecimento de André após o escândalo, já que ele tinha importantes apoios tribais dentro do MPLA. Nessa conversa, Sem Medo demonstra completa compreensão do mal do tribalismo não só para a unidade de uma Angola livre que todos pretendem construir, mas para a própria consolidação do socialismo. Observa que o tribalismo tende a se exacerbar entre os membros de uma mesma etnia que se encontram em superioridade numérica num determinado contexto; que aqueles que estão isolados e parecem destribalizados, em outro contexto, novamente em companhia de consanguíneos, podem voltar a mostrar-se tribaisistas; enfim, uma série de considerações que demonstram a profundidade de seu conhecimento e de sua análise sobre o tema racial em Angola. E, principalmente mostram sua completa superação das amarras conceituais da visão étnica de mundo. Deve-se ter em conta, nessa passagem, que Sem Medo e

André são ambos kikongos e que este fato não altera em nada a sua percepção da sordidez da atitude de André e nem sua condenação explícita a ele. Pesa nessa análise, obviamente, a amizade do comandante com o Comissário Político, o qual, por sinal, é kimbundo³¹. Ou seja, o fator tribal é absolutamente irrelevante para a leitura que Sem Medo faz do ocorrido e comprova sua visão completamente destribalizada. Vejamos as principais falas de Sem Medo nesse diálogo:

— Estarão em minoria – disse Sem Medo. – Aqui vemos que camaradas que estão isolados, pois são os únicos da sua região aqui, esses camaradas aparentam ser destribalizados. Digo bem, aparentam, pois não sei se voltando à sua região de origem, onde serão portanto majoritários, eles não voltem ao tribalismo.

(...)

— É isso – disse Sem Medo. – O ideal seria que cada indivíduo estivesse durante xis anos isolado, no meio de outro grupo, para perder os sentimentos tribais. Ao fim dum certo tempo, creio que começaria realmente a perdê-los (PEPETELA, 2013, p. 154).

Ainda que não se ligue diretamente ao tema da fragmentação tribal, há uma outra questão sobre Sem Medo que merece alguma referência. Seria ele Ogun, o Prometeu africano a que o texto faz referência logo de início? Vejamos a passagem:

Aos guerrilheiros do Mayombe,
que ousaram desafiar os deuses
abrindo um caminho na floresta obscura,
Vou contar a história de Ogun,
o Prometeu africano (PEPETELA, 2013, p. 9).

Como se percebe, há uma referência explícita, de forma preambular, ao mito de Prometeu, o que nos faz concluir que essa menção não pode ser gratuita e que algo de significativo sobre o texto nela está inserido. Mas qual seria sua significação? Ou até de forma mais específica, quem seria o Prometeu africano cuja história será contada?

A hipótese que nos parece mais consistente é a de que o Prometeu africano a que o texto se refere seja Sem Medo. Essa conclusão se constrói a partir de alguns dados do romance, a começar pela observação mais singela nesse sentido: a referência a Prometeu no preâmbulo menciona que será contada a história do Prometeu africano e, mais do que qualquer outra história, aquela que se conta no livro é a de Sem Medo, ainda que o Comissário Político também tenha uma posição de destaque (de forma que também se poderia pensar que poderia ser a dele a história a ser contada).

³¹ No romance, os principais conflitos raciais ocorrem entre kikongos e kimbundos.

No entanto, não devemos esquecer que Prometeu é uma figura mítica e, nesse sentido, é um personagem complexo, incerto, que traz muito do inconsciente humano e das perplexidades do homem diante das coisas do mundo. O Comissário Político é, de certa forma, uma figura previsível, ou melhor, é um personagem que passa por um processo de crescimento relativamente comum. A sua história dentro do romance é a de um rito de passagem, do menino que se torna homem. Do seguidor, do pupilo que se faz líder, superando a condição de dependência em face do mestre. Por tudo isso, por ter uma outra condição bastante demarcada no texto, não vemos como se possa pretender conferir ao Comissário o epíteto de Prometeu africano. Ora, além de Sem Medo, apenas o Comissário teve sua história contada no livro. Os demais personagens não têm destaque suficiente para que se diga que terão suas histórias pessoais contadas no romance.

Mas não é só. Quem tem uma imagem que, em alguma medida, pode ser tratada como mítica? Claramente, é Sem Medo. E essa sua condição mítica vai desde a sua singularidade enquanto ser humano, até a sua própria fama de combatente que não sente medo de nada. Sua postura tem algo de mítica e, ainda que de forma inconsciente, é assim percebida por aqueles que com ele convivem. Basta ver que, antes de passar a ser chamado de Sem Medo, ele era conhecido como a Esfinge, igualmente uma referência mítica.

Deve-se ter em conta que em pelo menos duas ocasiões no texto, o próprio Sem Medo demonstra que vê alguma ligação de sua trajetória pessoal com uma condição mítica. Na primeira delas, conversando com Ondina sobre a discussão havida entre ele e o Comissário, respondendo a ela sobre não estar preocupado ou ofendido com as palavras duras deste, Sem Medo responde assim:

— Ora! Nunca foi ofensa quebrar um mito. Ele é que se criou um mito sobre mim, agora apercebe-se que estava enganado. Talvez eu o tenha ajudado a criar esse mito, quem sabe? Não era a minha intenção, mas posso ter contribuído. Ele apercebeu-se por si próprio e agora, pelo caminho, a cada passada, vai desmoronando a estátua que construíra. Não há razão nenhuma para estar preocupado ou ofendido. A partir de agora, ele não precisará de mitos para viver, vai tornar-se um homem livre. Devemos mesmo estar contentes (PEPETELA, 2013, p. 181).

Assim se posicionando, ele demonstra ter consciência de que sua postura pessoal pode levar as pessoas a identificá-lo com um mito, coisa que ele diz saber não ser. Mas, mesmo tendo essa consciência, ele sabe que pode assim ser visto pelas pessoas e cogita que esse fenômeno tenha se dado com o Comissário Político.

Noutro momento, o próprio comandante relata que já se fascinara pela ideia de ser um mito, uma vez que afirma: “sempre quis ultrapassar meu lado humano. Ser Deus ou um herói mítico” (PEPETELA, 2013, p. 231).

Há – é importante ter em conta – muitos traços característicos de Sem Medo que o aproximam da condição de mito, ou seja, de ser que suplanta a mera condição de homem comum: a coragem, a sabedoria, a determinação, a resiliência, a liderança, a solidão, o mistério, a obstinação, a clareza de visão. Não são necessariamente características presentes no personagem de Prometeu e, de fato, não se está buscando neste momento características que aproximem o comandante do personagem da mitologia clássica. Está-se apenas afirmando que há, na caracterização de Sem Medo, muitos traços compatíveis com o de uma figura mítica, sobre-humana. Mas, além disso, há, de fato, características de Sem Medo que o aproximam da figura de Prometeu.

De acordo com Bulfinch (2018, p. 18), Prometeu era um titã, um ser de dimensões gigantescas que habitara a Terra antes do homem. Era irmão de Epimeteu e, juntamente com este, recebeu a incumbência de “fazer o homem e assegurar-lhe, e aos outros animais, todas as faculdades necessárias à sua preservação”. Epimeteu assumiu inicialmente a tarefa, produzindo criaturas a quem foi distribuindo os dons disponíveis. Quando foi a vez de criar o homem, Epimeteu já havia gastado todas as qualidades disponíveis. Como fazê-lo então, tal como devia ser, superior aos outros animais? Epimeteu recorreu a Prometeu que, diante do ocorrido, resolveu subir ao céu e apossar-se do fogo, cujo domínio garantiria ao homem a supremacia sobre os outros animais. Júpiter ofendeu-se com a atitude abusada de Prometeu e revolveu castigá-lo. Para tanto, foi, por ordem de Júpiter, acorrentado a um rochedo onde um abutre vinha lhe arrancar o fígado. O órgão, contudo, tão logo era devorado se regenerava, já que Prometeu era imortal, e o sofrimento se repetia. Prometeu poderia, contudo, ter acabado com o sofrimento, já que “era senhor de um segredo do qual dependia a estabilidade do trono de Júpiter e, se o tivesse revelado, imediatamente teria obtido a graça” (2018, p. 23). Não se rebaixou a fazê-lo e enfrentou com abnegação o sofrimento que lhe era destinado.

De acordo com Stephanides (2014), a atuação de Prometeu não se limitou a oferecer o domínio do fogo aos homens³². Prometeu foi uma espécie de protetor da humanidade e muitas outras habilidades lhe teria ensinado, como fundir minério (produzindo armas e utensílios),

³² Como sabemos, mitos são narrativas de origens incertas, transmitidas inicialmente por meio oral, encampadas pela cultura dos diversos povos. Sendo assim, não há que se falar numa versão certa ou legítima da narrativa mítica. Por essa razão, frequentemente os mitos têm várias versões, algumas significativamente distintas de outras. É o caso do mito de Prometeu. Tendo em vista os fins que nos levam aqui a recorrer ao mito, as breves asserções acima são suficientes.

domesticar animais, construir embarcações e singrar os mares, produzir medicamentos por meio da fervura de ervas, enfim, um amplo leque de habilidades que, afinal, fez com que apenas a imortalidade separasse os homens dos deuses. Se tomarmos em conta a postura de Sem Medo no contexto de seus comandados, veremos que ele sempre se posicionou como uma espécie de pai protetor de cada um: defendia os mais fracos, colocava-se contra as injustiças e as opressões internas, valorizava os esforços, ensinava a quem queria aprender, aconselhava, acolhia.

Essa versão mítica rendeu a Prometeu a rotulação de amigo dos homens, capaz de correr riscos pelo bem da humanidade. Além disso, sua resistência ao sofrimento o fez ser identificado como “símbolo da abnegada resistência a um sofrimento imerecido e da força de vontade de resistir à opressão” (BULFINCH, 2018, P. 23). Vistas dessa forma suas qualidades, bem se aproximam daquelas de Sem Medo, que, efetivamente, se mostra, ao longo da narrativa, um homem abnegadamente entregue a uma causa, amigo dos homens (no nosso contexto, o povo angolano), capaz de correr riscos e entregar a sua própria vida por uma causa. A isso acrescentaríamos a disposição do Comandante Sem Medo de enfrentar os poderosos (a metrópole e seu exército), sem medir consequências, característica que se faz presente na figura mítica de Prometeu que afrontou a própria divindade maior, dela roubando o fogo que entregou aos homens.

Dessa forma, parece-nos que a referência existente no romance ao Prometeu africano é uma menção ao Comandante Sem Medo. Bulfinch (2018, p. 24) chama a atenção para que o mito, que tantas referências teve na literatura ocidental, foi, dentre muitas outras menções, objeto da “Ode a Napoleão Bonaparte”, de autoria de Byron, da qual se extrai a seguinte passagem:

Como o ladrão do fogo celestial
Resistirás sem medo
E compartilharás com o imortal
O abutre e o rochedo?

Coincidência ou não, na passagem há uma referência a uma resistência *sem medo* da parte de Prometeu. Como sabemos, é esse também o epíteto de nosso comandante.

4.1.1.5 Milagre, a visão tribal sectária e ressentida

Milagre é possivelmente a mais clara representação da visão tribal sectária dentro do romance, representando destacadamente as forças centrífugas já referidas. Tem papel

fundamental na construção da tensão fragmentação-união que marca todo o texto, embora no enredo propriamente dito ocupe posição coadjuvante.

Milagre é natural da cidade de Quibaxe, na província do Bengo, a leste de Luanda, região de predomínio kimbundo, etnia à qual pertence. Encarna o homem comum, sem qualquer lapidação, marcado por um pensamento simplista e tradicional das coisas da vida. É o típico guerrilheiro tribal, incapaz de enxergar o homem como ser dotado de uma essência que supera qualquer vínculo de sangue, de hereditariedade e de tradição grupal sectária. Está unido à guerrilha apenas pelo ódio ao português, mostrando-se incapaz de enxergar mais além, isto é, demonstrando uma compreensão de mundo limitada que não consegue pensar na formação de um país.

Quando recebe a palavra do narrador principal e assume momentaneamente a sua função, dá vazão a todo seu ódio em face do diferente. Trata um companheiro de guerrilha (Lutamos, natural do enclave de Cabinda, onde se situa a floresta do Mayombe) como um traidor, sem que tenha base segura para afirmar tal condição³³. Prefere a comodidade dessa visão simplista, assentada em tribalismo raso, à complexidade da busca da verdade e de uma visão justa sobre os acontecimentos. Não dúvida, condena, por puro preconceito. Alimenta o seu próprio ódio, indignando-se ao ver um outro kimbundo, Ingratidão do Tuga, seguir amarrado por ter sido responsabilizado por transgressão disciplinar grave, essa sim efetivamente ocorrida nos estritos termos do texto: “Eu, Milagre, nasci para ver isto” (PEPETELA, 2013, p. 63).

É relevante também a explicação que Milagre se dá para a importância com que o Comandante tratou o episódio da subtração do dinheiro do prisioneiro. Incapaz de compreender a relevância do fato para a imagem do MPLA, ele computa a reação de Sem Medo a puro tribalismo, construindo um raciocínio tortuoso para justificar-se:

O Comandante é kikongo; embora ele tenha ido pequeno para Luanda, o certo é que a sua família veio do Uífe. Ora, o fiote e o kikongo são parentes, é no fundo o mesmo povo. Por isso ele estava tão furioso por se ter roubado um dos seus primos. Por isso ele protege Lutamos, outro traidor. E viram a raiva com que ele agarrou o Ingratidão? Por quê? Ingratidão é kimbundo, está tudo explicado (PEPETELA, 2013, p. 47).

³³ O texto não permite concluir com segurança se a atitude apontada por alguns guerrilheiros, em especial do núcleo kimbundo dominante, como de tentativa de traição por parte de Lutamos efetivamente ocorreu. O episódio permanece envolto em dúvida, contudo, é importante notar que os personagens centrais, Sem Medo e o Comissário, não acreditam na traição de Lutamos. Fica assim reforçada a hipótese de que a reação dos guerrilheiros dominados por dissensões tribais é fruto desse sentimento (e de ressentimento) e não de algo palpável.

Sua visão preconceituosa em face de Lutamos é apenas parte de uma forma de enxergar os povos de Angola terrivelmente marcada por determinismos. Noutra passagem, referindo-se à população que habita a região da floresta onde se passa a história, rotula-os como “povo de traidores”.

Sua visão sectária também se dirige aos kikongos, etnia a que pertence o Comandante Sem Medo, a respeito de quem tem uma visão bastante negativa, quase toda ela embasada no fator étnico. A certa altura envolve-se numa discussão com o kikongo Pangu-A-Kitina, onde se percebe profundo ressentimento racial entre quimbundos e kikongos, além, é claro, do desapareço pessoal de Milagre pelo comandante:

– Não é isso que eu estou a falar – disse Milagre. – Mas tu, lá porque és kikongo, só queres defender o Comandante.

– Ai é? E por que é que vocês o atacam? Porque são kimbundos...

– É melhor travar aí a discussão, camaradas – disse Teoria.

Ninguém lhe ligou importância.

– No Dembos – disse Milagre – **um tipo como o Sem Medo já não vivia. Já o tínhamos varrido!**

– Como varreram os assimilados e os umbundos em 1961 – disse Pangu-A-Kitina. – Mas isso não parou aí. **Ainda vai haver muitas contas a ajustar.**

– Camaradas, parem por favor – gritou Teoria, metendo-se no meio.

– Vocês julgam que vêm aqui fazer como na UPA? – disse Milagre. – **O vosso partido é a UPA, o partido dos kikongos. Vieram aqui sabotar, estão a trabalhar para o imperialismo.**

– Deixa, Milagre! – disse Kiluanje. – As coisas um dia vão-se resolver, mas não interessa agora com a boca.

– Com que então que se vão resolver? – perguntou Pangu-A-Kitina. – Com que então?

– Não interessa, deixa só! (PEPETELA, 2013, p. 97-98; grifos nossos)

Nota-se um clima de ameaça racial não dita de forma absolutamente expressa, mas inegavelmente subentendida. Milagre afirma que alguém como o comandante, em outro contexto da guerrilha, já teria sido morto, supondo-se pelo contexto que pelos próprios companheiros. Pangu-A-Kitina lembra então episódio de confronto racial em 1961 e afirma que ainda existem contas a serem ajustadas entre as etnias. Milagre então volta à carga e afirma que os kikongos são traidores, que estariam infiltrados no MPLA para sabotar, trabalhando em favor dos colonialistas. É uma discussão muito pesada e mostra que existem feridas escancaradas que não serão facilmente curadas.

Milagre também é importante representante da visão preconceituosa dos homens simplórios do povo que se uniram ao movimento em face da elite intelectual do MPLA, da qual fazem parte o Comandante e o Comissário. Manifesta com veemência uma das outras rupturas presentes no grupo, conforme já destacado: bases despolitizadas e elite de comando esclarecida e politizada. Ainda tratando do episódio da responsabilização de Ingratidão do Tuga, fato decidido pelo Comandante Sem Medo, ele diz sobre o chefe: “Um intelectual, que nada conhece da vida, que não sofreu, um homem desses é que pode condenar-nos?”. Logo em seguida, não poupa o Comissário, “esse miúdo que só faz o que lhe diz o Sem Medo” (PEPETELA, 2013, p. 64).

Noutra passagem, contesta a liderança de Sem Medo em particular e dos intelectuais em geral:

Eu sofri o colonialismo na carne. O meu pai foi morto pelos tugas. Como posso suportar ver pessoas que não sofreram agora mandarem em nós, até parece que sabem do que precisamos? É contra esta injustiça que temos de lutar: que sejam os verdadeiros filhos do povo, os genuínos, a tomar as coisas em mãos (PEPETELA, 2013, p. 47).

Como se percebe, as ideias e posições de Milagre são radicalmente subversivas e, certamente, ele, em outro contexto, poderia atuar de forma a destruir o próprio grupo, não se descartando, inclusive, que pudesse agir assassinando companheiros com quem tem mais acentuadas divergências. E tudo, ou quase tudo, motivado por razões de preconceitos raciais entranhados na sua própria essência.

4.1.1.6 Muatiânvua, o desenraizado

Recordemo-nos de que salientamos anteriormente que os personagens de *Mayombe*, mais do que pessoas, representam grupos e visões parciais da sociedade angolana. Muatiânvua representa aquele angolano que, por razões diversas, perdeu as raízes. Ao contrário dos personagens mais intelectualizados, em particular o Comandante Sem Medo e o Comissário Político, Muatiânvua não superou a visão etnocêntrica de mundo, ele a perdeu. Não se trata de algo construído em seu espírito, mas de uma condição a que foi levado pelos próprios rumos de sua vida.

Como salientamos, em que pese a sociedade angolana ser profundamente marcada pelas dissensões tribais, em alguns ambientes, particularmente nas grandes cidades como Luanda, Benguela e Huambo, os laços raciais e o apego às tradições locais foram se perdendo. O ambiente urbano, não apenas em Angola, favorece a troca de experiências, o convívio com o

diferente e a conseqüente percepção de que existe no outro mais a compartilhar do que a divergir. A lógica de vida, do trabalho e das relações sociais no ambiente urbano dificilmente pode ser erigida sobre visões estritamente étnicas. A presença do diferente que, paradoxalmente, se mostra semelhante vai aos poucos mostrando a cada indivíduo que questões raciais são muito menos importantes, talvez até completamente insignificantes, mesmo numa sociedade que, como um todo, alimenta visões sectárias.

Muatiânvua é filho de pai umbundo e mãe kimbundo, mas sente que “é posto de lado” porque não seguiu o sangue de nenhum deles. É relevante perceber que aquele que é refratário ao comportamento tribalista, aquele que não adota esse modo subalterno de se posicionar no mundo, acaba se sentindo isolado, tão forte era, ao menos àquela altura, essa lógica no seio da sociedade angolana e particularmente no seu microcosmo retratado no romance. Mas ele percebe que não está sozinho e que sua forma de enxergar é compartilhada por Sem Medo, por Teoria e pelo Comissário, entre outros. De certa forma, os que não se movem por razões tribais também acabam tendo, em alguma medida, de compor um grupo, mesmo que inconscientemente, nem que seja para se proteger dos indivíduos que agem seguindo essa lógica espúria.

Nesse contexto, significativa a frase forte de Muatiânvua: “Eu não preciso de me apoiar numa tribo para sentir a minha força. A minha força vem da terra...” (PEPETELA, 2013, p 121). E essa terra é Angola, a Angola sonhada por Pepetela e pelos guerrilheiros do Mayombe.

4.1.1.7 Lutamos, o isolado

Lutamos é o único guerrilheiro cabinda. Cabindas são os naturais da região de Cabinda, enclave no extremo setentrional de Angola, encravado no território do Congo. São uma minoria étnica no país e no grupo guerrilheiro também. Certamente, assim é no enredo porque a ideia do autor foi criar, como já adiantamos, um microcosmo da sociedade de Angola na nossa equipe de combatentes.

Lutamos é vítima de uma desconfiança profundamente enraizada no tribalismo dos demais guerrilheiros, em especial dos kimbundos. Para sua infelicidade, a história caminhou no sentido de conduzir o grupo a aprisionar angolanos cabindas que trabalhavam para os portugueses na exploração de madeira da floresta. Aparentemente, um modo de ver profundamente influenciado por preconceitos raciais leva alguns companheiros seus a acreditar que ele teria tentado favorecer o grupo de cabindas que acabou sendo feito prisioneiro. O texto não autoriza esse entendimento, mas o episódio fica envolvido em alguma névoa.

Quando se cogita da possibilidade de fuzilar esses prisioneiros, com base na ideia de que são colaboradores dos exploradores e, portanto, traidores, Lutamos se exalta e vem à tona uma indignação que é mais tribal do que propriamente humanista. Argumenta, com bastante verdade, que os nativos têm de trabalhar para os colonialistas, sob pena de padecerem na mais absoluta miséria.

Deve-se observar, ainda, que a implicância com os prisioneiros por parte de alguns guerrilheiros parece muito mais oriunda da desconfiança com os cabindas (que, de forma geral, tiveram pouca adesão ao MPLA) do que propriamente nascida da indignação com a colaboração prestada ao invasor português. Mais uma vez a questão tribal fala mais alto nos espíritos. No fundo, todos compreendem que existe uma questão de subsistência na raiz dessa atitude supostamente colaboracionista, ainda que os guerrilheiros sempre possam argumentar que também eles poderiam ter optado por servir ao colonialista, mas preferiram enfrentá-lo.

Lutamos sofre com a desconfiança permanente de que é vítima. Sabe, contudo, que o Comandante não desconfia dele e, talvez, seja o único que não o faça. Tem consciência de que seu povo não adere ao movimento revolucionário, fato que alimenta a implicância dos guerrilheiros das demais etnias. Mas ele tem consciência de que, se assim é, isso não se deve a alguma característica particular dos cabindas, mas a uma deficiência de comunicação do MPLA, que não soube cooptar o seu povo de forma mais ampla.

Lutamos representa, por assim dizer, o tribalismo passivo, ou seja, não parte dele nenhuma conduta hostil ou discriminatória, capaz de fracionar e afrouxar o grupo. Ele sofre a hostilidade e a discriminação, que é reflexo de como as demais etnias enxergam o povo de Cabinda. Quando tem conhecimento de que o Comandante será transferido, preocupa-se, afinal é ele que garante a Lutamos uma situação relativamente estável dentro do grupo. A iminência da saída de Sem Medo o faz perguntar-se: “Quem me defenderá dos outros, quem terá coragem de se opor ao tribalismo?”³⁴ (PEPETELA, 2013, p. 235). Como sempre, na condição pessoal de Lutamos dentro do grupo, mais do que qualquer outro fator, é a questão racial a grande sabotadora da harmonia.

³⁴ Há aqui uma outra indicação sutil que caminha no sentido de mistificar o Comandante Sem Medo. O próprio Lutamos percebe que a postura de enfrentamento direto de Sem Medo em face dos comportamentos marcados pelo tribalismo é praticamente única. Dificilmente um outro comandante que o venha substituir fará o mesmo.

4.1.1.8 Ekuikui, outro isolado

O guerrilheiro Ekuikui é da província de Bié, localizada exatamente no centro do território angolano. É o único combatente do grupo da etnia umbundo, dominante no centro-sul de Angola. Como salientamos acima, embora o romance faça uso da palavra umbundo, essa expressão designa originalmente a língua falada pelos ovimbundos, essa sim a designação étnica mais adequada do grupo. Por serem povos do centro-sul do território, os umbundos ou ovimbundos acabaram se reunindo principalmente em torno da UNITA, ainda que existissem guerrilheiros dessa etnia em outros movimentos de libertação nacional, como é o caso, na ficção, de Ekuikui.

Assim como o cabinda Lutamos, ele é o único da sua etnia, ainda que Muatiânvua seja filho de mãe umbundo. Contudo, considerando a condição de destribalizado de Muatiânvua, ele é efetivamente o único no grupo efetivamente considerado umbundo.

A certa altura, quando guerrilheiros kimbundos e kikongos entram em ferrenha discussão, marcada por ressentimentos e por sugestões de ajustes de contas vindouros, Ekuikui resolve se afastar e, consciente de que sua atitude deverá ser interpretada em bases tribais, afirma que sabe que computarão seu comportamento como decorrente de sua etnia, que se mostra alheia a essa rivalidade específica. Na sequência, Teoria solicita a ajuda de Ekuikui para que se coloque um fim na contenda, que vai se acalorando perigosamente. A discussão avança e se agrava, revelando os contendores que existe grave ojeriza que prenuncia resolver-se em sangue em momento futuro:

– Mas como eu não estou de acordo, nem com uns nem com os outros, vou dormir. **E digam, se quiserem, que é porque sou umbundo, que não me interessa**, estou cagando!

Ekuikui ia a sair, mas Teoria segurou-lhe no braço. O professor tremia e foi isso que fez parar Ekuikui. Os outros guerrilheiros ouviam, interessados, a cena, sem se meterem.

– Não podes sair Ekuikui. Temos de acabar com esta discussão.

– Camarada professor, quando se entra em discussão tribal, o melhor é deixar, não se meter no meio.

– Discussão tribal? – cortou Kiluanje. – Quem é que está a fazer discussão tribal aqui?

Ekuikui riu, tenso.

– Então eu tinha compreendido mal, camarada Chefe. Tinha percebido que se falava de kimbundos e kikongos. Se não se falou, afinal, não é discussão tribal. Fui eu que ouvi mal!

– Pode-se falar sem ser discussão tribal.

– Como? – disse Teoria. – Não se pode falar nada. O melhor, Pangu-A-Kitina, é vires comigo.

– Por que é que hei de ir, se estou aqui tão bem?

– Eu vou – disse Vewê – essa conversa não me interessa. Vewê saiu e ninguém o reteve.

– Você disse que as coisas se iam resolver, mas não de boca – disse Pangu-A-Kitina para Kiluanje. – **Vão-se resolver como? Com tiros?**

– Travem isso, camaradas! – gritou Teoria.

– Vão-se resolver, é o que eu digo. Lembras-te do grupo do Tomás Ferreira assassinado pela UPA? E todos os outros? **Ainda não estão pagos...**

– E eu sou da UPA, lá porque sou kikongo? Que culpa tenho eu que a UPA faça isso?

– Não está pago, é o que eu digo.

– **E os bailundos que mataram em 1961?** Julgas que eles também esqueceram? Éramos nós que os protegíamos de vocês, que vinham com as catanas...

– Camaradas, eu vou chamar o Comissário – disse Teoria.

– Não é preciso – disse Kiluanje –, está tudo claro. Eu também não discuto mais.

– Parem mas é com as vossas ameaças – disse Pangu-A-Kitina. – Pensam que metem medo? **Nós também temos armas** (PEPETELA, 2013, p. 98-99; grifos nossos).

Chama a atenção que no meio da intensa discussão um outro grupo tribal é trazido à baila, os bailundos, que, de acordo com Pangu-A-Kitina, seriam protegidos dos kimbundos pelos kikongos. Percebe-se que vai se formando uma intrincada teia de rivalidades, ressentimentos, alianças e tensões.

Ao final da discussão reproduzida em parte logo acima, Ekuikui conversa com Teoria e mostra uma visão serena e madura sobre o carácter aparentemente interminável das rusgas tribais.

– Camarada Teoria, os dois queriam a mesma coisa. Quando há problema tribal, não vale a pena pensar quem é que tem a culpa. Se duma vez foi um que provocou, é porque antes o outro tinha provocado. Quem nasceu primeiro, a galinha ou o ovo? É assim com o tribalismo (PEPETELA, 2013, p. 100-101).

4.1.1.9 O Chefe de Operações, outro tribalista ressentido

O Chefe de Operações é um militar correto, esforçado e dedicado ao MPLA. Embora não tenha especial apreço pelo Comandante Sem Medo, quando marcharam em direção à Base,

supostamente tomada pelos portugueses, seguindo a melhor doutrina militar, solicitou que o Comandante se colocasse no meio da coluna que marchava, oferecendo-se ele para marchar à frente, protegendo o Comandante de uma eventual mina terrestre colocada pelo inimigo³⁵.

A despeito disso, tem uma visão tribal rígida gravada em seu espírito. Enxerga o mundo pelas lentes do tribalismo. Repudia a postura do Comissário, igualmente kimbundo, por ser muito próximo do Comandante, que é kikongo. Entende que o Comissário não devia agir dessa forma, por razões tribais, isto é, deveria aproximar-se mais e solidarizar-se com seus irmãos kimbundos.

Também repudia o Comandante Sem Medo, não por ações e posturas pessoais do próprio comandante que pudessem motivá-lo a tanto, mas em função de generalizar as desconfianças e ressalvas que faz aos kikongos. Aprendeu-as com seus ancestrais e não foi capaz de livrar-se delas. É de origem camponesa, simplório, só tendo aprendido a escrever após alistar-se no MPLA. O Chefe de Operações representa bem uma outra linha de tensão bastante presente na obra em estudo e que não deixa de ter relação com o tribalismo: a rixa entre camponeses pobres e intelectuais dentro do movimento. Os intelectuais libertaram-se da visão étnica fragmentada de povo angolano, enquanto os militantes vindos de camadas pobres, não tendo tido oportunidade de enriquecer o espírito com estudos e leituras, com temporadas na Europa, mantêm-se aferrados a uma visão racial do mundo. Enfim, o Chefe de Operações é um elemento de permanente acirramento das divisões tribais dentro do grupo.

Quando assume momentaneamente a função de narrar, nos revela que participou do levante camponês de Março de 1961, que atacou colonos brancos, mestiços assimilados e também umbundos. Ficamos sabendo que, nesse conflito, envolveu-se no assassinio não apenas de brancos e mestiços assimilados, cuja eliminação poderia estar talvez explicada pelo ódio ao domínio perverso do branco português. O fato é que tomou parte também em crimes de morte praticados contra umbundos, por meras razões de rivalidade tribal.

Também na passagem em que assume a narração, o Chefe de Operações relata que apenas se dispõe a lutar no enclave de Cabinda, onde se situa a floresta do Mayombe, para dividir as forças inimigas e assim diminuir sua concentração na sua região natal, permitindo que ela tenha mais chances de se libertar. Como se percebe, o Chefe de Operações não consegue

³⁵ Esse procedimento, como fica explicado no texto, não tem relação com eventual privilégio para os que comandam, mas com a percepção, estritamente técnica, de que o valor militar de um combatente mais preparado é maior. Assim, na lógica operacional, é melhor perder um combatente comum do que um combatente apto para posição de comando.

pensar num ideal de país acima das frações étnicas e, nesse sentido, é uma força fragmentadora atuante no núcleo guerrilheiro:

O Comissário diz que, se avançarmos a luta em Cabinda, as outras regiões estarão aliviadas, porque o inimigo terá de dividir forças. É verdade. Por isso, luto aqui. Mas não por Cabinda, que não me interessa. Luto aqui para que a minha região tenha menos inimigos concentrados nela e assim possa ser livre (PEPETELA, 2013, p. 210).

Feita essa reflexão, no instante seguinte (atente-se para as manifestações contraditórias, dispersão/união, juntas no texto, coladas uma na sequência da outra), contudo, o Chefe de Operações deixa transparecer a sua faceta voltada ao elemento de união dos guerrilheiros, o ódio ao inimigo português, o algoz de todos os povos de Angola. Nesse ponto em particular, mostra admirar Sem Medo e ser capaz de compartilhar algo com ele: “Mas Sem Medo é um homem. Quando combate, tem o mesmo ódio ao inimigo que eu” (PEPETELA, 2013, p. 210).

4.1.2 Narrador

Quando tratamos da questão do narrador, principalmente no recorte que fazemos aqui, em que supomos reflexões pessoais do autor como constitutivas da narração, o essencial, a princípio, é saber que o narrador não é o autor e sim “uma entidade de ficção, isto é, uma criação linguística do autor, e portanto só existe no texto” (GANCHO, 1997, p. 29). Além disso, essa é figura essencial: é quase intuitivo perceber que “não existe narrativa sem narrador, pois ele é o elemento estruturador da história” (GANCHO, 1997, p. 26), ou seja, seu papel é particularmente relevante dentro de um texto e sua conformação frequentemente é mais do que uma escolha meramente formal.

Como salienta Lodge (2017, p. 20), “a ficção moderna tende a suprimir ou a eliminar a voz do autor, apresentando a ação por meio da consciência dos personagens ou delegando a eles a tarefa de narrar”. *Mayombe* se insere nessa feição moderna. Mas, certamente, leva-a ao extremo, como veremos a seguir.

A função de narrar, portanto, é o centro da estrutura de um romance, na medida em que é o narrador que apresenta (e, mais do que isso, escolhe a forma de fazê-lo) todos os outros elementos estruturais. A Teoria Literária catalogou alguns tipos básicos de narrador, podendo-se dizer, com base em seus ensinamentos, que em *Mayombe* temos um narrador principal, em

terceira pessoa (narração *heterodiegética*)³⁶, que, contudo, cede frequentemente a palavra a alguns dos personagens, passando esses, por breves períodos, a exercer a função de narrar (narração *homodiegética*)³⁷. Nesses momentos, temos um narrador em primeira pessoa, também chamado de narrador personagem³⁸. Esse é um aspecto marcante do texto, na medida em que essa mescla foge aos padrões usuais da estruturação do foco narrativo.

A repartição da posição de narrador, costurada a partir de um narrador principal que cede a palavra, momentaneamente, a vários personagens é, certamente, um recurso poderosíssimo na construção do antagonismo fragmentação tribal versus unidade revolucionária. A força dos personagens e de suas posições pessoais e tribais (e a consequente evidenciação da delicadeza do vínculo que os mantêm unidos) não seria a mesma se não lhes fosse concedida a palavra com a incisividade que a condição de narrador em primeira pessoa permite. Nesse sentido, já se afirmou sobre a conformação narrativa em *Mayombe* que “as várias falas dos narradores, compondo um vivo mosaico de propostas e sensibilidades, sinalizam para a precariedade da integração que ali se vive” (CHAVES, 1999, p. 222), sustentada mais pelo que repudiam em comum do que pelo que compartilham.

Ainda sobre o narrador em *Mayombe*, afirma Chaves:

A contracenar vivamente com o espaço está o foco narrativo. Assumido por vários narradores, cujas falas são organizadas por uma espécie de narrador titular, o fio narrativo é dividido e comungado pelos elementos que vivem as ações do enredo. A divisão, todavia, naquele contexto onde tudo convivia à comunhão não deve ser entendida como fragmentação propriamente, mas como um sinal de que a autoridade, de que a palavra é manifestação, é, em certa medida, partilhada (1999, p. 221).

Portanto, a escolha da forma de narrar o romance feita pelo autor deu-se, certamente, de forma calculada. Se, como sustentamos, sua ideia era construir uma narrativa sobre o foco de

³⁶ De acordo com Silva (2011, p. 761), “o narrador é classificado como *heterodiegético*, se não é co-referencial com nenhuma das personagens da diegese, se não participa, por conseguinte, na história narrada”.

³⁷ Ainda de acordo com o magistério de Silva (2011, p. 761-762), “se, pelo contrário, o narrador é co-referencial com uma das personagens da diegese, participando da história narrada, classificar-se-á como *homodiegético*”.

³⁸ Esses narradores secundários, que recebem a voz do narrador principal e exercitam esse papel por alguns momentos podem ser chamados de *hipodiegéticos*. De acordo com Silva (2011), podem surgir durante uma narrativa outras nela interpostas. A primeira é chamada narrativa primária e as segundas são ditas narrativas secundárias. A narrativa secundária é sempre *intradiegética*, na medida em que “o narrador intradiegético, quando produz uma narrativa que se insere na narrativa primária, interrompendo-a, representando formal e funcionalmente uma narrativa dentro da narrativa, origina um tipo de narrativa que Genette classifica como *narrativa metadiegética* e que parece mais correto designar como *narrativa hipodiegética*” (SILVA, 2011, p. 763). Isso porque, como esclarece o próprio Silva (2011, p. 763), o “sufixo *hipo-*, significando dependência, aplica-se adequadamente a qualquer narrativa secundária, pois esta, pelo menos pragmática e sintacticamente, está sempre subordinada a uma narrativa primária”.

tensão fragmentação tribal/racial x unidade de ideal, nada mais adequado do que conceder a voz a cada um dos personagens para, em primeira pessoa (com toda a força e autenticidade que esse recurso permite), expor seus pontos de vista, seus sentimentos, suas histórias pessoais. Certamente, fosse outra a escolha feita para a forma de narrar o romance, ele teria perdido muito de seu vigor.

Chaves (2009) compartilha o entendimento de que a multiplicação de narradores é recurso destinado a refletir a pluralidade de crenças, línguas e tradições que as tribos angolanas carregam. Mas, para ela, o significado dessa natureza polifônica do romance vai além: “a divisão do foco narrativo não deve ser vista como um simples artifício; trata-se de um caso em que a forma é engendrada pelo conteúdo e se transforma ela mesma em fator de significação” (2009, p. 134). Mais adiante, sinalizando na mesma direção que vimos indicando ao longo de nossa exposição, no sentido de que existe no romance um foco de tensão entre as contradições (a separar) e a motivação (a unir), para cuja construção contribui sobremaneira esse narrador plural e essa polifonia, Chaves conclui:

A divisão do foco narrativo articula-se à feição multidimensional das personagens para expressar a tensão interna do romance, expondo as contradições que nem mesmo a nobre motivação coletiva poderia diluir. O questionamento das motivações ideológicas dos guerrilheiros assinala o aprofundamento da psicologia de guerra centrada nas origens de classe e circunstâncias pessoais, o que assegura ao texto uma perspectiva totalizadora da guerra (2009, p. 135).

Assim, a caracterização do narrador em *Mayombe* contribui enormemente para explicitar, de forma maximizada, as diferenças e tensões étnicas no seio do grupo guerrilheiro. Essa forma de narrar potencializa, portanto, a força dos personagens e permite construir, de forma ainda mais vigorosa, o ambiente de conflito, desconfiança, ressentimento, estranheza e hostilidade mal controlada que envolve os personagens. Se, como temos sustentado, esse papel de construir a atmosfera de desunião e fragmentação cabe essencialmente à caracterização dos personagens, então o tipo de narrador escolhido pelo autor é o potencializador desse papel.

4.1.3 Manifestações no enredo

Tratando do termo enredo, Moisés (2013, p. 147) afirmou que:

Este correspondente ao inglês *plot*, implica a ideia de causa e efeito e diz respeito à disposição dos acontecimentos conforme a vontade do escritor;

neste caso, o enredo confunde-se com a própria narrativa e não pode ser resumido. O enredo pressupõe um nexos de causalidade entre os acontecimentos (o leitor não pergunta: *e depois?*, como faz quando perante a história, mas: *por quê?*), e por isso depende de recursos narrativos, como o mistério, o suspense, o *flash-back*, os intervalos, etc.

Existe, portanto, uma história a ser contada, um conjunto de acontecimentos, vividos por personagens, num determinado espaço e tempo e há, por outro lado, a forma como o escritor contará essa história. Essa forma escolhida pelo autor para contar os fatos é que se chama enredo³⁹. O enredo, portanto, é a história tal qual contada pelo autor, é a história apresentada por uma específica forma, que tem suas peculiaridades de ritmo, estilo, escolhas lexicais.

Já mencionamos acima que a estrutura do romance em análise apresenta um enredo simples, no sentido de que não existem grandes acontecimentos, surpreendentes, emocionantes, grandiosos, maravilhosos. Há nele poucos elementos de tensão. A tensão, ao contrário, está dispersa em toda a situação, em todo o contexto, na atmosfera que se vai construindo, menos por força do enredo e mais pela apresentação dos personagens, seja por meio de suas reflexões pessoais, seja por meio dos vários e vigorosos diálogos que recheiam o romance.

Como nos ensina a Teoria Literária, é o conflito que estrutura o enredo, determinando-lhe as partes, que costumam ser: exposição (ou introdução ou apresentação), complicação, clímax e desfecho (GANCHO, 1997). Cada uma dessas quatro partes existe em função de sua colocação em face do conflito. Um enredo comum passa, portanto, por essas quatro fases, nessa ordem citada⁴⁰. Não é o que acontece em *Mayombe*. Ao contrário, temos ao longo do texto alguns episódios que caracterizam momentos de maior tensão (à semelhança do que poderia ser um clímax tradicional), que encontram uma solução intermédia, mas não existe um momento

³⁹ Existe alguma divergência na Teoria Literária sobre terminologias diversas que, em síntese, destinam-se a tratar da história narrada e da história construída. É usual a distinção entre fábula e trama, surgida com os formalistas russos. Fala-se também em estória e enredo. Não é nosso objetivo aprofundarmos essa reflexão. Por esse motivo, tomaremos a ideia de enredo, sinteticamente, como o “modo como uma história é construída por meio de palavras e, portanto, organizada sob a forma de texto”, sendo que, “nesse sentido, ele corresponde, de fato, ao conceito de trama utilizado pelos formalistas russos” (FRANCO JUNIOR, 2009, p. 37).

⁴⁰ É comum também em Teoria Literária falar no *esquema quinário* que traduz em cinco fases o que se chama de “esquema canônico da narrativa”: estado inicial, complicação (ou força perturbadora), dinâmica, resolução (ou força equilibradora) e estado final. Nesses termos, a “narrativa se definiria então como *transformação* de um estado em um outro estado. Esta transformação é constituída por um elemento que desencadeia o processo de transformação, pela dinâmica que o efetua (ou não) e por um outro elemento que encerra o processo de transformação” (REUTER, 2004, p. 49). Como se pode perceber, classifique-se esse processo transformativo que é a narrativa em quatro ou cinco fases, teremos o mesmo conteúdo essencial. Esse esquema canônico não significa, é bom que se diga, uma amarra a limitar a liberdade criativa dos escritores. É apenas um modelo estrutural básico, identificado pelos estudiosos nos textos escritos (e não seguido pelos escritores a partir de uma teorização preliminar), que, normalmente, é manipulado pelos autores, construindo formas derivadas, ainda que quase sempre carreguem de alguma maneira essa linha condutora. De forma mais frequente, a “subversão” ao esquema canônico se dá alterando a ordem das fases, o que, em última instância, não nega sua existência.

único de tensão máxima, que estruture toda a narrativa em função dele, com exposição, complicação e posterior desfecho.

Por isso a ideia de que o romance se assemelha a um diário de um guerrilheiro, que observa os vários acontecimentos que se sucedem à medida que os dias avançam é bastante razoável. Isso afasta *Mayombe* da estrutura tradicional de um romance, com as fases usuais acima referidas.

Embora a grande parte dos elementos indicativos das fissuras étnicas no interior do grupo guerrilheiro esteja na própria caracterização dos personagens, de forma que quase se poderia prescindir da existência de qualquer enredo para que fosse possível sentir a tensão racial de um lado e a revolta diante do invasor a promover a união de outro, há também algumas passagens em que a trama contribui para a percepção dos elementos centrífugos no romance. Esses episódios funcionam como motivo para que possam explodir as idiossincrasias de cada personagem, suas fixações, suas obsessões, suas crenças (racionais ou não), seus ódios. Portanto, o enredo funciona como propiciador, produtor de oportunidades para que as profundezas dos personagens apareçam e produzam o efeito de inquietação étnica. Assim, a tensão não se localiza propriamente no enredo, mas na reação a seus episódios produzidas nos personagens.

Analisemos as mais significativas dessas passagens.

4.1.3.1 A captura de Muatiânvua

Um desses momentos é o da captura de Muatiânvua pelos soldados portugueses. O Comandante Sem Medo pergunta por voluntários para ir resgatá-lo e não encontra apoio entre os guerrilheiros mais comprometidos com solidariedades tribais. Afinal, Muatiânvua é um dos destribalizados do grupo. Mesmo sendo filho de pai umbundo e mãe kimbundo, ele, vivendo em Luanda, perdeu os elos tribais. Manifestam-se para a diligência Lutamos e Ekuikui, respectivamente cabinda e umbundo, ou seja, dois que não possuem companheiros de etnia no grupo e que, portanto, não se reúnem sob um subgrupo de identidade tribal. Sem Medo não perde a chance de deixar claro aos componentes do grupo que percebeu o ocorrido e procura chamar os subordinados à consciência:

Ninguém se queria oferecer, porque Muatiânvua é um destribalizado. Fosse ele kikongo ou kimbundo e logo quatro ou cinco se ofereceriam... Quem foi? Lutamos, que é cabinda, e Ekuikui, que é umbundo. Uns destribalizados como

ele, pois aqui não há outros cabindas ou umbundos... É assim que vamos ganhar a guerra? (PEPETELA, 2013, p. 53)

4.1.3.2 A apropriação de dinheiro dos prisioneiros cabindas

Outro momento do texto que marcadamente escancara as fissuras da questão étnica é o episódio da apropriação de um valor em dinheiro, pouco significativo inclusive, que estava sob custódia de um dos guerrilheiros, após ser apreendido com um indivíduo aprisionado pelo grupo. O valor desaparece e, pelas circunstâncias, fica evidente que um dos integrantes do corpo guerrilheiro fora o responsável.

A situação preocupa e incomoda o Comandante Sem Medo e o Comissário Político, que, graças a um preparo intelectual mais elaborado, compreendem a importância da imagem do movimento junto às massas populares e, em especial, percebem a gravidade de um episódio que possa reforçar o discurso metropolitano no sentido de que os guerrilheiros do MPLA são apenas ladrões comuns. O desaparecimento dos valores seria objeto de relato dos prisioneiros após sua libertação e, ainda que se pudesse sustentar que era um fato pequeno, ele certamente repercutiria profundamente entre o povo da região. Sem Medo decide então que, com vistas ao esclarecimento da responsabilidade, todos os guerrilheiros terão de ser revistados, por mais que essa atitude possa provocar constrangimento no seio do grupo. O Chefe de Operações, kimbundo e normalmente dissidente do Comandante na tomada de decisões quando feitas de forma coletiva (a deliberação conjunta, quando adotada, se dava entre os três participantes de maior hierarquia – pela ordem: o Comandante Sem Medo, o Comissário Político e o Chefe de Operações, cada um com um voto) se coloca abertamente contra a decisão monocrática de Sem Medo, encorajando o descontentamento daqueles guerrilheiros que já não estavam, ainda que silenciosamente, aprovando a providência desde que noticiada por Sem Medo. Esse, percebendo a delicadeza da situação, resolve que é momento de agir com determinação e pulso e mantém o que deliberara, aproveitando para sugerir que o Chefe de Operações estava a agir como manipulador da opinião dos comandados: “Vamos passar revista. As guerras não se ganham com demagogias, só para se ter apoio das bases!” (PEPETELA, 2013, p. 40). Graças à providência, o traidor é descoberto.

Já existe aqui um componente tribal importante. O Chefe de Operações, terceiro homem na hierarquia, é kimbundo, tem uma análise de mundo bastante influenciada pelo componente étnico e frequentemente se coloca contra as decisões individuais de Sem Medo, que é kikongo, ainda que não o faça abertamente. O Comissário Político, como salientado, o segundo homem

na hierarquia, embora kimbundo, é um homem bastante esclarecido sobre o problema tribal, assim como Sem Medo, não se deixando contaminar por implicâncias dessa ordem. Raramente vota contrariamente ao Comandante, quando este determina uma decisão colegiada, não se importando com o fator étnico na tomada de posições. Assim como Sem Medo, ele está consciente da gravidade da situação e da necessidade de que se dê uma solução cabal e exemplar ao caso. Percebendo que Sem Medo tem o apoio do Comissário e que seria inútil, na prática, divergir, já que seria voto vencido, o Chefe de Operações, atento ao fato de que Ingratidão do Tuga, o larápio, é, assim como ele, kimbundo, etnia dominante no grupo, e que há um espaço para angariar apoio de parte da tropa e contrapor-se a Sem Medo, passa a argumentar contrariamente à decisão do Comandante, na frente de todos: “Agora, revistar toda a gente...É uma desconfiança, é ofender!” (PEPETELA, 2013, P. 39). Aproveita-se da delicadeza da situação e de sua repercussão no sentimento tribal do grupo para dar vazão às suas discordâncias com Sem Medo, procurando fragilizá-lo no que se refere ao respeito e apoio da tropa. Essa postura, capaz de comprometer a estrutura de comando e a própria sobrevivência do grupo guerrilheiro enquanto tal, está motivada fortemente pelo componente tribal.

Mas não é só e, talvez, nem seja o mais grave. Descoberto o responsável pela subtração – ato que, além de eticamente condenável, é preocupante sob o ponto de vista da imagem do movimento – não são todos os integrantes do grupo que se colocam contra ele. Parte dos guerrilheiros, movida por sentimento de solidariedade tribal, alimenta uma postura de tolerância para com o infrator. A percepção étnica se sobrepõe, neste episódio, à unidade em torno do ideal revolucionário, ainda que a decisão do comando não seja ostensivamente afrontada.

A reação solidária ao guerrilheiro traidor, Ingratidão do Tuga, por parte de outros kimbundos não é apresentada como gratuita, isto é, existiria um componente de inconformismo com uma decisão supostamente injusta, num contexto de distinções étnicas. É o que se depreende, por exemplo, do trecho em que Milagre assume a narração temporariamente:

Vejam a injustiça. Eu, Milagre, vim de Quibaxe, onde os homens atacavam o inimigo só com catanas e a sua coragem, eu vim de longe, o meu pai foi morto, a cabeça levada pelo trator, para ver agora um dos nossos, amarrado, seguir para o Congo, amarrado, porque ficou com cem escudos dum traidor de Cabinda! Eu, Milagre, nasci para ver isto!

(...)

Lutamos foi castigado? Tentou avisar os trabalhadores que íamos prendê-los, tentou sabotar a missão, foi castigado? E Ekuikui, que guardou o dinheiro em vez de o entregar logo, foi ele castigado? Só **um dos nossos** é que foi (PEPETELA, 2013, p. 63-64; grifo nosso).

A matéria textual não permite afirmar se as considerações de Milagre são ou não fundamentadas, isto é, o texto não afirma categoricamente que Lutamos teria tentado alertar os seus conterrâneos que trabalhavam para os portugueses da iminente chegada do MPLA. Essa hipótese fica como dúvida e cada guerrilheiro teria tido uma impressão pessoal. A reação de Milagre, partindo da premissa de que Lutamos certamente teria tentado avisar os trabalhadores, negando-lhe, assim, o benefício da dúvida, indica como os acontecimentos são interpretados por parte dos guerrilheiros, aqueles mais aprisionados em uma visão racial de mundo, sob uma ótica tendenciosa. Isso fica mais evidente quando se compara a reação de Milagre a de outro kimbundo, o Comissário Político, que não se mostrou convencido da hipótese de tentativa desleal de Lutamos. O mesmo ocorreu com o Comandante Sem Medo, que, pelo que o texto sugere, teria percebido a rixa tribal a envenenar a leitura de alguns a respeito da conduta do cabinda Lutamos.

4.1.3.3 O uso do idioma português e os prisioneiros cabindas

Eis aqui outra referência que merece ser destacada. Sem Medo, como Pepetela, seu criador, tem consciência da importância da valorização dos fatores que possam conduzir à formação de uma identidade nacional, a tão cantada angolanidade. O uso da língua portuguesa, que, bem ou mal é a “língua de todos” é um desses fatores e, como tal, é defendida pelo Comandante.

Como se verá, contudo, esse uso é apenas uma reação a profundo sentimento de lealdade tribal no seio dos guerrilheiros, já que desconfiam que o uso de um idioma compreendido por apenas um dentre eles (falando com prisioneiros conterrâneos seus) possa permitir a esse guerrilheiro trair seus companheiros em favor de seus irmãos de raça. Como forma de prevenir esse risco, mas, mais do que tudo, como forma de evitar a desconfiança, o comandante exige que o diálogo se dê em português:

O interrogatório continuou e alargou-se aos outros prisioneiros. O miúdo capturado por Mundo Novo tinha catorze anos e chamava-se António. Falava mais à vontade que os outros. O mecânico estava desconfiado, os olhos inquietos passavam de uns a outros, fixando-se mais em Sem Medo. Lutamos pedira autorização para falar com eles em fiote, mas o Das Operações respondeu que não valia a pena. O Comissário ia intervir. Sem Medo pegou-lhe no braço, exigindo silêncio. E Sem Medo mantinha o interrogatório em português, língua que todos falavam, bem ou mal (PEPETELA, 2013, p. 32).

Portanto, o uso do idioma português é, mais do que tudo, uma reação e uma solução às dificuldades impostas pelos idiomas tribais. É uma consequência da preferência de muitos pelas suas línguas maternas. Ou seja, o convite ou até mesmo a determinação para o uso do idioma português, mais do que a valorização de um elemento de comunhão, é uma reação a uma fissura tribal.

Em que pese essa disposição e esse interesse pelo uso da língua capaz de irmanar os angolanos, esse não é um fator tratado no romance como apto, no estado de coisas então existente, a gerar o sentimento de fraternidade, constituindo-se em fator de união. O uso da língua portuguesa é um instrumento a mais na construção da identidade nacional do porvir, mas não é um fator presente de união, tanto que o idioma não é completamente dominado por todos os guerrilheiros. O próprio novato, que será batizado como “Vewê, o cágado”, “percebia mal o português, falava era kikongo e francês”⁴¹ (PEPETELA, 2013, p. 69).

A indicar a constante e inusitada presença dos mecanismos tribais da sociedade angolana está outra passagem do episódio do contato dos guerrilheiros com o grupo de prisioneiros. Em determinado momento, percebem que há um dos combatentes na equipe que pertence ao mesmo povo que eles e isso lhes traz mais tranquilidade. De uma certa forma, sentiam-se mais receosos com a hipótese de serem presos por membros de outras etnias do que propriamente de serem presos por um movimento de libertação nacional acusados de colaborarem com os colonialistas:

[...]só então os trabalhadores descobriram que Lutamos também era de Cabinda. Pronto, pensou Sem Medo, viram que há um deles entre nós, já têm confiança. O tribalismo às vezes ajuda. Mas que tem o Das Operações que está tão atento à conversa? Ah! Tenta captar o que diz Lutamos, espiar se não trai. Com que prazer este tipo não comeria o Lutamos, frito com óleo de palma...(PEPETELA, 2013, p. 33-34)

Na passagem, vemos ainda que o Comandante Sem Medo reforça a percepção da profunda hostilidade do Chefe das Operações (kimbundo) em face de Lutamos (cabinda).

⁴¹ Vewê é kikongo, etnia que, como salientamos anteriormente, é originária da região norte de Angola. A fronteira norte de Angola é toda ela compartilhada com a República Democrática do Congo, a maior nação francófona do mundo (à frente da própria França). Tendo em vista o que já afirmamos logo no início, no sentido de que as divisões territoriais dos países africanos foi feita por suas metrópoles, com atenção exclusiva a seus próprios interesses e separando etnias nativas, chama a atenção que esse guerrilheiro que certamente vivia em território angolano (tanto que buscou o MPLA para alistar-se), fala mal o português. Fala sua língua nativa, o kikongo, e o francês, certamente pela influência do país vizinho na sua etnia.

4.1.3.4 A fome na base e a desestabilização do comando

Com o avanço da trama, surge um desequilíbrio no Comando do grupo guerrilheiro. Como já havíamos salientado, eram três as posições de chefia, pela ordem: acima de todos, o Comandante geral, posição ocupada por Sem Medo; abaixo dele, o Comissário Político e, por fim, o Chefe de Operações. Durante boa parte do tempo, os dois primeiros estiveram bastante afinados, sendo que, também como já salientamos, embora de origens tribais diferentes, eram indivíduos esclarecidos e haviam superado qualquer visão etnocêntrica da realidade. Esse equilíbrio se rompe quando o Comissário confronta aberta e publicamente o comandante. Surge então a possibilidade de um rearranjo de forças, já que, até esse momento, sempre o Comandante e o Comissário agiam em concordância, havendo apenas eventuais divergências do Chefe de Operações, sempre voto vencido nas decisões colegiadas.

Esse quadro desgostava muitos guerrilheiros, particularmente os kimbundos mais ligados ao tribalismo, como Milagre e o próprio Chefe de Operações. A perspectiva de um rompimento do alinhamento automático do comissário com o comandante abria a perspectiva de que os dois kimbundos, o Comissário e o Chefe de Operações pudessem passar a posicionar-se juntos, fazendo do comandante geral voto vencido.

Essa desestabilização da tríade de comando teria sido também em parte provocada pela crise no fornecimento de alimento, a partir da cidade congoleza de Dolisie, onde estava instalado o *bureau* administrativo. As tensões se avolumaram com a perspectiva da fome e o Comandante Sem Medo, percebendo algo de estranho no grupo, chamou dois dos homens para uma patrulha, apenas pretexto para que sondasse o que ocorria no centro da tropa. Inquirindo Muatiânvua, sua resposta mostra o tamanho do emaranhado de expectativas que assombrava o pequeno grupo. Na origem de tudo, o fator tribal:

– O que se passa é que está a haver agitação na Base. Uns dizem que se não há comida é porque a direção não faz confiança no Comando da Base, que está dividido. Outros que porque o Comandante não serve e não faz ações que justifiquem a comida. Outros, esses são poucos, dizem que a culpa é dos civis e que é preciso mudar as coisas. Há os que são pelo Comandante, os kikongos; os que são pelo Comissário contra o Comandante; os que são pelo Chefe de Operações, contra o Comissário e o Comandante; os que são pelo Chefe de Operações e o Comissário contra o Comandante; enfim, são esses...

Sem Medo sorriu tristemente.

– E os que são pelo Comandante, sem serem kikongos, ou pelo Comissário, sem serem kimbundos?

– Há, mas, eh pá, são poucos!

– Pelo que compreendo, há quem pense que entre mim e o Comissário há problemas...

– Sim. Desde ontem...(PEPETELA, 2013, p. 104-105)

A menção ao dia anterior se liga ao momento em que o Comissário, surpreendendo a todos, confrontou o Comandante, por causa da sua reação agressiva em face de um dos guerrilheiros. Percebe-se a dificuldade da posição de comando de uma tropa tão fragmentada. Perfeitamente ciente do envenenamento dos ânimos pelas questões tribais, Sem Medo faz a inquirição chave ao interlocutor, indagando-o sobre os que o defendem, sem serem de sua etnia (kikongos) e sobre os que defendem o Comissário, sem serem kimbundos. A resposta, resume tudo: são poucos. Ou seja, toda a cisão está, em última instância, calcada no fator tribal.

Esse momento de desestabilização na hierarquia de comando acaba sendo mais significativo do que se poderia imaginar a priori. Ele permite que a fervura tribal que parecia controlada sob o manto da ordem e da disciplina comece um processo de ebulição. A percepção do enfraquecimento do Comandante encoraja as reações tribais. Basicamente, apenas dois guerrilheiros, Ekuikui e Muatiânvua, os destribalizados, torcem para que as relações entre Sem Medo e o Comissário Político voltem a se harmonizar de forma a se restabelecer a paz no interior do grupo. Os kikongos e especialmente os kimbundos, mais numerosos, colocam-se em posições antagônicas. O fato é que Sem Medo e o Comissário têm em comum a postura ética e a lealdade aos ideais revolucionários e aos companheiros de combate e recusam-se a adotar qualquer posicionamento que possa, ainda que remotamente, rescender a tribalismo. Mais do que isso, existe uma admiração recíproca e uma amizade consolidada entre eles, de forma que as estruturas de comando não se romperão. No trecho do diálogo abaixo, os dois trocam impressões sobre o que se dá entre os comandados. Percebe-se a força do elemento étnico a colocar em risco agudo a estabilidade, sem a qual o ideal comum não poderá ser alcançado:

– Sabes o que se passa na Base? Há o campo kimbundo e o kikongo. Ambos os campos desejam a nossa ruptura, para terem um chefe de fração, pelo que entendi.

– À parte os elementos destribalizados, que são pela nossa união – disse Sem Medo.

– Exato. A tensão tribal tem vindo a crescer desde a missão. Os kimbundos não estão contentes por causa do que aconteceu ao Ingratidão e por causa do André...

– Lá nisso do André têm razão...

– Os kimbundos atribuem os erros todos ao André, mas também a ti. São os dois kikongos mais em vista. Querem pois um conflito, de modo que eu tenha de me apoiar neles contra ti. Os kikongos, por seu lado, defendem o André e querem que tu te coloques como o líder militar kikongo que expulsa os kimbundos do Comando.

– O azar dos kikongos é que não posso com o André e não o escondo.

– E o azar dos kimbundos é que entre mim e o Das Operações...

Riram os dois, como duas crianças que enganaram os pais.

Muatiânvua e os companheiros ouviram os risos e apertaram os braços uns dos outros.

– O Das Operações está a trabalhar na sombra – disse o Comissário. – Toda a tarde estive em conferência com os kimbundos, até mesmo com o Teoria... Chamou-o a sós!

– Ah, bom? O tribalismo nele é mais forte que o racismo? Não o pensava (PEPETELA, 2013, p. 117-118).

Merece uma referência a deliciosa sutileza crítica da última frase acima, dita por Sem Medo. Num lance, aponta dois defeitos do pensamento e da postura do Chefe de Operações e, ao mesmo tempo, assegura que não se deixa, ele próprio, contaminar por essas distorções de enfoque. Essa observação corrobora também o que vimos dizendo. A teia de desconexões raciais é muito intrincada, incluindo não apenas as rivalidades entre as tribos nativas de Angola, mas também a visão reticente para com o mestiço (Teoria).

A situação da fome gera diversas implicações baseadas em fator étnico. Atento à delicadeza da situação, o Comandante orienta o Comissário, responsável pela disciplina, a “evitar dar castigos em caso de conflitos tribais, pois a fome acentuava o nervosismo e o tribalismo” (PEPETELA, 2013, p. 125). Mais adiante, tratando ainda da questão com o Comissário, Sem Medo avalia como seria fácil, no quadro instalado, promover ou simplesmente insuflar um levante contra André. Mesmo assim, avalia que, a despeito da revolta geral com a fome na Base motivada pela inércia de André, a solidariedade tribal poderia prevalecer em parte do grupo:

– (...) Porque era fácil agora provocarmos aqui um levantamento. Haveria coisa mais fácil que levar os guerrilheiros até Dolisie para o prenderem? Brincadeira de crianças!

(...)

– Quais seriam os guerrilheiros que não o fariam? Só os kikongos. Mas mesmo esses talvez marchassem, se eu os convencesse.

(...)

– Perderias totalmente o prestígio perante eles.

– Se soubesses como estou cagando para esse prestígio tribal! Se não o faço, não é por isso...(PEPETELA, 2013, p. 130)

4.1.3.5 A traição de Ondina e o desvio de conduta de André

Outro momento do enredo que favorece a manifestação de rivalidades tribais é o episódio da descoberta de relação sexual mantida entre André, o responsável pelo *bureau* em

Dolisie, e Ondina, professora do Movimento e noiva do Comissário Político. O fato, penoso por si só, uma vez que descoberto, é agravado pelo componente tribal. André é kikongo e o Comissário, como sabemos, kimbundo. O que poderia ser um episódio de conflito pessoal acaba se transformando num grave mal estar tribal. Refletindo sobre o ocorrido, Sem Medo conclui:

André era kikongo e Ondina noiva dum kimbundo. Não é preciso ser feiticeiro para adivinhar o clima que reinará em Dolisie, pensou Sem Medo. O André enterrou-se definitivamente. Enquanto tinha amantes congolezas, as pessoas murmuravam mas não ousavam agir. Agora era diferente (PEPETELA, 2013, p. 135).

O fato acaba obrigando Sem Medo a deixar a Base e dirigir-se a Dolisie. Chegando ao *bureau*, é interpelado pelo funcionário do local, Kandimba, que até então se subordinava a André. Chama a atenção como Kandimba extrapola os limites do episódio, nitidamente de caráter pessoal, nele colocando um colorido tribal, que chega, inclusive, a respingar no próprio Comandante Sem Medo. Este, por seu turno, reage com serenidade, repelindo a indevida generalização, mas sem tornar-se áspero. Sua reação comedida diante da asserção estúpida de Kandimba, mostra que Sem Medo já estava preparado para enfrentar a agudização das diferenças tribais:

- Então vocês agora metem-se com as mulheres dos outros? – disse Kandimba.
 - Vocês?
 - **Sim, vocês, os kikongos.**
 - Está lindo isto aqui! – disse Sem Medo.
- Acabou o pão e foi tomar banho. Kandimba passou-lhe a toalha.
- Está mau – disse o velho. – O camarada André fez bem em fugir, senão tinha levado um tiro.
 - Era o que ele merecia – disse Sem Medo.
 - Acha que sim?
 - Por que não? (PEPETELA, 2013, p. 151; grifos nossos)

O episódio provoca tal desestabilização, inclusive com a necessidade de substituição do responsável administrativo da região, o próprio André, que a Direção Geral tem de enviar um dirigente, seu representante, para controlar a situação e tomar as providências devidas. Esse responsável relata a Sem Medo que, na véspera da chegada do Comandante, ele realizara uma ampla reunião em que se multiplicaram as críticas e reclamações contra André entre os militantes, sem que ninguém o defendesse. Sem Medo então comenta que “as acusações são todas verdadeiras” e arremata perguntando: “Como é que o iam defender?”. A despeito disso,

Sem Medo pondera que André ainda tem seus apoios, que o dirigente sabe serem apoios tribais. À afirmativa de Sem Medo de que na região tudo funciona assim, com terrível influência de fatores étnicos, o dirigente pondera, numa espécie de desabafo conformado: “Não penses que é só aqui. Nas outras Regiões é a mesma coisa. O tribalismo é um fenómeno objetivo e que existe em todo o lado” (PEPETELA, 2013, p. 153).

O próprio André, talvez por desfaçatez, quiçá de forma sincera, está convencido de que há um fator tribal de fundo agravando sua condição. Sendo kikongo e tendo ofendido um companheiro kimbundo, acredita que foi abandonado pelos que até então o bajulavam, os quais “fugiram com medo dos kimbundos. Não há dúvida que são os kimbundos que fazem a lei” (PEPETELA, 2013, p. 168).

4.1.3.6 A fuga de Ingratidão do Tuga

Como já mencionamos em seção anterior, após a prisão dos cabindas que estavam trabalhando para os portugueses na derrubada de árvores da floresta, para fins de exploração de madeira, houve a subtração de valor em dinheiro que fora apreendido com um dos prisioneiros, apurando-se ser um guerrilheiro kimbundo, Ingratidão do Tuga, o responsável. Essa situação colocou uma grande dificuldade operacional: a maioria dos guerrilheiros era da mesma etnia do autor da subtração, inclusive aqueles que guardavam o Depósito na cidade de Dolisie, onde funcionava a prisão improvisada. O risco de facilitação da sua fuga era imenso. De fato, de alguma maneira que o texto acaba não esclarecendo, Ingratidão do Tuga, que estava preso ali provisoriamente, aguardando julgamento e decisão sobre seu futuro, consegue fugir.

Esse é um episódio bastante significativo, que indica o tamanho da dificuldade de se manter uma organização moldada em bases militares (que exigem obediência hierárquica e disciplina rígida) com rupturas e lealdades tribais falando mais alto do que as exigências da organização. A solidariedade entre os kimbundos foi mais forte do que o apreço pelo certo, a ponto de guerrilheiros da mesma etnia favorecerem sua fuga.

A situação é agravada porque a fuga se dá em meio à desestabilização provocada pelo desvio de conduta de André, que se envolveu com a noiva de um companheiro. Aparentemente, a aposta de quem favoreceu a fuga era a de que, no meio de um grave abalo da ordem provocado por um kikongo (André), que ofendera um kimbundo (o Comissário, noivo de Ondina), não haveria clima para que um kimbundo fosse sancionado pela fuga de Ingratidão. O fato é que aquele que assim agiu e essa condescendência esperava não conhecia bem Sem Medo e sua determinação. O Comandante ordena, embora prevendo que sua deliberação enfrentará forte

resistência tribal, que os guardas do turno da fuga cumpram a prisão em lugar do fugitivo, até que algum se aponte como responsável. Na ocasião, é assim que ele se dirige aos seus comandados:

— Camaradas, sei que vai haver agitação, estava à espera dela. Vão atirar mais isto para cima do camarada André. Neste caso ele não tem nada a ver, sabem tão bem como eu. Vamos falar claro! O Ingratidão é kimbundo, a maioria de vocês também o é. Algum malandro aproveitou a confusão de Dolisie para o libertar. Pensaram que se não tomariam medidas porque, como o André é kikongo e cometeu crimes, ninguém ousaria tomar uma medida contra um kimbundo. Pois eu tomo! A mim não me interessa se este é kikongo ou kimbundo. Sou contra aquele que comete. Não podem negar que eu era contra o André, pois ele fazia muitos erros de propósito. E ele é quase meu parente. Todos aqui me conhecem. Só os cegos ou os desonestos podem dizer que faço tribalismo (PEPETELA, 2013, p. 173).

Manifestação firme, mas serena, chamando os subordinados à responsabilidade e ao compromisso com o Movimento. Bem ao estilo de Sem Medo.

4.1.3.7 Outras manifestações da força centrífuga no enredo

As manifestações de tribalismo e de reação a ele não estão presentes apenas nas passagens mais significativas do enredo. O texto está tão embebido desse tema que até mesmo em episódios secundários, sem maiores implicações para o destino da trama, a questão se manifesta. Em certo momento, quando novos guerrilheiros chegam para compor o grupo chefiado por Sem Medo, há um evento tradicional, a deliberação do apelido que será dado a cada um dos novatos. Em certo momento, quando Ekuikui, que é umbundo, propõe um apelido a um dos novos na sua língua, que não é a do recém-chegado, Sem Medo reage:

– Deixa lá o teu umbundo – cortou Sem Medo. – Ou lhe dás um nome na língua dele, ou em português, que é de todos. Mas não na tua... Aí começa o imperialismo umbundo! (PEPETELA, 2013, p. 69)

4.2 As manifestações da força centrípeta

Como vimos salientando ao longo do texto, só um ideal muito significativo poderia fazer frente à complexa relação de tensões raciais (e também pessoais, embora essas existam em qualquer agrupamento humano) presente no grupo de guerrilheiros comandados por Sem Medo. Essa força foi produzida, inconscientemente, pelo colonizador: seu domínio

espoliativo, sua violência, seu preconceito e sua soberba. Foram esses os componentes que permitiram nascer entre os angolanos – e entre nossos guerrilheiros de *Mayombe* em particular – um sentimento praticamente incontrolável de liberdade e, conseqüentemente de expulsão do colonizador.

Já vimos que o governo português só foi começar a aceitar a ideia de independência de suas colônias africanas após a Revolução dos Cravos em 1974, contudo, a essa altura já não havia mais como esperar e o confronto chegou ao seu ápice. Até então a absoluta intransigência de Lisboa havia forçado os angolanos a pegar em armas e usar da tática de guerrilha para buscar a libertação.

Esse ódio, esse ressentimento e, mais que tudo, o desejo de liberdade catalisaram, as energias e os sonhos dos angolanos. Se não era possível que se chegasse à independência pela via negociada, então o recurso às armas era o caminho inevitável. E o texto mostra, em várias passagens, que os guerrilheiros estavam realmente dispostos a alcançar seu objetivo, até porque um povo não recorre a uma guerrilha de libertação de forma leviana. Uma das passagens mais significativas nesse sentido é a da preparação de uma emboscada a um grupo de soldados portugueses. A perspectiva do ataque não fora planejada no início da incursão guerrilheira, que deveria durar apenas alguns dias longe da Base. Não havia alimento e a consecução do objetivo implicava em dois dias de fome, já que o alimento acabaria. O Comandante Sem Medo, disposto a realizar o sacrifício, indaga os guerrilheiros sobre sua adesão à proposta e estes, unanimemente e com empolgação, mostram-se dispostos ao sacrifício em nome do ideal comum:

– Vamos voltar para trás e fazer uma emboscada na estrada. Os trabalhadores vão dizer que voltámos para o Congo e os tugas não esperarão encontrar-nos na estrada. Mas é preciso tomarmos um bom avanço. Claro que não temos comida suficiente para estes dias a mais que passaremos longe da Base. Teremos de fazer sacrifício. Mas, se a operação for bem sucedida, o Comando pensa que vale a pena passar uns dois dias sem comer. Se os camaradas estiverem de acordo. Estão de acordo em aguentar mais um bocado e dar uma porrada valente no tuga? Os guerrilheiros, sem exceção, aprovaram entusiasticamente (PEPETELA, 2013, p. 38-39).

É importante observar que se as manifestações da força centrífuga no romance se fazem mais marcadas na caracterização dos personagens, recurso que é reforçado pela repartição da voz narrativa pelo narrador principal, a força centrípeta surge quase sempre em passagens do enredo e em diálogos que são travados nos momentos de repouso dos combatentes, às vezes mais significativas, outras vezes merecedoras de menor atenção do narrador. Várias são essas passagens, mas dentre todas, uma talvez possa resumir esse ideal agregador que consegue se

sobrepôr a muralhas de incompreensão e ressentimento tribal. Trata-se de momento em que, ao final de uma longa conversa sobre os rumos e razões do movimento de libertação nacional, o Comandante Sem Medo e o Comissário Político trocam as seguintes palavras:

– Eu sei, ele falou-me disso. Pôs essa dúvida. Respondi-lhe que não recuarás porque as tuas razões de lutar são sinceras.

– Quais são?

– Quais são? Enfim, sei lá! **São razões humanas, de crença numa necessidade de justiça, de ódio à opressão... as mesmas que as nossas** (PEPETELA, 2013, p. 114; sem negrito no original).

Em outra passagem, quando percebem que as minas deixadas perto do buldózer (máquina de terraplenagem) explodiram, certamente por contato dos soldados portugueses com o artefato explosivo, “os guerrilheiros riram, segurando com mais firmeza as armas” (PEPETELA, 2013, p. 48). Desnecessário dizer que apenas uma relação profundamente marcada pelo ódio pode fazer com que se ria do grave infortúnio de outro ser humano.

Igualmente, só um sentimento profundo de asco e execração poderia justificar outra passagem eloquente do texto no que se refere ao compartilhamento pelos guerrilheiros de uma sensação comum a irmaná-los na aversão ao português invasor. Trata-se do teor do bilhete deixado pelo próprio comandante junto ao trator destruído:

SACANAS COLONIALISTAS, VÃO À MERDA, VÃO PARA A VOSSA TERRA. ENQUANTO ESTÃO AQUI, NA TERRA DOS OUTROS, O PATRÃO ESTÁ A COMER A VOSSA MULHER OU IRMÃ, CÁ NAS BERÇAS!

E deixou o bilhete bem à vista, no meio do terreno minado. **Os guerrilheiros sorriam** (PEPETELA, 2013, p. 31-32; maiúsculas no original – negritos nossos).

Na construção da percepção do leitor da gravidade da violência e da usurpação presentes no domínio português em Angola algumas passagens do texto merecem destaque. Tão chocantes são os episódios que naturalmente se forma no leitor a compreensão de que a repulsa àquele invasor e ao estado de coisas por ele engendrado é a única reação esperável de um espírito humano tão brutalmente acuado. Essas passagens são decisivas para a caracterização da presença da força centrípeta no texto, uma vez que mesmo povos inimigos estão dispostos a somar forças para afastar esse mal maior. Lembremo-nos, por exemplo, do episódio narrado por Milagre e já referido acima no tópico 3.2, onde ele se faz menção à forma como seu pai, pobre camponês plantador de café, foi morto pelos portugueses, enterrado na terra até o pescoço, tendo a cabeça arrancada pela passagem do trator.

A força invisível que une os guerrilheiros de *Mayombe* pode ser percebida em sinais discretos, mas eloquentes. Como temos visto ao longo de nosso estudo, a força desagregadora gerada pelas rivalidades tribais se manifesta em inúmeras situações ao longo da narrativa, mas, ainda assim, com frequência o companheirismo e a fraternidade na luta vêm à tona entre os combatentes, ignorando então qual sua origem étnica, através do gesto dos abraços. Em algumas situações ao longo do texto, em momentos de particular tensão ou mesmo em passagens onde haverá uma separação temporária do grupo ou quando ocorre um reencontro, os guerrilheiros se abraçam e confraternizam-se espontaneamente. Vimos uma referência a isso logo no início do Capítulo 4. Em outra ocasião, quando um grupo de guerrilheiros e de civis avança sobre a Base, supostamente tomada pelos portugueses, e, na chegada, apercebem-se de que houve um grande mal entendido e que a base estava em situação de absoluta normalidade, sob o controle do MPLA, os guerrilheiros, profundamente aliviados, abraçam-se efusivamente. Nesses momentos, todo o ressentimento é superado pelo que compartilham, por aquilo que se tornou o mais importante motor de suas vidas: expulsar o invasor e ver Angola livre para os angolanos:

Passados os primeiros momentos de surpresa, os guerrilheiros correram uns para os outros. Abraçaram-se apertadamente. Os que ficaram na Base eram só doze, sentiam o perigo já longínquo, com a vinda do reforço. Os que chegavam riam de os ver vivos. A confusão de gritos e risos e abraços foi tumultuosa. Os homens olhavam-se, apalpavam-se para ver que em face de si estavam companheiros, e abraçavam-se (PEPETELA, 2013, p. 216).

A mesma reação se faz presente quando o Chefe de Operações (enviado por Sem Medo a Dolisie para providenciar alimento para os combatentes junto a André) retorna. Não se trata apenas da superação do flagelo momentâneo da fome, a chegada do alimento significa que a luta continua, que o ideal de expulsar o invasor português e ter o país só para seus filhos permanece vivo. Enfim, o alimento impede o colapso do grupo pelas dissenções étnicas agravadas pela fome e garante a sobrevivência do ideal comum:

A escola e o treino foram interrompidos pelo aviso do guarda: aproximava-se um grupo de homens. Os guerrilheiros abandonaram o que estavam a fazer, correram para a entrada do caminho, esquecendo mesmo as armas. Sabiam que só podia ser o grupo de reabastecimento do Chefe de Operações. Os abraços dos que chegavam e dos que os esperavam mostravam não só a alegria de se reencontrarem como também o sentimento de quebra do isolamento. O ambiente distendeu-se imediatamente na Base, com gritos e gargalhadas, abraços à mistura (PEPETELA, 2013, p. 133).

Voltando ao episódio da suposta invasão da Base, a rápida montagem de um comando de assalto com civis e guerrilheiros que estavam há algum tempo sem combater, protegendo o Depósito em Dolisie, de molde a socorrer os combatentes que eventualmente tivessem sido feitos prisioneiros e reassumir a Base nos fornece mais alguns elementos indicativos da força

centrípeta. Em primeiro lugar, percebe-se a força da união no momento da arregimentação dos voluntários. Sem Medo se dirige a todos e deixa claro que ninguém é obrigado a participar, que se trata de voluntariado. Apesar disso, todos se mantêm na firme determinação de participar da empreitada, não se verificando um único desistente. Essa reação dos militantes empolga Sem Medo que grita ao grupo: “Camaradas, o MPLA tem homens”. Logo em seguida, dirigindo-se a Vewê, o combatente que fugira e conseguira chegar a Dolisie para avisá-lo, o Comandante observa satisfeito:

— E que reforço! Viste como todos se ofereceram? Esqueceram as tribos respectivas, esqueceram o incômodo e o perigo da ação, todos foram voluntários – bateu na perna de Vewê. – É por isso que faço confiança nos angolanos. São uns confucionistas, mas todos esquecem as makas e os rancores para salvar um companheiro em perigo. É esse o mérito do Movimento, ter conseguido o milagre de começar a transformar os homens. Mais uma geração e o angolano será um homem novo. O que é preciso é ação (PEPETELA, 2013, p. 203).

Logo após a chegada à Base e a constatação de que se tratava de um mal entendido, surge, em especial no Comissário, uma insatisfação com o aparente desperdício de tempo e recursos gastos com a montagem de uma operação inútil. Visão radicalmente pragmática. Sem Medo, contudo, explode em efusiva gargalhada e, quando censurado pelo Comissário, explica seus motivos, em especial porque não considerou o ocorrido inútil, em absoluto:

— Que querem que se faça? Agora, só nos resta rir. Quem não compreende, paciência, que não compreenda! Mas eu prefiro que tenha sido uma surucucu que o tuga a invadir a Base. Esforço inútil? Acham inútil? Mobilizámos mais de trinta homens em menos de uma hora, com civis no meio. Sabem o que isso significa? **Se não sabem, não percebo por que estão aqui a dizer que lutam. Foi o mais extraordinário sinal de solidariedade coletiva que vi.** E de espírito combativo (PEPETELA, 2013, p. 218; negritos nossos).

Nota-se que, ao contrário do Comissário, que analisou o ocorrido de forma fria e pragmática, o Comandante sentiu o episódio como manifestação de coesão e fraternidade entre os combatentes e entre os próprios militantes civis. Em outras palavras, Sem Medo, como comandante, sentiu-se emocionado e orgulhoso de estar à frente de indivíduos que tinham uma alta capacidade de entrega, que não mediram esforços e nem se intimidaram quando se tratou de vir em rápido apoio aos companheiros em suposto perigo. Essa capacidade de entrega, essa solidariedade, essa demonstração de coesão são um reflexo evidente da união, contrapondo-se a toda e qualquer dissensão tribal.

Outras consequências advieram do acontecido. Assim como Sem Medo experimentou profunda satisfação com a reação de seus comandados, esses perceberam a capacidade de liderança e o poder de entrega do Comandante, reforçando-se os laços a unir comandados e

comandante. Refletindo sobre o ocorrido, ao tomar mais uma vez a narração para si, o Chefe de Operações observa que esse episódio fez com que os subordinados, em sua maioria kimbundos (usualmente reticentes com os kikongos, como o comandante) esquecessem por completo a questão tribal, a origem étnica do comandante, admirando-o como chefe e como militante do Movimento. Nítido exemplo da força centrípeta, superando o poder centrífugo das divisões tribais:

Mas o fato levou a uma grande mobilização e Sem Medo soube aproveitá-la e apoiá-la. Ele falou de maneira que todos sentiram que se comportaram como heróis. Quem não gosta de ser considerado herói? Hoje, Sem Medo ganhou o apoio dos guerrilheiros da Base e dos de Dolisie. Não se fala de outra coisa, só se fala do Comandante. **Esqueceram que ele é kikongo, só veem que ele é um grande Comandante** (PEPETELA, 2013, p. 221; grifos nossos).

Vem ainda do Chefe de Operações, personagem que se mostrava aferrado à visão tribal de mundo (é bom que se lembre), uma das últimas frases do romance e que, de certa forma, funciona como um arremate de toda a tensão racial presente no texto, indicando que a solidariedade e a fraternidade na luta pelo ideal comum podem e devem falar mais alto. Ele como que faz um *mea culpa*, convidando os companheiros a refletirem sobre o fato, atentando para com que eloquência o fator tribal se revelou insignificante. É significativo também o fato de que quem responde imediatamente a sua colocação é Milagre, até então um dos bastiões do tribalismo no grupo, sendo que sua resposta, carrega, ainda que de forma implícita a concordância com o Chefe de Operações. Ou seja, no momento culminante do romance, aqueles que talvez tenham representado os papéis mais acentuadamente marcados pelo tribalismo na trama mostram-se impactados pelos acontecimentos, permeados pela percepção de que a visão tribal pode não ser a verdade sagrada que até então se mostrava a eles:

O Chefe de Operações disse:

— Lutamos, que era cabinda, morreu para salvar um kimbundo. Sem Medo, que era kikongo, morreu para salvar um kimbundo. É uma grande lição para nós, camaradas.

Milagre, o bazukeiro, suspirou e disse:

— Foi um grande Comandante! E Lutamos um bom combatente! (PEPETELA, 2013, p. 244)⁴²

⁴² Recordemo-nos que ao longo de toda a história, Milagre repudiava o comandante e o guerrilheiro Lutamos, vendo-os como traidores, unicamente em razão de pertencerem a outras etnias. Essa espécie de arremate do enredo carrega a sugestão de que a convivência, o compartilhamento de experiências e do ideal comum são capazes de fazer ceder as divisões étnicas.

Há também algumas evidências de presença da força centrípeta na construção dos personagens, ainda que, como salientamos anteriormente, o quesito personagens seja de ampla prevalência de manifestações da fragmentação étnica e do ódio racista. Personagens como Mundo Novo e, principalmente, o Comandante e o Comissário representam claramente o ideal de união, que despreza qualquer fissura tribal e enxerga apenas o que une os combatentes. Não voltaremos a essas reflexões aqui, uma vez que foram completamente exploradas quando feita a análise de cada um dos principais personagens.

Há que se registrar, por fim, que em diversas passagens do romance, em especial nos momentos de combate ou de expectativa para o combate, quando certamente a ansiedade aumenta, corpo e mente se agitam, se pode perceber nos guerrilheiros uma significativa dose de idealismo no agir e orgulho de tomar parte de um processo de libertação nacional, em particular orgulho de fazê-lo dentro do MPLA. Partindo da premissa de que o romance foi escrito por alguém que viveu a luta dentro do MPLA e teve toda uma trajetória literária ligada à independência de Angola e à construção da nacionalidade, e que, portanto, certamente transferiu muito do que viveu para sua obra, é lícito supor que esse clima de idealismo e orgulho de fato se fizesse presente no MPLA. Enfim, muitos elementos do romance sugerem que, ainda que enfrentando o terrível obstáculo das graves fissuras étnicas, o Movimento foi capaz de unir. A força da união, ao final e em linhas gerais, conseguiu vencer a força centrífuga, tanto que, bem ou mal, a independência se fez, o colonialista foi expulso e o país livre nasceu⁴³.

4.2.1 O “tuga”

Há um personagem que, embora possa passar despercebido enquanto tal, também colabora de forma fundamental para a construção da união entre os combatentes de *Mayombe*. Na verdade, ele corporifica a própria força centrípeta atuante entre os guerrilheiros chefiados por Sem Medo. Trata-se do antagonista do romance, o “tuga”, o povo português invasor.

Sabemos que o antagonista “pode ser um objeto, um animal, um monstro, um espírito, uma instituição, um grupo social, uma limitação de ordem física, psicológica, social ou cultural” e é aquele que “dificulta ou impede que o protagonista alcance seu objetivo” (FLACH;

⁴³ Obviamente muito do que se sonhou antes da vitória final não pôde ser realizado. O sonho foi construído apenas em parte. Mas, tratando-se de um processo envolvendo seres humanos, é normal que se encontre o choque das virtudes e dos vícios, de forma que o resultado final dessa soma nunca será aquele que as almas mais puras sonharam. Em muitas de suas entrevistas, Pepetela tratou desse tema, o qual, inclusive, não escapou de sua produção ficcional. Um de seus livros, *A Geração da Utopia*, foi especialmente escrito para tratar do tema do confronto entre o ideário revolucionário de *Mayombe* e aquilo que efetivamente se conseguiu produzir em Angola pós-independência.

GONÇALVES, 2018, p. 126). Em *Mayombe*, o antagonista é um grupo social, o colonizador português e seu exército. É ele fundamental fator de união dos demais personagens, já que o que os reúne é justamente a repulsa a esse antagonista e o desejo de expulsá-lo (ou mesmo de eliminá-lo, caso ele não se disponha a partir).

Se, por um lado, é ele que permite a união de povos diversos, marcados por uma rivalidade histórica, é esse mesmo antagonista que impede que os protagonistas atinjam seu ideal: a construção de um país livre, no qual convivam em harmonia os diferentes povos que compõem a nação angolana.

4.3 A floresta do Mayombe como microcosmo do espaço angolano

Normalmente, o espaço dentro de um romance não é mais do que “o lugar onde se passa a ação numa narrativa” (GANCHO, 1997, p. 23), desempenhando algumas funções:

O espaço tem como funções principais situar as ações dos personagens e estabelecer com eles uma interação, quer influenciando suas atitudes, pensamentos ou emoções, quer sofrendo eventuais transformações, provocadas pelos personagens (GANCHO, 1997, p. 23).

Em *Mayombe*, no entanto, costuma-se enxergar no espaço algo além de suas funções tradicionais. Chaves (1999) acredita que a floresta do Mayombe, onde se dá a trama e cujo nome é emprestado por Pepetela para o romance, é muito mais do que um espaço exótico apto a satisfazer a curiosidade do leitor pelas belezas selvagens. Ela acredita que “o Mayombe é lugar de conflito e contradição, podendo, portanto, ser visto como uma representação de Luanda, a capital do país, onde a luta ia ganhando força” e que foi certamente o centro nervoso de todo o processo de independência (1999, p. 225). Noutro momento (2009, p. 130-131) a mesma autora, aduzindo que o espaço exerce papel de elemento estrutural da narrativa, sustenta que a escolha da floresta como cenário da estória indica a:

Incorporação do interior do território, numa atitude de quem compreende que é preciso estender a reflexão iniciada em Luanda, a capital à beira-mar construída. O olhar do escritor espalha-se para dentro do que precisa tornar-se um país. O movimento de ocupação partiu do litoral para o centro, consolidando pelo interior a invasão trazida pelos mares; o movimento de recuperação da terra não pode ignorar a importância de, inclusive no nível simbólico, envolver o interior.

Ainda segundo Chaves, a terra, a floresta, exerce de certa forma aquele papel que, nesse estudo, nós enxergamos desempenhado pela comunhão do objetivo comum de libertar a nação do invasor europeu: funcionar “como elemento de ligação entre aqueles homens movidos por

sentimentos vários e portando tradições diversas” (2009, p. 130). Isso mostra que, ainda que a autora localize essa necessidade em aspectos diferentes do romance, a premência de que se apresente um elemento que possa unir indivíduos e povos tão diversos é evidente. Seja o ambiente, seja o ideal, algo suficientemente forte se faz necessário para garantir a unidade. Apreciando-se de outra forma, pode-se concluir que o ideal comum e o espaço são, possivelmente, formas diferentes de enxergar a mesma coisa: o *ideal comum* é a libertação do *espaço* do jugo estrangeiro e sua disponibilização para os angolanos.

Também não nos parece que a floresta, por sua referência constante no texto, tratada como algo grandioso e mágico, seja uma simples escolha aleatória para funcionar como o espaço da trama, conclusão para a qual contribui a razão evidente de que o próprio livro recebe seu nome.

Amzalak, por seu turno, não apenas enxerga na floresta um papel mais significativo do que aquele normalmente desempenhado pelo espaço romanesco, como sustenta “que a verdadeira personagem central é realmente a própria floresta Mayombe, personificada e viva, conduzindo os sonhos, desejos e anseios das demais personagens e agindo na direção de seus destinos” (2018)⁴⁴. Essa visão, contudo, nos parece algo exagerada, ainda que concordemos com a especial condição da floresta no romance.

O que nos parece é que a floresta, embora não sendo propriamente um personagem, muito menos o personagem central, é mais do que uma representação de Luanda, é o próprio país. O Mayombe funciona como um microcosmo do espaço nacional angolano, onde encontramos suas várias etnias, as várias maneiras de pensar – desde aquelas apegadas ao mais rasteiro tribalismo àquelas elevadas para a utopia da construção nacional harmoniosa – e, do lado oposto, o exército inimigo que representa a empresa colonial espoliadora. Naquele espaço, representação de toda Angola, estão presentes todos os ingredientes relevantes do processo de libertação e construção nacional.

Nossa ideia muito se aproxima do que foi sustentado por Abdala Junior ao tratar da questão da floresta do Mayombe e de seu papel no livro homônimo de Pepetela. Para ele também, a floresta é a representação de Angola, “uma reunião simbólica de indivíduos e etnias diferentes do país” (2009, p. 175). Nessa análise, ele ainda caminha mais um pouco:

Estava latente nessa imagem a ideia de um estado-nação que contemplasse dialogicamente a diversidade dos povos angolanos e também a ideia de que o próprio processo de luta pela independência pudesse aplinar as diferenças entre eles, menos através do perverso deslocamento das populações acarretado

⁴⁴ Não há indicação de página por se tratar de e-book no formato kindle, não paginado.

pela guerra e mais pelo desenvolvimento de uma práxis entre os revolucionários que revelasse a humanidade latente nos indivíduos.

(...)

Essa imagem da floresta é evidentemente recurso estrutural do romance: cada capítulo tem – como os troncos de árvores diferentes, mais ou menos desenvolvidos – narradores diferentes, costurados desde a posição elevada do narrador (2009, p. 175).

Esse enfoque, como se pode perceber, não invalida – antes reforça – nossa hipótese de que a floresta possa ser vista como o microcosmo de Angola, a reprodução em escala “laboratorial” do país real⁴⁵, com as suas particularidades, sutilezas e feridas. Juntando essa concepção com a visão que vimos sustentando, de que o livro seria quase que um painel do conflito racial angolano, fortemente construído a partir da caracterização vigorosa dos personagens, os quais transitam por um enredo trivial, unidos por um ideal comum de expulsão de um povo invasor, podemos dizer que o romance estampa uma reprodução, ficcionalizada e controlada “em laboratório”, do cenário étnico-social angolano pré-independência e de sua dinâmica, quando se fez necessário agir em conjunto para alcançar um objetivo comum.

CONCLUSÃO

Ao contrário do que ocorre no campo das ciências da natureza, a pesquisa acadêmica nas humanidades e, particularmente, nos estudos literários, apresenta algum grau de insegurança metodológica. O que seria ou como se caracterizaria o estudo literário relevante?

Se nas ciências da natureza encontra-se assentado de há muito aquilo que se tem comumente chamado de método científico, baseado na reprodutibilidade e na temporalidade, há, no universo dos estudos acadêmicos nas humanidades, uma natural dificuldade no estabelecimento do que seja exatamente uma pesquisa.

Baseamo-nos, no presente estudo, nas ideias de Fábio Akcelrud Durão (2020), para quem, nos estudos dedicados a obras literárias, o convincente e o persuasivo substituem o verificável, até porque não há como trabalhar a noção de verificabilidade no campo da literatura.

⁴⁵ Há diversas passagens do texto em que existe referência à grandiosidade do Mayombe e, em especial, à sua capacidade de proteger os guerrilheiros. A floresta é muitas vezes descrita como uma união de árvores diversas e colossais que se unem no alto, nas copas e, assim, garantem a segurança dos guerrilheiros. A floresta, como a pátria, é mãe e, sob suas asas, protege seus filhos. Nesse sentido, logo no início do capítulo II, se afirma: “O Mayombe tinha aceitado os golpes dos machados, que nele abriram uma clareira. Clareira invisível do alto, dos aviões que esquadriavam a mata, tentando localizar nela a presença dos guerrilheiros. As casas tinham sido levantadas nessa clareira, e as árvores, alegremente, formaram uma abóbada de ramos e folhas para as encobrir” (PEPETELA, 2013, p. 67).

Assim, o estudo acadêmico no âmbito da literatura é aquele que se dedica a buscar o que há de significativo, de essencial num texto, e que, uma vez encontrado, lançará luzes sobre ele, permitindo olhares mais ricos e lúcidos. Diferentes pesquisadores poderão chegar a conclusões diversas, até porque a obra de arte (literária, no nosso caso) é plurissignificativa, sendo que todas elas poderão ser válidas se se revelarem esclarecedoras, reveladoras e, necessariamente, se superarem um juízo de adequação à materialidade do texto, ou seja, não se poderá aceitar algo que se aproxime do devaneio e que negligencie o próprio objeto de análise.

Há uma natural dificuldade de se delimitar em termos objetivos esse processo, já que nele, ao lado da objetividade tal qual a entendemos, operam sensibilidade, argúcia perceptiva e (por que não?) imaginação. O papel do pesquisador é, aqui, mais sentido do que no campo das ciências da natureza, dado que a distinção entre sujeito pesquisador e objeto pesquisado não se faz de forma absolutamente nítida. O pesquisador entrega algo de si na pesquisa que realiza. Em outras palavras, o resultado do trabalho empreendido não é puramente objetivo, mas carrega algo da subjetividade de quem o realizou.

Para essa busca do conteúdo essencial, do aspecto mais significativo da obra literária enfocada, o presente estudo utilizou-se da ideia de hipótese interpretativa, tal qual formulada por Fábio Akcelrud Durão (2020). Sabe-se que essa hipótese interpretativa é produto de uma análise pessoal do pesquisador, mas, uma vez apresentada, deve-se mostrar convincente, reveladora, iluminadora para os demais analistas. Sabe-se, mais do que isso, que não seria exato falar precisamente em conteúdo essencial, mas, talvez, em conteúdos essenciais, já que a individualidade de cada pesquisador poderá conduzi-lo por caminhos diversos, todos eles igualmente válidos, desde que se mostrem persuasivos e convincentes. A obra de arte apresenta um dado de enigmaticidade e, como sabemos, uma riqueza de significações que não autoriza que se pense em esgotá-la com uma única análise.

Nossa hipótese interpretativa de *Mayombe* é a de que o livro retrata a floresta como um microcosmo de Angola, uma reprodução controlada, laboratorial por assim dizer, do país. Os personagens representam visões parciais presentes na sociedade angolana do período revolucionário, com suas paixões, ressentimentos, crenças, dúvidas e rivalidades. Mas, principalmente, os personagens representam as cisões tribais de um povo profundamente dividido, carecedor de elementos culturais comuns capazes de fazer uma plena e resistente integração.

Nesse microcosmo, o vetor estrutural da narrativa é a dicotomia fragmentação tribal/unidade revolucionária. O romance, portanto, é produto da tensão permanente entre as rivalidades e dissensões tribais de um lado e o desejo de união de outro, representado este último

pela premência da junção de esforços com vistas à expulsão do inimigo comum e à construção de um país livre para o seu povo.

Dessa forma, todo o texto está carregado de elementos indicativos da permanente tensão entre esses dois fenômenos, produtores de forças antagônicas: uma conduzindo todos os personagens em direção ao centro, à união (a força centrípeta), outra afastando-os, desintegrando-os (a força centrífuga). E aí está o caráter delicado desse estado de coisas: somente a união de partes tão distintas (e que guardam um sentimento de repulsa recíproco) poderia conduzir ao sucesso, isto é, somente a soma das forças grupais angolanas poderia permitir a construção de uma potência capaz de expulsar o invasor português. Em outras palavras, indivíduos que pouco carregam em comum (e que muito ressentimento e rivalidade experimentam) teriam de estar unidos para alcançar o objetivo de todos.

Buscando elementos na trajetória pessoal de Pepetela, nos seus diversos escritos e em entrevistas concedidas, pareceu-nos que, mais do que um recurso criativo, puramente literário, de estruturação do romance, a tensão entre fragmentação tribal (força centrífuga, tendendo a afastar) e unidade revolucionária (força centrípeta, produzindo aproximação) era a forma como Pepetela enxergava a própria sociedade angolana do período histórico retratado no romance. Em outras palavras, o texto seria uma construção fictícia (personagens, enredo) profundamente inspirada na realidade tal como vista por seu autor. Seus personagens fictícios transitariam, por assim dizer, por uma Angola real, ou pelo menos, por uma Angola tal qual vista pelas lentes do escritor.

Destacamos o fato de que Pepetela alistou-se no MPLA (assim como alguns outros expoentes da intelectualidade angolana do período) e que, conforme ele mesmo declarou, redigiu o romance na frente de batalha, normalmente no período noturno, após as ações militares de cada dia no *front*. Isso nos leva a afirmar que a história narrada tem todas as características de ser profundamente influenciada pelos episódios vividos por seu autor, o mesmo ocorrendo com seus personagens, certamente inspirados em larga medida em combatentes com quem ele conviveu. Daí o livro não se estruturar segundo o chamado esquema canônico da narrativa (esquema quinário) usualmente empregado nos romances. Não se trata de uma trajetória usual de enredo, com suas passagens comuns – estado inicial, complicação (ou força perturbadora), dinâmica, resolução (ou força equilibradora) e estado final. O texto se apresenta muito mais como um painel de episódios relativamente independentes, propiciadores da atmosfera de tensão entre as forças antagônicas citadas, e não como um enredo construído da forma tradicional. A sensação que se tem é que o autor pretendia falar dos dilemas do processo revolucionário angolano, em especial do antagonismo fragmentação tribal e unidade

revolucionária, de tal modo que o enredo é apenas o pretexto para que esse conflito aflore e se desenvolva.

Por esse motivo verificamos que o enredo não se apresenta especialmente relevante, isto é, a história narrada não é espetacular, repleta de reviravoltas e de lances surpreendentes. Isso nos permite aproximar a obra da categoria dos “romances sem história”, na linha definida por Assis Brasil (2019). Romances sem história seriam aqueles com enredo simples, muitas vezes quase inexistente, em que a força se situa nos personagens. Esse é, segundo nos parece, exatamente o caso de *Mayombe*.

Dentro dessa perspectiva, o vetor estrutural a que nos referimos, construído sobre a tensão entre elementos indicativos das forças de união (centrípetas) e afastamento (centrífugas) estaria apoiado essencialmente na construção dos personagens. Efetivamente, encontramos no romance personagens marcantes, com posições duras, frequentemente hostis, muitas vezes em antagonismo aberto com as visões de outros personagens. E o texto se aprofunda no aproveitamento dessas dissenções que, mais do que idiosincrasias, são as visões dos grupos étnicos representados pelos personagens.

A exploração da fragmentação tribal no romance, a partir da construção de personagens com posições fortes e marcantes, é reforçada pela natureza do narrador escolhido. Tem-se um narrador principal, em terceira pessoa, que, com frequência, cede a voz a diversos personagens que, por alguns momentos, passam a narrar a história a partir de seus enfoques individuais (narradores personagens). Esse recurso permite maximizar a força das visões fragmentárias existentes no grupo de combatentes cuja história é contada no romance e que compõe, como salientado, um microcosmo de Angola na sua fase revolucionária.

A Angola da segunda metade do século XX (e, certamente, a atual, já que cisões raciais profundas não são superadas de forma simples nem rápida), quando transcorre a história, era profundamente marcada por divisões étnicas. De um lado o branco, símbolo da metrópole espoliadora, da exploração dos negros e de sua pobreza. De outro, os nativos, explorados, empobrecidos e maltratados. No meio desse cenário de tensão, o mestiço, devendo-se destacar que alguns eram vistos como assimilados, dado que se inseriam no *status quo* da dominação branca dos colonos portugueses e outros não se mostravam inseridos no sistema, vivendo à sua margem, em condições de igualdade com a grande massa de população negra.

Ocorre que do lado da população negra nativa, as fissuras tribais eram graves. Os diferentes povos não possuíam uma herança cultural comum, fato que era agravado por frequentes confrontos bélicos que acirravam uma fratura social intensa. Havia, como ainda há,

três troncos étnicos mais importantes, os quais, por seu turno, possuíam diversas subdivisões: umbundos, kimbundos e kikongos.

Na construção de seus personagens, o romance explora a riqueza desse cenário, inclusive tratando da questão do mulato (Teoria), que, em última análise, acabava sendo visto como um pária, estranho entre os brancos, deslocado entre os negros, alvo de desconfiança lá e cá.

O processo de exploração colonial portuguesa em Angola, como ocorre com toda e qualquer empresa colonial, foi perverso, reservando aos nativos nada mais do que abuso, desapropriação, humilhação e miséria. Quando grande parte do continente africano já se encontrava em adiantado processo de descolonização, com independências acontecendo por todo lado, a África portuguesa era mantida sob a mão forte da ditadura metropolitana, que se recusava a negociar um processo de independência assistida, como se dava com as outras potências europeias detentoras de colônias africanas.

Quando, afinal, com a Revolução dos Cravos e com o fim da ditadura, o governo português se dispôs a pensar na concessão da independência a suas colônias na África Negra, já era tarde. A tensão crescera a tal ponto que não houve como esperar pela via negociada e a guerra pela independência teve início.

A particularidade angolana foi a de que, em razão da profunda rivalidade tribal, formaram-se ao menos três importantes movimentos de independência: além do MPLA, retratado no romance, a UNITA e o FNLA. Esses movimentos tinham muitas vezes uma matriz tribal, à exceção do MPLA que, desde o início, pretendeu-se multirracial e buscou arregimentar angolanos de todas as origens, embora tenha sido por vezes acusado, em especial pelos movimentos rivais, de ser controlado por kimbundos e mestiços.

A despeito disso, um dos grandes troncos étnicos angolanos, o umbundo, concentrado no centro-sul de Angola, longe de Luanda, epicentro da revolução, aderiu fracamente ao MPLA, preferindo, até mesmo por razões geográficas (e não apenas étnicas) reunir-se num grupo diferente. Assim, alistados na UNITA, apoiados pelos inimigos dos apoiadores externos do MPLA, esses angolanos empreenderam um conflito de mais de uma década com o MPLA, de forma que o pós-independência do país, além das naturais dificuldades, ainda se deu em meio a uma sangrenta guerra civil.

Toda essa complexidade do cenário social angolano foi aproveitada no romance. Há personagens kimbundos, kikongos, alguns destribilizados (que perderam suas raízes tribais), além de um personagem mestiço, um natural de Cabinda (onde se situa a floresta do Mayombe, palco dos acontecimentos narrados) e um umbundo. Nesse meio, existem aqueles aferrados a

suas visões etnocêntricas de mundo, em permanente hostilidade (administrada, pela força da necessidade) com os representantes de etnias diferentes, bem como há aqueles que superaram a estreiteza da visão tribal de Angola, conseguindo enxergar acima e além de determinismos étnicos, e que são capazes (como os fatos demonstram que Pepetela o era) de entender que uma nação coesa só se construiria com a superação desse tribalismo raso.

Entre os primeiros, que nada enxergam além de ressentimentos e hostilidades tribais, fazendo a leitura de cada fato e de cada ato pelas letras do tribalismo, merecem destaque Milagre e o Chefe de Operações. Do outro lado, figurando no grupo dos que foram capazes de superar o tribalismo, graças ao estudo e, às vezes, a terem experimentado a vida na Europa, como estudantes, estão o Comissário Político e o Comandante Sem Medo. Esses últimos exercem papel de colaboradores da força centrípeta em contraposição ao papel inverso representado pelos primeiros.

O texto traz um enorme número de elementos em que se manifestam os fenômenos antagônicos do sentimento de fragmentação tribal e de união motivada pelo ideal revolucionário comungado. Esses elementos são muitas vezes dados de construção dos personagens, potencializados pela configuração narrativa polifônica, e, em outras ocasiões, passagens do enredo propiciadoras da explosão dos abismos tribais, ou, em menor escala, eventos indicativos da prevalência da força aglutinadora.

Dentre os fatos reveladores da forte contraposição tribal existente no grupo, se situa, de forma eloquente, o episódio do envolvimento sexual entre Ondina, noiva do Comissário Político, e André, responsável administrativo pelo *bureau* na cidade congoleza de Dolisie. O que torna o episódio mais dramático é que André é kikongo e o Comissário Político, kimbundo. O que poderia ser um choque pessoal se torna um estado de tensão tribal, sentindo-se os kimbundos traídos pelos kikongos. Essa visão, felizmente para os destinos do grupo, não é compartilhada pelo Comissário e pelo Comandante Sem Medo que, como salientamos, superaram a visão étnica de mundo e percebem que se trata de uma questão sem qualquer componente tribal.

Por outro lado, há passagens indicativas da força do elemento de união, como é o caso da operação de resgate de possíveis combatentes feitos prisioneiros pelos portugueses no episódio da reação à suposta tomada da Base guerrilheira. Em poucos minutos, atendendo ao chamado do Comandante, que relatava a tomada da Base pelo inimigo e a possível existência de membros do MPLA feitos prisioneiros, foi possível montar uma operação de retomada, à qual atenderam todos os militantes civis chamados, além dos guerrilheiros disponíveis. Tratou-se de operação voluntária, como bem destacou Sem Medo àqueles que foram chamados a

compor a operação, contudo, todos, sem exceção, aceitaram participar, sem qualquer cogitação de cunho tribal ou sem qualquer indagação sobre a origem racial de eventuais prisioneiros. Sem Medo comemorou o episódio como uma clara demonstração de união em torno do ideal comum.

Por fim, uma palavra há que ser dita sobre a floresta do Mayombe, que dá nome ao livro. Deve-se ter em mente que a escolha de um título para uma obra não se faz de forma aleatória, de modo que há um significado oculto nessa decisão do escritor. Nessa linha de pensamento, alguns dos analistas de Mayombe já enxergaram na floresta um personagem ou mesmo a cidade de Luanda, centro nevrálgico dos levantes independentistas. Para nós, contudo, a floresta do Mayombe é uma representação de Angola, um microcosmo de toda a nação, sendo que o conflito entre o grupo guerrilheiro chefiado por Sem Medo e o exército português na região é uma imagem metonímica da própria guerra de independência do país.

REFERÊNCIAS

- ABDALA JUNIOR, Benjamin; SILVA, Rejane Vecchia Rocha e. *Literatura e Memória Política: Angola. Brasil. Moçambique. Portugal*. Cotia-SP: Ateliê Editorial, 2015.
- _____. Notas sobre a Utopia, em Pepetela. In: CHAVES, Rita; MACEDO, Tania (orgs). *Portanto...Pepetela*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.
- ABRANTES, Josber. *Meandros continentais: Revolução angolana e êxodo*. São Paulo: Expressão e Arte Editora, 2007.
- AMZALAK, José Luiz. *Análise de Mayombe de Pepetela*. S. l., 2018. Edição do Kindle.
- ANTUNES, Gabriela. Reler Pepetela. In: CHAVES, Rita; MACEDO, Tania (orgs). *Portanto...Pepetela*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.
- BRASIL, Luiz Antonio de Assis. *Escrever ficção: um manual de criação literária*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- BULFINCH, Thomas. *Mitologia: Histórias de deuses e heróis*. Rio de Janeiro: Harper Collins, 2018.
- CARVALHO FILHO, Silvio de Almeida. *Angola: História, Nação e Literatura (1975-1985)*. Curitiba: Editora Prismas, 2016.

- CHAGASTELLES, Tânia Maria Seggiaro. As sociedades africanas e o colonialismo. In: MACEDO, José Rivair. *Desvendando a história da África*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008. Edição do Kindle.
- CHAVES, Rita. *Mayombe: Um Romance contra Correntes*. In: CHAVES, Rita; MACEDO, Tania (orgs). *Portanto...Pepetela*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.
- _____. Pepetela: romance e utopia na história de Angola. *Via Atlântica*, São Paulo, n. 2, p. 216-233, jun. 1999. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/viaatlantica/article/view/48795/52871>>. Acesso em 22-09-20.
- DURÃO, Fábio Akcelrud. *Metodologia da Pesquisa em Literatura*. São Paulo: Parábola, 2020.
- _____. *O que é crítica literária?* São Paulo: Nankin Editorial; Parábola Editorial, 2016.
- EAGLETON, Terry. *Como ler literatura*. Trad. de Denise Bottmann. Porto Alegre: L&PM, 2019.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. 2ª. edição. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- FLACH, Alessandra Bittencourt; GONÇALVES, Francisco de Souza. *Tópicos avançados de teoria literária*. Porto Alegre: SAGAH, 2018.
- FRANCO JUNIOR, Arnaldo. Operadores de leitura da narrativa. In: BONICCI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana (orgs). *Teoria Literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*. 3a. edição. Maringá: Editora EDUEM, 2009.
- GANCHO, Cândida Vilares. *Como analisar narrativas*. São Paulo: Editora Ática, 1997.
- JOSÉ, Joveta. Angola: independência, conflito e normalização. In: MACEDO, José Rivair. *Desvendando a história da África*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008. Edição do Kindle.
- LODGE, David. *A arte da ficção*. Porto Alegre: L&PM, 2017.
- LOPES, Nei; MACEDO, José Rivair. *Dicionário de História da África: séculos VI a XVI*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.
- MOISÉS, Massaud. *Dicionário de Termos Literários*. 12ª. edição. São Paulo: Editora Cultrix, 2013.
- OLIVEIRA, Ariel Rolim. **Dissensões do universal: itinerários da imaginação nacional em Angola**. 2017. 144 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.
- PARADA, Mauricio; MEIHY, Murilo Sebe Bom; MATTOS, Pablo de Oliveira. *História da África Contemporânea*. Rio de Janeiro: Editora da PUC-Rio, 2013.

- PEPETELA. *Mayombe*. Rio de Janeiro: LeYa, 2013.
- REUTER, Yves. *Introdução à análise do romance*. Tradução de Angela Bergamini et al. 2ª . edição. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- SANTILLI, Maria Aparecida Campos Brando. In: CHAVES, Rita; MACEDO, Tania (orgs). *Portanto...Pepetela*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.
- SANTOS, Boaventura de Souza. *Um discurso sobre as ciências*. São Paulo: Cortez, 2018.
- SARTESCHI, Rosangela. O diálogo entre a literatura e história na constituição das identidades nacionais nos países de língua oficial portuguesa. In: Encontro Nacional da Anpoll, 23. 2008, Goiânia, Resumos, Belo Horizonte: ANPOLL, 2008.
- SILVA, Vítor Manuel de Aguiar e. *Teoria da Literatura*. 8ª. edição. Coimbra: Livraria Almedina, 2011.
- SOUZA, Mônica Lima e. Prefácio. In: CARVALHO FILHO, Silvio de Almeida. *Angola: História, Nação e Literatura (1975-1985)*. Curitiba: Editora Prismas, 2016.
- SOUZA, Roberto Acízelo de. *Um pouco de método: nos estudos literários em particular, com extensão às humanidades em geral*. São Paulo: É Realizações, 2016.
- STEPHANIDES, Menelaos. *Prometeu, os homens e outros mitos*. 4ª. edição. Tradução de Marylene Pinto Michael. São Paulo: Editora Odysseus, 2014. Edição do Kindle.
- VISENTINI, Paulo Fagundes. *As Revoluções africanas: Angola, Moçambique e Etiópia*. São Paulo: Editora UNESP, 2012.
- VISENTINI, Paulo Fagundes; RIBEIRO, Luiz Dario Teixeira; PEREIRA, Analúcia Danilevicz. *História da África e dos africanos*. 3ª. ed. Petrópolis-RJ: Editora Vozes, 2014.